

A person with a backpack is seen from behind, standing in a forest. The air is filled with falling leaves, creating a soft, golden glow. The person is wearing a light-colored shirt and dark pants. The background is a dense forest with sunlight filtering through the trees.

JEFERSON BIELA

SEM RUMO
SEM DINHEIRO
SEM LIMITES

A AVENTURA PEDE CARONA

À minha mãe Denise, por ter suportado e
compreendido os meus momentos de loucura...

Para Edith Benghi Varnier

Era um entardecer de domingo. Caminhava tranqüilamente, perdido em meus pensamentos e no tempo... alheio às pressas do mundo, das pessoas. Sentei-me em um banco e comecei a contemplar o pôr do sol - o mesmo sol que nos acompanhou desde o início até o final da nossa grande viagem há alguns anos. Um misto de alegria e nostalgia inundou o meu espírito com as recordações do passado. Lembrei-me da grandiosidade que é realizar um sonho, de fazer com que a vida passasse a ser vivida, de fazer valer a pena. Chorei. Sentia falta daquele tempo e daqueles momentos. Foi um ano em que tudo aconteceu e que marcou indelevelmente a minha vida. As lágrimas deixavam turva a enorme imagem cilíndrica e amarelada que estava em minha frente, como num sonho, tornando nítidas as minhas lembranças. Tudo o que aconteceu veio muito rápido e muito claro a minha mente, fazendo com que a emoção não me deixasse fixar em um único pensamento - emoções estas que só um homem livre consegue sentir. As lembranças dos lugares, das pessoas e, principalmente, da companhia dos meus grandes amigos, meus irmãos. Gostaria que eles estivessem aqui, agora. Gostaria de apertar-lhes as mãos, abraçá-los... compartilhar com eles desse mesmo pôr do sol que um dia testemunhou o fim da nossa jornada, da nossa grande aventura. Nesse momento, tudo fazia sentido. Há tempo não tinha essa sensação... e há tempo não via um pôr do sol como este.

I

"Não leveis nem ouro, nem prata, nem dinheiro em vossos cintos, nem mochila para a viagem, nem duas túnicas, nem calçados, nem bastão; pois todo operário merece o seu sustento"

Mateus 10, 9-10

Estávamos no final das aulas. Era dezembro. Muito mais ansiosos do que os outros, Jon, Cris e eu compartilhávamos um sonho. Enquanto o pessoal da nossa turma já pensava em faculdade, carreira e sucesso profissional, a única coisa que vinha as nossas mentes doentias era a grande viagem que planejávamos há alguns anos. A idéia dos nossos colegas ainda não nos tinha contagiado. Éramos livres e precisávamos provar isso para nós mesmos. Desde a oitava série tínhamos o desejo de sentir emoções em tudo o que fazíamos e, sempre em meio a acampamentos e escaladas, notávamos crescer dentro de nós uma vontade de ir além. Sentíamos a nossa amizade crescer com isso. Só que precisávamos fazer algo que realmente nos colocasse à prova. Algo que muitos sempre tiveram vontade de fazer, mas poucos ousaram ir tão longe. Fazer uma viagem. Mas não uma viagem qualquer, tinha que ser algo maior, mais longo, duradouro. Guardamos algum dinheiro nesses anos de planejamento e agora era o momento. Não deixaríamos escapar...

- Oi, mãe!
- Oi Jef, como foi o último dia de aula?
- Tudo bem – respondi, procurando uma oportunidade de falar-lhe sobre o assunto.
- Que foi, filho, algum problema?
- Sabe, mãe, pretendo fazer uma viagem.
- Que bom! Quem vai com você?

- O Jon e o Cris.
- Isso é ótimo! Quando pretendem sair?
- Nessa semana mesmo... vamos ficar um ano fora.
- Está bem, querido. Só não se esqueça de que a faculdade começa no início do ano que vem...
- Mãe, ano que vem não estaremos aqui. Enfim, consegui chamar a atenção...
- Que história é essa de não fazer faculdade? O que você está pensando da vida, não quer ser alguém?...e blá, blá, blá, blá... Sabia que essa iria ser a pior parte...
- Pois é, mãe, está decidido.

Virei as costas e saí, deixando-a falar sozinha. Claro que até entendo a preocupação dela. Acho que, se eu fosse mãe, também ficaria assim. Mas também acho que no final eu compreenderia. Mais tarde, falei com Jon e Cris. A repercussão em ambas as casas não foi diferente. - Minha mãe quer me matar - disse Cris, o mais novo de nós três, com seus inseguros 17 anos.

- Lá em casa não tive nenhum problema - afirmou Jon, com a auto-suficiência de quem recém atingiu a maioridade.

- Minha mãe falou que eu sou bem crescidinho e que tenho responsabilidade pra me cuidar sozinho.

Sabíamos que ele estava mentindo.

Nos encontramos lá em casa para acertar os preparativos. Ao chegarmos, percebemos que mamãe já nos tratava de maneira um pouco mais ríspida. Nem ofereceu café com bolo dessa vez.

- Qualquer coisa estamos no quarto, mãe! Ela não respondeu...

- Bom, pessoal, temos que nos organizar - falei, com toda suposta experiência que tinha nesse tipo de viagem - temos que levar uma barraca cada um, saco de dormir, roupas, cantil, fogareiro, máquina fotográfica, chinelos...

Fizemos uma relação de tudo o que precisávamos e, após repassarmos o briefing e arrumarmos tudo, concluímos que, depois da viagem, teríamos que fazer um ótimo tratamento na coluna. A mochila

pesava uma tonelada. Mas não importava, éramos livres e essa era a única coisa que interessava no momento...

II

Sempre achamos nossos nomes um pouco americanizados. Jeferson, Jonathan e Cristofer. Nunca entendemos a verdadeira razão deles. Provavelmente nossas mães assistiram à algum filme muito marcante (e americano) na época em que nos conceberam. Enfim, são apenas nomes. Resolvemos esperar a passagem do natal para sairmos. No dia seguinte, com um clima meio estranho em casa, o momento crucial. A despedida. Mamãe, chorando e sem entender nada, disse-me:

- Escuta aqui, seu ingrato, depois de todos esses anos te dando de comer, trocando as suas fraldas sujas, te cuidando e... blá,blá,blá,blá... e você faz uma coisa dessas!!! O que foi que a mamãe te fez?

- Nada, mãe, eu te amo... só vou viajar por uns tempos.

Abracei-a e fui me encontrar com Jon e Cris.

- É, cara, não foi fácil - disse-me Cris.

- Mamãe disse que não quer me ver mais em casa.

- Não se preocupe, falei a ele. - A vida é assim mesmo. - E você, Jon, deu tudo certo?

- Claro! Os meus pais nem esquentaram muito! mais mentiras...

Pegamos as pesadas mochilas e partimos rumo ao desconhecido. Fomos até a auto-estrada e começamos o ritual de tentativas frustradas de pegar carona. Não tínhamos as técnicas ainda. Os carros passavam por nós, como foguetes, sem dar-nos a chance de começar de maneira honrada a nossa querida aventura.

- Está ficando tarde - disse-me Cris, um pouco preocupado.

- Não esquentar. Alguém vai parar. Confie em mim.

- É, Jef, a gente confia em você, mas vamos tentar novamente amanhã, pode ser? Senti o sangue ferver.

- Claro.

Voltamos para casa. Mamãe veio nos receber.

- Nossa, já voltaram? Que bom! Querem que a mamãe passe um cafezinho? Essa foi a gota d'água.

- Não!!! Subimos até o meu quarto para reestruturar nossos planos.

- É, pessoal, acho que falhamos em alguma coisa.

- Será? – debochou o Jon.

- Cala a boca! A situação é essa: o pessoal não parou. Provavelmente, porque estávamos no lugar errado e na hora errada, concordam? Os dois balançaram a cabeça concordando.

- Devemos traçar um novo plano. Nova afirmativa dos dois.

Já estava começando a restabelecer a minha moral e impor, afinal, quem era o mais velho e experiente do grupo, com os meus 20 anos. - O meu plano é o seguinte: devemos tentar carona nos postos de gasolina. Os carros estão parados e o pessoal vai nos ajudar - é óbvio. Novo ânimo pra equipe. Cada um voltou pra sua respectiva casa, não como derrotados, mas sim como guerreiros prontos para a nova batalha. Logo pela manhã, após tomar um café bem reforçado, peguei a mochila - com todo o seu pesadíssimo conteúdo - vesti as minhas botas de lona velha com solado de pneu de caminhão e fui novamente despedir-me da mamãe.

- Um beijo, mãe.

Ela olhou-me com desdém e, mais animada com a provável nova tentativa mal sucedida, deu-me um beijinho.

- Não demore, tá? Provavelmente foram essas últimas palavras da minha mãe que me deram força pra continuar.

- Tchau... Nos encontramos e partimos, novamente, rumo a BR.

- Sabe onde é o posto mais próximo, Jef? - perguntou-me Cris.

- Claro que sei, é logo ali – respondi, sem ter a menor idéia de onde era.

- Nós confiamos em você! – falou, o sempre cínico Jon.

- Cala a boca, animal!

As pequenas ofensas eram uma constante em nosso relacionamento. Enquanto caminhávamos, senti certa insegurança. Na

verdade, uma enorme insegurança e acho que eles também sentiam o mesmo. Não é muito fácil trocar o certo pelo incerto. Trocar a segurança do lar e da família por uma estrada sem fim e ainda por cima, acompanhado por dois anormais.

- Estamos chegando? - perguntou Jon, em tom de queixa.
- Claro, é logo ali! - Respondi, esboçando um sorriso imbecil.
- Você me falou isso à uma hora atrás.
- Calma, confie em mim! - e continuei rindo.

Meia hora depois, avistamos um posto de gasolina. Chegando lá, começamos a abordar os carros que chegavam para abastecer. Pura idiotice. O dono do posto não achou graça e nos tocou de lá, ameaçando chamar a polícia. Ótimo! Jurava que o meu plano era infalível. Mas não me dava por vencido. Pedi a Jon e ao Cris que me acompanhassem.

- Vamos lá, tenho outra idéia... Os dois entreolharam-se, mas na falta de opções acabaram cedendo. Começamos a abordar os carros não mais dentro do posto, mas na saída. O plano era quase infalível. Demos sorte. Parou um casal de idosos e perguntaram se estávamos indo para o Sul.

- Claro! Pegamos as mochilas e entramos no carro.

Dávamos o pontapé inicial.

- De onde vocês são? - perguntou o bom velhinho que estava no volante.

- Do interior - respondi, sem entrar em detalhes e já emendando as devidas apresentações - o meu nome é Jef, aquele é o Jon e esse aqui é o Cris.

- Oi - disse Cris, timidamente.

Jon apenas mexeu a cabeça.

- Estamos indo pra bem perto da divisa entre os estados e vocês?

- Que coincidência, nós também! O bom nesse tipo de viagem é que você sempre pega carona para o lugar certo. A princípio a viagem começava de uma maneira não muito emocionante. A velocidade do Dodge não ultrapassava os 60 km por hora, enquanto a rádio tocava apenas músicas dos anos cinquenta, nada compatível com nossos gostos

musicais. O Rock dominava as nossas mentes estúpidas. Enquanto eles ouviam The Platters, nossas cabeças tocavam Pink Floyd, Led Zeppelin e ACDC. Eles sempre nos acompanharam nessas horas de angústia. Seguimos conversando e, após algumas longas horas de viagem, chegamos. Já estava tarde, as luzes das ruas começavam a se acender.

- Podemos deixar vocês no centro? – perguntou-nos o centenário motorista.

- Claro! Está ótimo. Descemos do Dogde e agradecemos a carona. Estávamos num lugar desconhecido e com pessoas desconhecidas. Foi nesse momento que nos demos conta do que estávamos fazendo, de que a coisa era pra valer. Estávamos completamente desorientados.

- Bom – disse, simulando alguma calma – temos que achar algum lugar para dormir.

- Estamos de acordo – falou Jon.

- Meu estômago já está roncando – reclamou Cris.

- Então vamos caminhar por aí...

Ficamos perambulando pela cidade à procura de algum lugar pra ficar. Já estávamos bem chateados quando passamos por uma muquifa que, com muita pretensão, intitulava-se hotel três estrelas. Chamou-nos a atenção a placa quartos baratos, precariamente pregada na fachada. Entramos. O atendente - um gordo fétido e suado – foi quem nos recebeu.

- Que que é?

- Queremos um quarto.

- É quinze paus.

- Os três? – perguntei, ingenuamente.

- Tá achando que isso aqui é albergue? Não respondi... - É por cabeça. Entreolhamo-nos. Vimos que se continuássemos desse jeito, nossa viagem não duraria uma semana.

- O senhor não deixa por dez?

- Não! – respondeu friamente o seboso.

- Então vamos procurar outro lugar. Demos as costas àquela figura repugnante e começamos a sair.

- Psiu, hei...esperem um pouco – falou o balofo, num tom muito mais doce – vou ajudar vocês... pode ser por dez paus.

- Ótimo. Chegamos ao quarto, após subir três andares de escadas com degraus beirando à extinção, e vimos o porquê do desconto de cinco paus. O aposento, além de minúsculo, era horrível. As paredes não viam a cor de uma tinta há algumas décadas, o armário estava pendendo para um dos lados, a janela não tinha vidros - apenas um plástico esticado e fixado com fita adesiva. Cheirava a mofo e tinha apenas duas camas, sendo uma de casal.

- O senhor não tem um quarto melhorzinho? – perguntei, já sem esperanças.

- Desconto é desconto – disse-nos, gesticulando e fazendo balançar a gordura flácida dos braços – e vejam só, tem até televisão! Ligou o dinossauro da época da minha bisavó - que obviamente não pegou - e com um golpe certeiro na lateral formaram-se, como que por milagre, algumas imagens.

- Viram só! – falou, com ar triunfante. É um idiota – pensei.

A minha vontade, ou melhor, a nossa vontade era de pegarmos as nossas coisas, dar uma surra no dono e irmos embora. Mas tínhamos adiantado o pagamento da espelunca. Aprendíamos mais uma lição.

III

Descarregamos as nossas coisas e tomamos um ótimo e relaxante banho de água fria, pois o chuveiro não funcionava. Na entrada do banheiro, que era coletivo, formava-se uma fila de sujeitos seminus, tatuados e mal-encarados. Não nos sentimos muito à vontade. Trocamos de roupa e descemos para fazer um lanche no restaurante do próprio hotel. A promoção do dia era X-salada com refri.

- Estão a fim de comer aqui? – perguntei a Jon e a Cris.

- Se a comida for tão boa quanto o nosso quarto... - queixou-se Cris.

- Não tô muito afim de sair agora. Vamos comer essa droga mesmo – resmungou Jon.

Como já era de se esperar, o lanche estava péssimo. O pão e a salada estavam murchos, o hambúrguer escorria gordura e a maionese estava um pouco pálida, sem graça. Mas o refri estava ótimo. Satisfeitos, subimos a escada podre em direção ao quarto. Estávamos chegando ao nosso buraco quando ouvimos um barulho por lá. Corremos, achando que estavam roubando as nossas coisas ou algo parecido. Era apenas o dono do hotel brigando com um dos clientes velhacos.

- Maldito, pague o que você deve!

- Não posso, não tenho dinheiro, não tenho nada!

- Então, rua...

Foi impressionante vermos um ser humano sendo arremessado escada abaixo e sem nenhum remorso pelo nosso opulento amigo.

- Viram o que fazemos com quem não paga a conta?

Demos de ombros e entramos no quarto para conferir nossas coisas e irmos dormir. Estávamos muito cansados, no entanto isso não foi o suficiente pra termos uma noite de sono muito generosa. Percebemos que a janta não tinha se alojado adequadamente em nossos estômagos quando começamos a nos revezar para ir ao banheiro despejar todo o X-salada com refri dos nossos corpos pútridos. Até mesmo Jon, com o seu sistema digestivo extremamente especializado, não assimilou muito bem a refeição. Mais uma lição: não comer qualquer porcaria.

- E aí, melhoraram? Perguntei, já observando o aspecto esverdeado que ambos apresentavam.

- Não, estou morrendo – responderam Jon e Cris em coro.

- Eu tenho pomada pra assaduras aqui, caso vocês precisem – brinquei.

- Vai se danar – responderam.

Apesar de tudo, tentei levar na esportiva. No meio da noite, quando estávamos finalmente pegando no sono, entrou um casal afoito no apartamento ao lado. Foi aí que percebemos que dormir seria uma tarefa bastante difícil. Meu Deus! O barulho que faziam era infernal, além de gritarem horrores. Como o chão era formado por tábuas corridas, podíamos ver a trepidação produzida por eles em toda extensão do nosso próprio quarto, o que otimizava consideravelmente o escândalo. Começamos a gritar e a bater na parede pra ver se acalmava um pouco os ânimos daqueles animais.

- Calem a boca, nos deixem-nos em paz! – gritou Jon.

Não adiantou. A maratona estendeu-se por quase toda a madrugada. Após algumas longas horas de amor, tudo ficou em silêncio. Sem gritos ou barulhos. Nada. Havia chegado a hora de dormirmos um pouco, descansar os nossos corpos e espírito por alguns breves instantes. Mas o destino tinha sido cruel conosco nessa noite. Como se já não bastasse toda a algazarra, o desgraçado do nosso vizinho roncava. E alto. Aquilo não era um ronco comum, era como se fosse o pranto de alguém que estava prestes a desfalecer. Definitivamente, a nossa primeira noite não foi das melhores, mas ainda nos sentíamos livres e isso era tudo. Amanheceu. Estávamos acabados. A noite foi horrível, num quarto horrível, dentro de um hotel horrível e com vizinhos horríveis. Levantamos. Apenas Cris quis se arriscar a tomar um banho rápido. Jon e eu achamos melhor não abusar da sorte. Arrumamos nossas coisas e partimos. Não sabíamos nem o nome da cidade e já estávamos saindo dela. Fomos conhecer um novo posto de gasolina, o qual nos abrigou por mais algumas longas horas nessa tarefa incrivelmente monótona de pedir carona. Tivemos a brilhante idéia de esperar na porta do restaurante, ao lado do posto. Víamos as pessoas saírem dali, felizes e sorridentes, com suas mãos acariciando seus estômagos fatigados. Ali estava a nossa próxima carona. Abordamos um cara grande e bigodudo que parecia estar de bem com a vida.

- Hã, carona? – Claro, entrem aí! – E soltou um arroto cavernoso.
- Tá indo pra onde? - perguntei.
- Tô indo pra capital – respondeu ele, emendando outro arroto.
- Puxa, que sorte, nós também. – E fomos.

Descobrimos, no decorrer do trecho, que o nosso novo amigo não produzia apenas lindas e intermináveis eructações; o seu poder ia além. Quando víamos a sua perna direita dar uma leve levantada, podíamos abrir um pouco mais o vidro do veículo.

- UAU! Esse chegou a arder os meus olhos!
- falou-nos, rindo às custas das nossas caras de náusea.

Jon identificou-se rapidamente com ele. Ambos arrotavam primorosamente. Era inacreditável ver o entrosamento que surgiu entre eles. Os porcos tinham se encontrado. Enquanto um entoava um trecho de alguma música, o outro completava com o refrão. Tudo em uníssimo acorde. Tenho que admitir que havia harmonia. Foi lindo. Com o canto do olho vi um movimento suspeito, já esperando o pior. Só vi aquela perna direita levantando e soltando o peido mais sonoro que eu já ouvi na vida. O fedor misturava-se às gargalhadas do nosso fétido amigo. As horas foram passando e o odor já não nos incomodava mais tanto. É incrível a capacidade de adaptação do ser humano... Graças a Deus tínhamos chegado ao centro da cidade. Estávamos na capital paranaense.

- Tchaaaaaaauuuuuuu! – despediu-se, com um arroto interminável, o nosso colega de carona. Jon emocionou-se com a performance.

IV

Seguimos caminhando em meio ao tumulto. Gente correndo pra lá e pra cá, trânsito, buzina, pivete correndo com a bolsa da velhinha, velhinha gritando, cachorro na esquina fazendo xixi. Víamos de tudo em tão pouco tempo. Fomos procurar um lugar pra ficar. Cris achou algo que poderia ser interessante. Uma placa branca escrita em vermelho Assistência Social. Provavelmente deveria ser alguma instituição que ajudava as pessoas e, coincidentemente precisávamos de ajuda. Fomos até lá. Uma senhora de óculos veio nos atender.

- Pois não?

- A senhora tem algum canto aí pra gente ficar? – perguntei, humildemente.

- Claro! Qual é o nome de vocês?

- Jon, Cris e eu sou Jef.

- Prazer, o meu nome é Tereza. Venham por aqui. Entramos em um corredor longo e escuro, cheio de portas. Estava frio lá dentro. Todos ficavam olhando, admirados. Pessoas como nós normalmente não freqüentam aquele tipo de lugar. Era um pouco triste ver os outros sofrerem, sem ter onde ir e doentes. Naquele momento, demos mais valor as nossas próprias vidas. Estávamos ali por opção.

- Podem ficar aqui – e apontou para um quarto no final do corredor
- Se sentirem frio ou fome, é só me chamar.

- Muito obrigado.

Provavelmente, ela nos colocou no melhor quarto. Era mais arejado e o sol batia em uma das paredes – a única que não apresentava sinais de mofo. Poderíamos passar a noite ali sem problemas. Não tínhamos almoçado, então fomos ver o cardápio da noite.

- Só tem sopa com pão – resmungou Jon.

- É melhor do que nada – repreendi-o.

- É verdade, está tudo ótimo! – apoiou-me Cris que, apesar de ser mais novo, era muito mais compreensivo e tolerante do que Jon.

A sopa estava ótima. Bem diferente da janta anterior. Comemos bem e resolvemos dar um passeio pelo lugar. Era um casarão antigo, cinza e precisando de algumas reformas. As paredes estavam em avançado estado de deterioração, descascando em diversos pontos e equilibrando enormes fragmentos de tinta, além das várias fissuras no teto e rachaduras no piso antigo. No centro da construção havia um retângulo descoberto onde, provavelmente, as pessoas tomavam sol. Fomos até lá. Estava vazio, com exceção do canto oposto onde estávamos. Havia lá algumas garotas.

- Oba! – exclamou Jon, babando.

- Que é isso, cara, devem ser freiras ou coisa do tipo – comentei.

- Vamos lá... só pra conversar um pouco, fazer novas amizades, essas coisas... e não esquentar a cabeça, senão caspa vira pipoca!

- Humm, se é assim... – Jon sempre me alertava para os perigos da caspa.

- É... vira pipoca!!!

Fomos até lá. Se eram freiras eu não sei, só sei que eram muito lindas.

- Olá, meu nome é Jonathan, mas podem me chamar... Gelei nesse instante, ele sempre vinha com essa pra cima das mulheres... - simplesmente... de Jon... – completou, pausadamente, o cretino.

- Ai! Que amor!

Não acreditei que a menina disse isso. Eu já estava esperando (e torcendo) que ele levasse um tapa bem no meio da cara.

- Sou a Mirian. A da esquerda é Carol, Solange e aquela é a Dani. Meu Deus! Estávamos no céu...

- Prazer. Vocês são freiras? – perguntei, bestamente. Jon abaixou a cabeça.

- Não. Felizmente apenas estudamos aqui. Respirei aliviado.

A idéia de pecado e inferno diluíram-se completamente da minha mente recatada e conservadora. Começamos a conversar. O simplesmente Jon grudou na Mirian, Cris conversava calorosamente com a Carol e eu fui o mais abençoado, com dupla oportunidade de sucesso: a

Solange ou a Dani. Até aquele momento, não tínhamos sequer pensado – ou fingíamos não pensar – na idéia de conhecer garotas nessa viagem. Era uma ótima oportunidade de explorar melhor a misteriosa natureza feminina. Estávamos livres e abertos pra tudo, principalmente para esse tipo de experiência.

- Você tem namorada? – Perguntou-me a Solange.

- Não, nesse momento estou só, vagando por esse mundo afora... procurando a minha alma gêmea – apelei vergonhosamente.

- E já teve? - Hã, o quê? Ela insistiu na pergunta. - Já teve namorada? Senti-me um tanto ridículo e redirecionei o meu diálogo. O alvo agora era apenas a Dani.

- E você, tem namorado? – Perguntei, jogando um charme pra Dani.

- Tenho... Senti um frio na espinha.

- Na verdade, eu tenho uma namorada! E as duas entreolharam-se, com toda a cumplicidade do mundo. Não sabia o que fazer ou dizer. Fiquei confuso, não esperava por essa.

- Bom, eu acho que...talvez...hum...se vocês...hã...são felizes...é...vão em frente... Fiquei completamente embaraçado. Foi patético. Jon já estava pedindo a Mirian em casamento, enquanto Cris estava abraçado com a outra, olhando a lua, todo apaixonado. Estava me sentindo um derrotado. Um inútil e inválido. O líder da expedição, o tutor, o mentor espiritual, fraquejando diante de seus discípulos. Já tinha me dado por vencido quando de repente, algo lindo aconteceu... Algo indescritível, que só acontece com um verdadeiro líder de expedição, um tutor, um mentor espiritual que, pela própria natureza, impõe a sua superioridade diante dos demais. A Dani falou a palavrinha mágica, a palavra que abria as portas ao inimaginável, ao terreno pisado por poucos:

- Mas nós não somos ciumentas.

NÃO SOMOS CIUMENTAS. Foi a frase mais linda que eu já ouvi em toda a minha vida. Abracei as duas e fui dar uma volta por ali mesmo, só com a intenção de torturar um pouco o Jon. À medida que eu ia me distanciando, podia notar Jon olhando-me com o canto do olho e esboçando ciúmes. Foi uma experiência única, difícil de reproduzir. Passado algum tempo, despedimo-nos das garotas e fomos dormir.

- Calhorda...
- Por que, Jon? - ... Jon estava inconformado.
- É, pois é, tive sorte, só isso – lição de humildade ao discípulo.
- Humm...

Fomos dormir em paz, felizes. Cris estava todo bobo, não parava de olhar a lua.

- A lua é tão linda, não é mesmo? Jon e eu nos entreolhamos e soltamos uma gargalhada.

- Vocês são uns insensíveis mesmo...- protestou Cris.

Demos outra boa risada, seguida de um momento de ignorância masculina.

- Vocês já pensaram na possibilidade de...vocês sabem...

- Fala, Cris, desembucha, meu filho! – Incentivei-o, já sabendo do que se tratava.

- Tipo, depois que a gente conhece a menina e depois... e depois...

- Sei, sei, você quer transar com a menina, é isso? - concluiu Jon, sem muitos rodeios.

- É...

- Humm, isso me dá uma idéia – sempre tive medo das idéias de Jon – vamos fazer uma aposta. Algo saudável, sem sacanagem. O primeiro que conseguir, jogando limpo, é claro, levar uma menina pra cama, ganha a aposta.

- É uma idéia imbecil – disse-lhe, já concordando – o que vamos apostar?

- Bom... dinheiro não faz sentido, levando em conta as circunstâncias – falou sabiamente Cris.

Pensamos, pensamos... e ficou mesmo pelo desafio; pela disputa irracional com o intuito de manter uma postura machista e ignorante inerentes à nossa própria natureza desprezível - afinal éramos homens... Concordamos e fomos dormir.

V

Definitivamente tínhamos compensado a noite anterior. As coisas começavam a dar certo - a carona engraçadíssima, a hospedagem gratuita, a recepção muito calorosa das nossas freiras e a tranqüila noite de sono. Estávamos felizes. Agradecemos pela primeira vez a opção que tínhamos feito de viajar. O pior foi convencer o Cris a irmos embora no dia seguinte. Tivemos que arrastá-lo para fora do casarão. Nós o víamos com um nó na garganta, mas já sabíamos que iria ser assim. No fundo, Jon e eu também sentimos o mesmo, mas não queríamos demonstrar. Adeus Mirian, Carol, Solange e Dani. Nós amamos vocês. Estávamos no centro. Muitas lojas, movimento, correria e poluição, enfim, nada do que nos interessava. Demos algumas voltas e achamos um boteco, descendo umas escadas. Era uma verdadeira catacumba coberta de fumaça de cigarro e aquele característico cheiro de gordura rançosa.

- É aqui mesmo! - falei, apontando com convicção para baixo. - Vamos tomar alguma coisa.

Jon adorou a idéia e convenceu carinhosamente o Cris, empurrando-o escada abaixo. Começamos a beber e a jogar sinuca. Vimos que jogar sinuca estava nos deprimindo e então começamos a beber valendo. Jon e eu enchemos a cara, enquanto Cris apenas enganava. Ele iria aprender com o tempo. Saímos do bar, completamente bêbados e com o Cris nos auxiliando nas escadas.

Estávamos na calçada, quando veio uma figura engravatada, com bíblia na mão e aquela conversa de crente, convidando-nos a participar do culto ou o que quer que seja. Jon arrotou. Terminamos de ouvir toda a história do engravatado e adoramos a idéia. Cris foi de arrasto. O lugar, que era a matriz da Igreja Universal, estava lotado. Deveria haver mais ou menos umas dez mil pessoas gritando lá dentro. Entramos no clima, tínhamos nos convertido por alguns breves instantes. Cris não acreditava no que estávamos fazendo. Num acesso de loucura, Jon e eu entramos no corredor da fé, que nada mais era do que uma fila dupla cercada por pastores engravatados e que desembocava bem em frente ao altar. Os pastores, no intuito de livrar as nossas almas do pecado e dos demônios batiam fortemente em nossas cabeças até o fim do corredor. Quando chegamos ao final, Jon e eu nos entreolhamos e, mesmo sabendo que duvidar de Jon sempre foi muito perigoso, afirmei categoricamente que ele não tinha coragem de fazer aquilo. Mal terminei de falar e só pude ver

aquela criatura inconseqüente pular para cima do altar e simular uma crise de convulsões provenientes de algum suposto espírito errante. Obviamente, tive que acompanhá-lo naquele teatro com o simples pretexto de não ser taxado de covarde mais tarde. Já havia algumas pessoas tremendo lá em cima, sendo assistidas pelos pastores que, com muitas orações, livrariam aqueles corpos do demônio. Vieram então em nossa direção dois pastores para ajudar. Com as mãos apertando as nossas pobres cabeças - já castigadas pelo corredor da fé - ordenaram em voz alta que aqueles espíritos do mal abandonassem aqueles corpos e, cochichando bem baixinho em nossos ouvidos, falaram:

- É melhor vocês se mandarem, se não a gente chama a polícia! - e gritavam: Saíam demônios, saíam daqui!

As orações deram resultado. Saímos purificados e com o Cris morrendo de medo e de vergonha. Não tínhamos noção do que estávamos fazendo. Definitivamente, tínhamos desrespeitando a crença de milhares de fiéis, mas fazer o quê? Estávamos bêbados demais pra distinguir o certo do errado.

Continuamos o tur pela capital até chegarmos a uma praça enorme, em algum lugar do interminável centro da cidade. Vimos um bando de gente reunida em frente a um monumento histórico. Fomos até lá e deduzimos que era um comitê que representava o Partido Trabalhista, o PT do Lula, como é mais conhecido. Paramos pra ouvir aquele papo revolucionário. A multidão estava inflamada com os discursos apoteóticos dos representantes do partido. Não tinha nada a ver com a gente, até o momento em que eles falaram a palavrinha mágica: É de graça! Ninguém vai pagar nada! Fretamos esse ônibus pra vocês que são do partido, que lutam por um ideal, e ...blá,blá,blá... contamos com vocês! Naquele mesmo instante, descolamos algumas bandeirinhas com uma estrela pintada no meio e seguimos rumo a Juiz de Fora, lá em Minas Gerais. Adoramos. Dentro do ônibus, conhecemos gente de todo o tipo: fiéis seguidores do PT, simpatizantes, gente do contra e gente como a gente. No geral, todos eram legais. Durante a viagem, fomos fazendo coros de frases revolucionárias do tipo: *"Morreu, morreu, morreu o Stalinismo lá no leste Europeu"*. Não sabíamos o que significava isso, mas cantávamos igual loucos. O pessoal também curti coisas normais, como música. Até havia um maluco que levou violão. Começamos a desenterrar umas músicas do Legião, Titãs e Rauzito. Estávamos em casa. Cris começou a tomar uma batida de pinga com maracujá (logo ele que não é de beber), enquanto Jon começava a se entrosar num papo-cabeça a respeito de

política. Já estava bem bêbado e não sabia mais o que falava. E eu fiquei ali com o pessoal do violão. Em nenhum momento me envolvi em assuntos sócio-políticos. Nunca tive interesse em saber qual a diferença do PT pro PMDB. Estou consciente de que é graças a gente como eu que esse país está como está. Mas não me martirizei muito por isso. No momento, só queria beber e fazer festa. A noite cobriu o ônibus. Ninguém podia dormir com o risco de levar um bisnagada de pasta de dente na cara. Todos eram muito sacanas. Um passava a mão na bunda do outro, que incriminava o colega ao lado, que levava um banho de cerveja, que molhava o chão, que ficava extremamente escorregadio, que fazia com que meia dúzia de bêbados escorregassem, caíssem e ficassem ali mesmo, dormindo, e em seguida com a cara cheia de pasta de dente. Era assim mesmo.



*Ninguém podia dormir com o risco de levar um bisnagada de pasta de dente na cara.
Todos eram muito sacanas.*

Amanheceu e ainda não tínhamos chegado. Estava louco pra ir ao banheiro, mas era impossível o trânsito por lá, pois estava todo vomitado. O ônibus fedia e ninguém mais agüentava. Tivemos que parar num posto. O cara do violão teve a magnífica idéia de pegar um balde cheio de água e sabão e esparramar em todo o ônibus. Agora o ônibus estava fedendo e alagado. Continuamos a viagem, já começando a sentir o calor abafado de Minas. O pessoal já estava destruído de tanta farra quando chegamos.



Dentro do ônibus, conhecemos gente de todo o tipo: fiéis seguidores do PT, simpatizantes, gente do contra e gente como a gente. No geral, todos eram legais.

Um bando de selvagens saltou daquele ônibus fétido a caminho das conferências e palestras patrocinadas pelo Partido Trabalhista. Jon, Cris, eu e mais meia dúzia de perdidos resolvemos conhecer a cidade. Fomos ao centro, como era de costume, e resolvemos fazer um passeio cultural. Fomos a um teatro enorme e em seguida, a um museu. Estava muito quente nesse dia. Tínhamos ouvido falar que haveria bebida de graça no congresso de que estávamos participando. Deixamos o lado cultural pra depois e fomos ao congresso. A palestra era em um estádio de futebol e com gente do país inteiro participando fervorosamente dos debates. Era emocionante ver um debate entre pessoas que realmente dominavam o assunto e sugeriam medidas pra solucionar um determinado problema. O único problema que me interessava em resolver era a minha sede. Decepção geral. Não havia nada alcoólico, apenas água. Mais tarde, entendemos a razão. Imaginávamos como seria se todos estivessem bêbados e debatendo o futuro da nação. Graças a Deus existem pessoas conscientes e sóbrias nesse país. Tivemos que reunir alguns trocados de cada um pra comprar uma garrafa de qualquer cachaca barata. A primeira tentativa foi frustrante. Compramos uma garrafa de pinga que mais parecia vinagre. Desperdício de verbas. Tema pra conferência. Em seguida, fizemos um planejamento melhor dos recursos arrecadados e compramos algo mais decente. Misturamos com um mínimo de refrigerante de laranja e mandamos ver. Guardamos o vinagre em caso de emergência. Estávamos tortos e prontos para o debate. Cris pulava e gritava como um louco. Estava deixando de ser aquela criatura dócil e

acanhada para se transformar em um animal incontrolável. Jon estava adorando a metamorfose. O congresso aos poucos deixava de ficar monótono. Terminado o primeiro dia, seguimos rumo ao luxuoso alojamento oferecido pelo pessoal do PT. Era um ginásio. Deixamos nossas coisas e saímos para comer. No local havia várias barraquinhas, cada qual direcionada para um determinado público e seu respectivo poder aquisitivo. A barraquinha do cachorro-quente foi a que mais nos cativou. O preço era ótimo e ainda tínhamos a vantagem de pressionar o cara que preparava o lanche:

– Bota mais um pouquinho desse molho. – Vê se coloca mais milho e ervilha. – Só isso de batatinha!?

Sentamos no meio fio para comer. Era impossível comer sem lambuzar as mãos e a boca. Já estava completamente sujo quando sentou ao meu lado uma paraibana. O nome dela era Alexandra. Comecei a conversar com ela sem a menor pretensão de esconder os meus maus modos. Comia compulsivamente e rosnando, para demonstrar o quão eu era selvagem. Ela apenas ria. Disse-me que estava ali por acidente, sem nenhum interesse político, apenas para passear. Adorei ouvir isso. Veio da Paraíba só pela aventura, assim como nós. Jon e Cris foram dar uma volta, provavelmente para procurar um banheiro ou simplesmente pra me deixar mais à vontade com a menina. Conversamos por um longo tempo e, sem mais nem menos, ela começou a me beijar. Naquele momento eu senti que ela também era fascinada por cachorro-quente, pois não se importou nem um pouco com as minhas mãos e boca suja de molho. Tempo depois, reparei que Jon e Cris já estavam ali me esperando. Despedi-me da Alexandra com um delicioso beijo de mostarda, abracei meus dois amigos e fomos pro alojamento.

– Você é um palhaço mesmo... – disse-me Jon, apontando pra minha cara suja de molho de tomate.

– Ô cachorro quente da porra!

Já era tarde da noite quando chegamos ao ginásio. Alguns manifestantes já estavam dormindo, outros continuavam a se embriagar e alguns jogavam baralho. A minha prioridade no momento era achar um banheiro.

– É do outro lado – mostrou-me Cris, com um sorriso maroto nos lábios.

Chegando lá, percebi que não se tratava mais de um banheiro, mas sim de um campo de batalha aflorando restos humanos. O cheiro de vômito misturava-se a outros odores terrivelmente piores. Os vasos estavam transbordando. Tentei o banheiro feminino, mas outros também tiveram a mesma idéia; estava igualmente fétido. Não podia esperar, estava desesperado. Recorri ao único lugar onde ainda estava transitável. O chuveiro. Retirado o peso que tanto me atormentara, aproveitei para tomar um longo e relaxante banho. Na saída, encontrei os dois entretidos numa cartada com o pessoal. Ao ver-me, Cris perguntou se o chuveiro estava funcionando.

– Claro! – afirmei, devolvendo-lhe o mesmo sorriso. Ele mal sabia o que o aguardava...

Naquela noite, mal conseguimos dormir. Levantamos e fomos direto para aquele maldito congresso. A bebida já não fazia mais o mesmo efeito, ficávamos perambulando sem rumo, no meio daquela multidão de petistas sedentos por uma revolução nacionalista ou sei lá o quê. Em meio a tudo isso, surgiu um boato de que o pessoal menos alienado estava organizando uma escapadinha até o litoral do Rio de Janeiro. Tinham combinado com o motorista, faltava apenas arrecadar o dinheiro pro combustível – o que não foi problema, pois muitos já não agüentavam mais o martírio de uma semana de congresso. Pegamos as nossas mochilas, as quais apelidamos de cruz, que pelo peso deviam estar carregadas com todos os nossos pecados, e fomos pro litoral. A viagem, com muita bebedeira e bagunça, transcorreu bem. Demoramos mais do que o previsto, pois o organizador da excursão – um monstro com os seus cento e cinquenta quilos – mandava o ônibus parar de meia em meia hora para comer ou para ir ao banheiro (o banheiro do ônibus estava interditado). Chegamos a Cabo Frio. A paisagem da maior cidade da Região dos Lagos era marcada por grandes dunas e salinas. Atracamos o nosso super-ônibus-fretado e fomos nadar. O dia estava lindo e a água estava extremamente gelada. Víamos que a nossa viagem tomaria novo rumo – o mais próximo possível das praias.

Começou a anoitecer e o pessoal da excursão decidiu que todos dormiriam dentro do ônibus. Nós achamos melhor armar as barracas e ficar bem próximos da água, sentir a areia fofa se moldando aos nossos corpos e dormir ouvindo o barulho gostoso do mar. Também queríamos fazer uso das barracas que até então só serviram como peso para as costas. Resolvemos também inaugurar o fogareiro, fazendo um belo macarrão pré-cozido. Corajosamente tomamos aquele vinagre que

compramos em Minas Gerais. O gosto era horrível, mas nos proporcionou uma ótima noite de sono. Durante a madrugada, caiu uma chuva leve, dessas só pra refrescar e garantir o sol do dia seguinte.



Queríamos fazer uso das barracas que até então só serviram como peso para as costas.

No dia seguinte acordamos com o pessoal do ônibus desmontando as barracas bem na nossa cara, chutando nossas cabeças e costelas, além, é claro, de levarmos um banho de cerveja velha e azeda. O senso de humor de quem está com teor muito elevado de álcool no sangue é incrível. Fomos tomar banho de mar para aliviar o maldito cheiro da cevada rançosa e ficar com aquela estranha sensação de bacalhau no sal.

No café da manhã, alimentamo-nos com um bom copo de cerveja bem gelada - o bastante pra não correremos o risco de ficarmos desidratados. No almoço, macarrão pré-cozido e o que sobrava comíamos meio deteriorado, na janta. Realmente uma alimentação bem balanceada. Deixamos o pessoal destruindo o ônibus e fomos dar uma caminhada. Queríamos curtir juntos aquele momento, contemplar o horizonte e conversar a respeito de tudo o que acontecera até agora.

- Jef, tá tudo muito legal, só que a grana tá acabando - advertiu-me, com sensatez, o Cris.

- Não se preocupe, o nosso bom e velho Jon vai dar um jeito nisso - falei, rindo e dando um leve tapinha no traseiro dele.

- Qual é, aqui não! – advertiu-me Jon, afastando a hipótese de usufruir das suas partes.

- Meu Deus! Será que teremos que trabalhar mesmo? – Cris perguntou, quase em pânico.

- Calma, não é tão ruim assim, a não ser que...hummm... tive uma idéia! Vamos vender as barracas! Elas só estão atrapalhando mesmo – sugeri, certo de que iria ter uma represália. Os dois toparam na hora, provavelmente pela dor nas costas que elas estavam nos causando ou pelo simples fato de não precisarmos trabalhar. Usaríamos as barracas apenas nesses dias em que estávamos no Rio. Provavelmente não precisaríamos mais delas. Só Deus sabe quanto estávamos errados.

Ficamos três dias e três noites no litoral do Rio de Janeiro. De dia, saíamos pra conhecer as praias mais próximas como a Praia do Forte, muito urbanizada, com areia branca, fina e ondas fortíssimas e a Praia Brava, tendo acesso somente por trilha, com areia bem amarela e muito freqüentada por surfistas. À noite, freqüentávamos a agitada avenida da Praia do Forte, palco de inúmeros shows noturnos e reduto das mais lindas gatinhas. Ao amanhecer, já apresentando níveis muito altos de esgotamento físico, nos recolhíamos em nossas barracas. Dormíamos até o momento em que algum membro da nossa hipotética excursão vinha nos chutar ou arrastar para fora da tenda. Infelizmente passamos muito pouco tempo nessa lindíssima cidade. Desmontamos as barracas sem guardá-las nas mochilas e entramos no ônibus, oferecendo-as. Fizemos um leilão e conseguimos vender pela bagatela de setenta paus cada uma. Estávamos felizes e sorridentes com a certeza de termos driblado o serviço braçal por mais algum tempo. Retornamos a Minas.

VI

Tínhamos combinado de ligar periodicamente para as nossas famílias, apenas para confirmar que continuávamos vivos. Às vezes acho que não existem coincidências em nossas vidas. Algumas coisas são providenciais. Jon foi o primeiro a ligar:

- Olá mamãe, tudo b...claro, claro que estamos bem... o quê? Por favor, mãe, mãe, não chore. Vou me cuidar... Um beijo, tenho que desligar. Thau... Desligou o telefone e abaixou a cabeça. Aquilo realmente tinha-o abalado profundamente.

Cris e eu tínhamos noção do que iríamos enfrentar. Faltou-nos coragem de continuar. Respirei fundo e, num acesso de valentia e determinação, passei a mão no telefone e disquei. Começou a chamar e no exato instante em que alguém atendeu, rapidamente entreguei o telefone pro Cris:

- Tá, é pra você. Vi Cris desfalecer-se ao meu lado. - A...alô...p...pai, é você? Não, pai, tá tudo bem, estamos em Minas. Já, já sim. Claro, foi ótimo. Manda um beijo pra mamãe. Vou ter juízo. Abração...

Aparentemente foi tudo bem. Perguntei sobre o que tinham conversado e Cris contou que o pai dele tinha perguntado se estava tudo bem conosco e se ele tinha conhecido alguma garota. Fiquei tão surpreso quanto Cris. Agora era a minha vez de prestar contas com o pessoal lá de casa. Mamãe demorou a atender. Meu coração disparou ao ouvir sua voz.

- Oi, mãe, tudo bem por aí?

- Nem um pouco – mamãe falou, com a voz um pouco trêmula. – Esperávamos há tempo uma notícia tua. O que tenho pra te falar não é nada bom.

- Meu Deus, o que aconteceu, mãe? - Sua avó Leonor faleceu hoje cedo.

Aquilo foi um choque pra mim. Não sabia nem o que dizer. A avó Leonor, mãe do meu pai, teve uma passagem não muito marcante em minha vida. Lembro-me de uma vez que ela descobriu a minha afeição por pirotecnia. A coitadinha achou a caixa onde eu guardava todo o meu arsenal bélico formado por foguetes, rojões, pólvoras, estopins e tudo o mais. Levei alguns tapas e imprecações por causa disso, mas passou. Pelo

menos, foi o que pensei. No dia seguinte, ela reuniu todo lixo de casa, inclusive o lixo acumulado do banheiro, fez um fogo, como era de costume dela, amontoou tudo, inclusive a minha caixabomba, e jogou tudo no fogo. Só escutamos a explosão e quando fomos ver, era papel higiênico picado chovendo como confete pra todo lado e ela lá, sem saber o que tinha acontecido e totalmente surda. Claro que ficamos com medo na época. Imagine só, as pessoas perguntando:

- Aquela senhora é surda por causa da idade? - Não, foi o neto problemático que a deixou assim... Mas foi só um susto. Algumas semanas depois, ela já começava a recuperar a audição. Todas as vezes que lembrava da história, ria sozinho. Menos hoje.

- O que pretende fazer? - perguntou mamãe.

- Ainda não sei. Papai está bem?

- Não. Ele está bastante abatido e precisa muito de você, meu filho.

- Estamos em Minas, mamãe. Não daria tempo de chegarmos aí antes do enterro. Vou ligar pro papai mais tarde.

- Espero que você saiba o que está fazendo – disse, fazendo a minha cabeça tombar com o peso da minha consciência.

- Adeus, mãe, se cuida.

- Tchau Jef...

Por essa eu não esperava. O que eu deveria fazer? Precisava ficar um pouco sozinho pra pensar. contei o que aconteceu pra Cris e Jon e saí, com o pretexto de fazer compras. Caminhei sem rumo. Estava entre a cruz e a espada. Deveria desistir da grande aventura da minha vida e ir ajudar papai ou deveria continuar a viagem? Na minha cabeça havia um turbilhão de pensamentos. Deixei que o destino cuidasse disso. Parei em um supermercado pra comprar algum lanche barato e um garrafão de vinho pra me acompanhar em uma noite de fossa. A fila do caixa estava imensa, mas não me importei. Quando chegou a minha vez de passar as compras, deparei-me com a menina mais linda que eu tinha encontrado até agora. O nome dela era Nana. Trabalhava de atendente no supermercado. Era alta, morena, cabelos castanhos e olhos cor de mel. Tinha um sinalzinho perto do olho, o que realçava ainda mais a sua beleza. Ela deve ter percebido que eu estava absolutamente encantado, o que me proporcionou um atendimento vip. Conversamos um pouco enquanto ela passava as compras. Combinamos de nos encontrar depois

que acabasse o expediente. Sentei e esperei ansiosamente. Precisava conversar com alguém, desabafar e, quem sabe, consolar-me nos braços de uma garota legal. Fiquei esperando por um longo tempo em frente ao mercado. Estava quase me levantando e indo embora, quando ela apareceu. Estava linda. Tinha tirado o uniforme e colocado um jeans e uma blusinha vermelha que contornavam aquele corpo escultural. Fomos até uma praça ali perto, sentamos em um banco e, ao sentir que estava na hora de lhe contar tudo o que estava acontecendo comigo, botar pra fora toda a minha tristeza e os meus sentimentos, percebi que aquela menina não era exatamente o que eu estava procurando no momento. A futilidade e o egoísmo a floraram de uma só vez naquela figura simplesmente bonita. Tentei falar-lhe, mas em vão. As minhas palavras se perdiam em meio a tanta insensibilidade. Senti-me desconsolado. A minha tentativa de conhecer alguém e de me deixar conhecer mais a fundo se esvaíram diante daquela figura sem cérebro. Disse a ela que estava cansado e precisava ir. Trocamos um beijo sem sentimento e fui ao encontro dos meus queridos amigos.

Adeus garota vazia, não vou sentir saudades.

Chegando ao nosso ginásio cinco estrelas encontrei Jon e Cris, já preocupados com a minha demora. Disse-lhes que precisava ficar um pouco só. Os dois abraçaram-me e, naquele momento, comecei a chorar. Ficamos um bom tempo abraçados. Era apenas isso que eu precisava, um abraço. Não da garota gelada do mercado ou de qualquer outra menina. Precisava simplesmente deles. Da amizade sincera e do afeto que sentíamos um pelo outro.

- Você tá legal, cara? - perguntou-me Jon, colocando a mão no meu ombro e dando uma chacoalhada.

- Mais ou menos. Preciso tomar um porre agora.

Virei-me em direção a Cris e vi-o já abrindo o garrafão de vinho de pêssego. Vivíamos sempre em total sintonia. Sabíamos dos sentimentos um do outro. Sentíamos quando um de nós estava chateado, nervoso, apaixonado ou simplesmente com vontade de tomar um pileque. Estávamos sempre dispostos a ajudar o outro – ou morrer pelo outro se fosse preciso. Estendemos os nossos sacos de dormir e começamos a beber. Rimos, choramos e finalmente desmaiamos. Provavelmente seria a única maneira de eu dormir naquela noite. Acalentei tanto a minha mente a ponto de não lembrar da ligação que deveria ter feito para o meu pai. No outro dia acordei assustado e a primeira coisa que fiz foi ligar pra ele.

- Oi, pai, como é que você tá? – perguntei-lhe, com medo do que ele estaria pensando a meu respeito.

- Tudo bem, filhão – respondeu, mostrando alegria ao falar comigo.
- Bem... na medida do possível. Sinto falta da minha mãe.

Aquilo realmente partiu o meu coração. Naquele momento senti falta da minha mãe também, mas sabia que ela estava lá. E se não estivesse?

- Também estou triste, papai, tanto pela vovó quanto por não estar aí com você. Espero que você entenda que estou longe e não daria tempo de chegar aí antes do... ...Meu Deus, eu não sabia se deveria falar enterro, fiquei confuso e constrangido na hora. Nunca soube lidar com esse tipo de situação. Não existem palavras de consolo. Meus pêsames sempre me soou um tanto formal e falso. - Espero que você entenda - falei com medo de que ele não entendesse e não fosse me perdoar.

- Eu sei filhão, como é que você iria adivinhar uma coisa dessas? Respirei aliviado.

- Tenho que desligar, pai, um beijo e fique com Deus.

- Você também e se cuide, filhão do pai. Te amo.

Senti um peso enorme sair das minhas costas. No decorrer da viagem liguei várias vezes pra ele, apenas para conversar.

VII

Era o último dia do Congresso Nacional dos petistas do Brasil e nós não agüentávamos mais. Pelo menos no último dia pudemos beber de graça, havia chopp à vontade. Alegria geral e bebedeira. Vimos que realmente a paciência era uma virtude e fomos recompensados. Tomamos o máximo de cerveja possível e entramos trôpegos no ônibus. No interior víamos apenas a sujeira e vários corpos empilhados, como se o ônibus tivesse capotado várias vezes. A previsão era de que a viagem seria terrível, com todos muito bêbados e sem condições de manter um mínimo de limpeza e higiene. Víamos, no decorrer da viagem, várias cabeças tombando para despejar líquidos espumantes pelo chão. Estávamos em um ambiente completamente azedo. Depois de uma noite de sono, o pessoal começava a se recuperar e voltar aos poucos a cantar, brincar, tocar violão, jogar baralho e beber novamente. Jon, Cris e eu, pela primeira vez, não bebemos. Apenas brincávamos com os outros, pois estávamos muito sensíveis à bebida naquele momento. Pudemos ter uma idéia do quão estúpidos e irracionais ficávamos quando exagerávamos na cachaçada. Tivemos a chance de ficarmos sóbrios em meio a uma multidão de bêbados. Era incrível o efeito do álcool na cabeça das pessoas. Estávamos presenciando, com uma visão crítica, o que acontecia a nossa volta. Palavras sem sentido, atitudes sem nexos, pessoas caindo aos nossos pés. Era um mundo paralelo, completamente diferente. Ou nos uníamos a eles, tomando o elixir da bobeira ou ficávamos observando, como numa experiência científica. Foi incrível optar pela segunda opção. Dávamos boas risadas com o alcoolismo alheio. Víamos, além dos absurdos realizados somente por quem está completamente embriagado, seres humanos livres de todas as perseguições impostas pela sociedade. Ninguém, naquele momento, estava preocupado com dinheiro, emprego, futuro ou bens materiais. Víamos somente pessoas sendo elas mesmas por um breve momento de suas vidas, fazendo coisas que sempre tiveram vontade de fazer, vivendo num mundo perfeito e sem preocupações. Sabíamos que aquele momento de êxtase iria se acabar. Começamos a sentir uma certa melancolia. Sabia que Jon e Cris estavam sentindo a mesma coisa naquele instante. Vivíamos sintonizados. O momento de euforia coletiva passou e pudemos conversar até o final da viagem. Chegamos a Curitiba. Estávamos nos preparando para acompanhar a massa humana que descia desesperadamente do ônibus quando pudemos observar que muitos continuavam inertes, sentados ou deitados nos seus bancos.

- Vocês não vão descer? – perguntei ao que parecia mais consciente da turma.

- Não, nós moramos no litoral de Santa Catarina e fretamos lá mesmo o ônibus.

Mal terminou de falar e já estava dormindo. Comentei com os meus companheiros de aventura e eles toparam na hora de ir pra lá. Continuamos a viagem. O ônibus estava mais vazio e silencioso agora. Todos os ocupantes puderam se esparramar em seus respectivos assentos para dormir, com exceção de uma mulher, que continuou sentada num banco ao nosso lado. Na hora percebemos que ela nos renderia bons momentos de diversão. Vestida com uma calça que vinha até a canela feita de saco de feijão, sandálias de corda e uma parafernália multicolorida completavam o seu estilo hippie de ser. Ela começou a nos contar sobre a sua vida louca, suas aventuras e tudo o mais. Seu nome era Jussara e tinha cara de chapada, provavelmente porque estava mesmo.

- E aí, curtiram essa parada aí do PT? – ela perguntou, com uma voz pastosa.

- Sinceramente – disse-lhe, franzindo a testa – curtimos só a viagem mesmo. Bebemos e conhecemos muita gente boa. – E você?

- Não sei – disse ela, forçando a memória - só lembro que andava do ginásio pro ônibus e do ônibus pro ginásio. Ficava perambulando até que o ônibus sumiu. Achei que já tinham ido embora e me esqueceram por lá. Então fiquei bebendo todos esses dias até que o ônibus voltou pra me pegar, mas não fui em nenhuma daquelas palestras idiotas.

- E como você ficou sabendo dessa viagem aí? – perguntou Cris, na certeza de que a resposta seria surpreendente. E foi.

- Pois é, também não me lembro bem – falou, encarando Cris com os olhos vidrados e a cabeça torta – só sei que conheci uns caras que estavam fumando um, sentados embaixo de uma árvore e, quando vi, já estava dentro do ônibus. Nossa! A mulher era incrível mesmo.

- E vocês, tão indo pra onde? - Ainda não sabemos até onde o ônibus vai. A hora que parar a gente desce – falei, arrancando um fiapo de admiração daquela velha aventureira.

- Vocês não querem parar lá em casa, em Floripa? – perguntou Jussara, olhando para o infinito.

- Seria ótimo – afirmou Cris – claro, se não for incômodo – acrescentou, mostrando toda a sua educação dos bons tempos. Jon e eu concordamos.

- Então está certo. Só vou pedir que não reparem no pessoal que mora lá, são todos meio loucos.

- Combinado.

Continuamos a viagem inteira conversando, contando a ela tudo o que tínhamos vivido e aprendido no decorrer da nossa grande viagem e ouvindo bons conselhos e dicas, além de histórias beirando o inacreditável.

- Sabe, meninos – falou, novamente encarando o infinito – eu tive o privilégio de conhecer o Rauzito.

- O Raul Seixas? – indaguei, incrédulo.

- Em carne e osso – disse ela, balançando a cabeça – ficamos horas conversando num banco de praça. Foi dia vinte e cinco de novembro de oitenta e sete. Esse dia foi um dos dias mais felizes da minha vida. O Rauzito perguntou se eu queria ouvir uma música e fui logo pedindo Maluco Beleza. Ele tocou, nos abraçamos e nos beijamos loucamente. Antes de ir embora, ele me perguntou por que as pessoas gostam tanto de suas músicas.

- E o que você respondeu? – perguntei, pasmo e morrendo de curiosidade.

- Falei a ele que era porque ele cantava sobre nós mesmos, sobre o que vivíamos e sentíamos nesse mundo louco.

Ficamos emocionados. Para nós foi uma honra conhecer alguém que conversou, cantou e até ficou com a figura mais genial do rock nacional, Raul Seixas. Víamos que o encontro tinha marcado profundamente a vida da Jussara. Mas afinal, em quem não marcaria? Nesse instante, chegávamos à ilha de Florianópolis. Descemos na rodoviária e fomos logo pegando um coletivo. Mais quarenta minutos dentro de um ônibus lotado de surfistas e suas pranchas batendo em nossas cabeças. Estávamos no lado norte da ilha. Não tínhamos nem idéia do lugar onde iríamos ficar. Pelo visual, imaginávamos que seria em alguma casa linda na beira do mar. Estávamos enganados. Descemos daquele aglomerado de gente e começamos a subir um morro. Definitivamente, era uma favela. Entreolhamo-nos e olhamos para a Jussara.

- Não se preocupem, eu conheço bem esse buraco – disse ela, na tentativa de tranquilizar-nos.

- Ainda bem.

Chegamos. Era pior do que imaginávamos. A casa era horrível, parecia que tinha pegado fogo recentemente; as janelas eram pregadas e as portas eram trancadas com trancas. Tudo muito rústico. A Jussara deu um grito e, de imediato, saiu um negão sem camisa e de chinelo, para nos atender.

- Sua cadela, que é que veio fazê aqui! - gritou o crioulo, já abrindo os braços.

- Isso é jeito de falar com os mais velhos, seu nego sujo! - respondeu a Jussara no mesmo nível.

Depois de um longo abraço, daquele que só os amigos do peito conseguem dar, ela nos apresentou:

- Adi, esses daqui são meus chapas, sabe, gente como a gente. O mais alto é o Jef, aquele é o Jon e o mais novo é o Cris.

Estávamos meio acanhados no momento, mas mesmo assim aquela figura monstruosa e simpática nos abraçou e já foi convidando a entrar na caverna, como eles chamavam. Víamos que não havia mais jeito de retroceder e acabamos cedendo. A casa, que por fora mais parecia uma ruína prestes a desabar, por dentro era extremamente aconchegante. O chão era todo de cimento queimado e o piso da sala era todo recoberto com vários pedaços de azulejo, dando formas caleidoscópicas ao local. O sofá, extremamente confortável, era revestido por uma manta colorida. A estante, que acomodava a televisão e o som, era feita de tijolos à vista, cuidadosamente alinhados. Havia quadros em todos os cômodos da casa. Realmente, eles tinham extraído ao máximo todas as possibilidades de conforto dentro de um orçamento bem apertado. A decoração era incrivelmente criativa e de bom gosto, feita com materiais reciclados ou retirados do próprio mar, como conchas, estrelas-do-mar e pedras exóticas. Moravam lá o Adi, sua mulher Mortícia (que realmente parecia um membro da família Adams) e o filho Natan. Todos muito alegres, já nos sentíamos em casa. A Mortícia (nunca soubemos o nome verdadeiro dela) tratou de ir desempilhando o lixo e roupas jogadas do nosso futuro quarto. Era um cubículo sem janela e com um monte de quinquilharias espalhadas em uma das extremidades. Estava ótimo. Deixamos nossas coisas por ali mesmo e fomos jantar. A comida, como não poderia deixar

de ser, também era muito exótica: o macarrão, atolado numa espessa camada de molho de tomate, também foi especialmente temperado. No lugar do queijo ralado, percebemos que havia maconha ralada, ostras gigantes gratinadas, berbigão e um suco cor de rosa, tipo xarope, pra acompanhar. Tudo muito original e delicioso, com direito ao romantismo proporcionado pela luz de algumas velas, pois o Adi só iria pagar no dia seguinte a conta de energia elétrica. Conversamos um pouco na sala. A Jussara, o Adi e a Mortícia já estavam sob o efeito de um baseado enorme. A conversa flutuava sobre uma nuvem de fumaça fedorenta. Em meio a contemplações ao infinito e diálogos totalmente filosóficos e existenciais, Jussara convidou-nos a dar uma volta. Perguntei onde iríamos e ela limitou-se a dizer apenas que era um lugar especial. Saímos de casa e continuamos subindo o morro. Deparamo-nos com uma estrutura, provavelmente o concreto armado de uma construção inacabada. Subimos. Realmente era um lugar muito especial. Podíamos ver toda a extensão do oceano banhada pela claridade de uma lua cheia - daquelas raras de se ver - formando um rastro brilhante nas águas, indo de encontro à areia da praia. As folhas prateadas das árvores balançavam com a brisa leve. Percebi os olhos de Cris lacrimejando, não sei se de emoção ou simplesmente de saudades de casa ou da menina do convento. Percebi que a emoção dele desencadeou também as nossas emoções. Jon e eu também sentimos algo profundo nos tocar, algo emocionante e inexplicável. Jussara, percebendo aquele momento, manteve-se num respeitoso silêncio e curtiu, com os olhos chapados, aquele instante de contemplação. Depois de um longo período de introspecção, Jussara quebrou o silêncio.

- Vocês tão precisando é de sexo, sabiam?

Demoramos a assimilar bem a frase e, após o choque, começamos a olhar embasbacados em sua direção.

- Não, não, não. Nem olhem pra mim. Sou muito velha pra vocês. Meu Deus, aquilo estava ficando muito confuso e constrangedor.

- Tenho uma idéia – disse ela, com os olhos esbugalhados – estão vendo aquela construção enorme ali – e apontou em direção à praia – lá tem um hotel, na verdade é um resort. O Adi e a Morticia estão trabalhando lá nessa temporada. Tem muita gatinha, muita festa e, quem sabe, vocês não descolam algum trabalho por lá?

Percebi que os pensamentos dela iam além da nossa compreensão. Começou com sexo, passou por festas e gatinhas, terminando em

trabalho num resort. Adoramos a idéia. Voltamos pra casa. A Morticia já tinha preparado as nossas camas e esquentado um leitinho pra tomarmos antes de dormir. Estávamos ficando muito mal acostumados. Foi tudo muito recíproco. Nós os adorávamos e vice-versa. Fomos dormir, mas custei um pouco a pegar no sono. Fiquei imaginando a cena cômica de sexo com a Jussara. Malditos pensamentos idiotas. No outro dia acordamos, fizemos um ótimo desjejum e seguimos morro abaixo, rumo ao nosso novo emprego no resort. À medida que íamos nos aproximando, podíamos deduzir que o nível das pessoas e do lugar era elevadíssimo. Entramos pelos fundos e procuramos o departamento de recursos humanos. Não foi difícil encontrar, era só seguir a fila imensa de desempregados. Ficamos sabendo que ainda havia vagas pra camareira, faxineiro, ajudante de cozinha e garçon. Preenchemos a ficha. Cris e eu optamos por trabalhar de garçom (e só conseguimos porque Cris sabia falar espanhol e eu inglês), enquanto Jon preferiu tentar de ajudante de cozinha (provavelmente pela comida à vontade). Fizemos a entrevista e deu tudo certo, porém as vagas só surgiriam depois de uma semana. Fui falar com o responsável pelo setor.

- Quer dizer que vamos ter que esperar todo esse tempo? – resmunguei, todo cheio de razão.

- É. Por quê? Algum problema para o senhor? – respondeu, clinicamente, o engravatado.

- Claro que não.

VIII

Estávamos esperançosos com o nosso provável futuro primeiro emprego. Além de ser uma ótima experiência para as nossas vidas, precisávamos urgentemente de algum dinheiro e, obviamente, também estávamos precisando nos divertir um pouco. No fundo estávamos mais ansiosos pelas festas no resort do que pelo trabalho em si. Voltamos um pouco preocupados para a caverna, pois não sabíamos se iriam agüentar a gente por uma semana.

- É claro que não tem problema, podem ficar! – falou a Mortícia com um sorriso lindo estampado naquele rosto pálido.

Nos propomos a ajudar nas tarefas domésticas e a fazer uma ou outra comprinha durante a semana, de acordo com os nossos orçamentos, é claro. Tudo corria perfeitamente. Os dias, agradabilíssimos, passavam rapidamente. Enquanto Adi saía pra trabalhar, ajudávamos a Jussara e a Morticia na limpeza da casa. Quando o Adi e Morticia saiam juntos para o resort e a Jussara estava muito doidona, nós cuidávamos do Natan. Éramos uma família agora. Durante o dia, muito trabalho e responsabilidades para todos. À noite, enquanto eles fumavam um baseado, nós enchíamos a cara com uma cachaça nativa. Os dias foram passando e a nossa resistência para com a canabis foi diminuindo, até que uma noite resolvemos experimentar o bagulho. Eles enrolaram com todo o carinho e acenderam. Estávamos nervosos, mas não queríamos demonstrar. Tínhamos decidido que isso faria parte da nossa aventura, um simples complemento para a nossa total liberdade. Fui o primeiro a dar uma tragada. Puxei, dei umas tossidas e puxei de novo, passando a bola pro Jon. Ele pegou, olhou, cheirou e também mandou ver na ponta. Agora era a vez do Cris. Estávamos na maior expectativa. Ele fechou os olhos e, trêmulo, apenas encostou o baseado na boca rapidamente. Ele ainda não tinha se libertado completamente dos seus velhos medos.

- Ta, Jef, pega aí – falou Cris, chateado com ele mesmo.

- Tá nada, pode fumar o negócio aí! – ameacei.

Cris respirou fundo e, num acesso de coragem, deu uma tragada profissional com direito a soltar fumacinha pelo nariz. Afogou-se, tossiu e lacrimejou um pouco, mas estávamos orgulhosos com a performance dele, apesar de um pouco decepcionados com o efeito da maconha. Não sentíamos nada e resolvemos abusar. Quando chegava a nossa vez,

dávamos duas, três e até mesmo quatro inaladas do negócio e não sentíamos absolutamente nada.

- Vão com calma aí – alertou a Morticia, num tom completamente sonolento.

- Não dá nada – falei, começando a sentir um leve formigamento nas minhas pernas e braços.

- Jef, tô me sentindo meio estranho, cara - falou Cris com os olhos esbugalhados e vermelhos.

- Também não tô legal – alertou Jon.

Cada um teve uma reação adversa à droga. Cris começou a falar coisas estranhas e não conseguia levantar-se do chão. Jon estava completamente grogue e inerte, gritando pra descerem ele de lá, que era muito alto e ele tinha medo de altura e eu comecei a ter espasmos musculares. Não conseguia coordenar os movimentos de nenhuma parte do meu corpo. Tentava fazer a minha mão esquerda parar de tremer e, quando conseguia, era a vez da perna direita dar sinal de vida com as tremedeiras. A minha vontade era de tentar ajudá-los, mas não conseguia parar de tremer. Tivemos que esperar o Adi, a Morticia e a Jussara saírem do barato para nos socorrer. Coincidentemente estava tocando *Comfortably Numb*, ou Confortavelmente Entorpecido do Pink Floyd no aparelho de som. Eles adoravam e piravam ouvindo a minha banda preferida. Conhecia todas as músicas, só que desta vez o som era outro, mais metalizado e profundo. Os ruídos, que antes eram imperceptíveis, tornavam-se claros. Era como se eu estivesse interagindo com a música, com os sons e voando por cima de tudo, preocupando-me apenas em não esquecer de respirar. Tudo era muito estranho e assustador. Voltei à realidade com a Jussara dando-me um gole de alguma coisa bem doce, talvez refri ou suco cor de rosa. Tentavam me levantar, mas eu não conseguia sustentar as minhas pernas. Fizeram o mesmo com Jon e Cris. Colocaram-nos no sofá e ficamos lá imóveis, um olhando pra cara de chapado do outro. Naquele momento poderíamos sofrer um ataque alienígena ou começar a terceira guerra mundial que não estaríamos nem aí. Ficaríamos apenas observando e viajando. Algum tempo depois começamos a recuperar os sentidos. O pessoal da caverna começou a ficar mais tranqüilo. Sentíamo-nos completamente imbecis e envergonhados até o momento que a Jussara abriu a boca:

- Nossa! Vocês viajaram mesmo, hein! Até que planeta vocês foram? Acabamos rindo da situação. Definitivamente não éramos bons

nisso. Na mesma semana tentamos novamente, só que com mais cautela. No final conseguimos desfrutar de bons momentos de bobeira, só que com a certeza de que passávamos longe de ficarmos viciados. Passou-se a semana e fomos chamados para trabalhar no hotel. Contamos com uma ajudinha do Adi e da Morticia, que nos indicaram. Cris e eu ficamos com o cargo de garçom, enquanto Jon ficou responsável pelo setor de reposição das louças, ou seja, lavava os pratos. No começo, tudo é difícil. Foi um desafio inimaginável equilibrar copos, pratos e talheres numa bandeja e o constante risco de derrubá-los, agüentar o mau humor ou as brincadeiras sem graça dos fregueses idiotas e permanecer sempre em total estado de vigília pra ver se alguém está clamando pela sua presença. Enfim, aprendendo a valorizar cada vez mais o trabalho dessa sofrida, mas disposta classe de trabalhadores. A vantagem é que ganhávamos algumas gorjetas dos gringos de vez em quando. Todo o dinheiro arrecadado era depositado diretamente nos nossos cofrinhos, sem desvio de verbas. Assim que tivéssemos uma boa reserva poderíamos desfrutar mais do lugar. Mesmo assim, em todas as noites, curtíamos uma festinha dentro do resort ou um lual na beira do mar. Era a recompensa depois do árduo trabalho dentro do restaurante. Voltávamos exauridos para o alojamento. O legal é que já começávamos a ficar conhecidos pelo pessoal, principalmente pelas gatinhas. Vez em quando vinha uma pedindo atendimento vip, que era o tratamento oferecido apenas pelos melhores garçons do lugar. Jon infelizmente ficou fora desse hall mas, mesmo assim, dava os seus pulos. Realmente estávamos amando tudo aquilo. Estávamos, aos poucos, perdendo o medo das adversidades que nos eram impostas. Passaram-se algumas semanas nessa correria. Trabalho, festa, alojamento, pagamento, pratos, clientes, festa e pagamento de novo. Estávamos começando a sentir uma pontada de rotina nisso tudo. Decidimos ficar mais alguns dias e cair na estrada novamente. Naquela noite estávamos entediados. Resolvemos ir para o lual. A fogueira já estava alta, com várias tochas fincadas na areia e o pessoal curtindo um reggae sossegado. Não podíamos ser vistos bebendo, mas quem se importa? Tomamos algumas cervejas e entramos no clima. Estávamos começando a adquirir certa malícia no trato com as mulheres. Já chegávamos rebocando as gatas pra dançar. Cada qual com a sua. Cris e eu estávamos de morena, enquanto Jon foi de ruiva, só pra variar um pouco. Dançamos a noite toda, só que, dessa vez, foi um pouco diferente. Sentíamos que as meninas não queriam só dançar. Então as beijamos. Mas elas não queriam só beijar... queriam ir além, mostrar que também eram livres e que queriam algo mais. Realmente sentimos que conseguíamos transmitir aquilo que estávamos vivendo no momento. Era

impossível resistir. Carregamos as meninas para o nosso alojamento. Foi um momento mágico, indescritível, sem culpa ou remorso. Estávamos apenas cumprindo a nossa missão aqui na terra. Estávamos buscando a nossa felicidade e, naquele momento, atingíamos o ápice das nossas realizações pessoais. Tudo pelo que passamos e sofremos se diluiu das nossas mentes para vivenciarmos plenamente tudo o que estava acontecendo. Acordamos no outro dia com nossos corpos completamente destruídos, mas com nossas mentes serenas. Éramos verdadeiros heróis prontos pra receber honrosamente suas respectivas condecorações. Tudo estava perfeito até alguém bater violentamente na porta.

- Quem é? – gritei, com o coração saltando pela boca.

- Aqui é o dono disso tudo – gritou o homem com um ódio mortal.

Foi uma correria geral. Todos buscando se refazer da noite e tentando, ao máximo, esconder o que não tinha como ser escondido. Abri a porta.

- Pois não – falei, tentando manter a calma.

- Onde estão as meninas? – falou o proprietário do resort, vermelho de raiva e olhando diretamente nos meus olhos.

- Que meninas? – respondi com a maior cara de tacho que um ser humano poderia mostrar.

- As minhas filhas!

Esse foi o nosso último dia de resort.

- Já estávamos querendo ir embora mesmo – consolou-se Cris ao meu lado.

- É verdade – falou Jon. – É verdade.

Mantive silêncio. Por um breve instante, sentimos uma tristeza, um aperto no coração, mas à medida que íamos caminhando, o humor ia se restabelecendo. Fomos nos despedir dos nossos queridos amigos emacalhados. Estavam chateados com o que tinha acontecido, mas sabiam que isso fazia parte do momento da vida que estávamos atravessando, sem muito juízo ou responsabilidades. Antes de irmos, pedi a Jussara que deixasse uma mensagem no meu diário. Ela sorriu, pegou o diário e sentou na escada da varanda para escrever. Depois, como agradecimento, deixamos os nossos fogareiros, panelas e demais utensílios que, na verdade, só estavam fazendo peso nas mochilas. Aos

poucos íamos aliviando a nossa carga. Eles adoraram os presentes, nos abraçaram e fomos embora. Ficamos caminhando na beira da praia até quase anoitecer. Foi nesse dia que, pela primeira vez, sentimos falta das nossas barracas. Tínhamos ficado com vergonha de pedir pra ficar na caverna. Enfim, estávamos novamente perdidos.

IX

- As coisas não podiam ficar piores – gritei, olhando com raiva para o céu. Nesse mesmo instante, começou a cair uma chuva torrencial sobre as nossas cabeças. Corremos sem direção. Estávamos completamente encharcados, quando conseguimos nos abrigar num ponto de ônibus. Com a chuva formou-se uma enorme poça de água bem em frente ao nosso abrigo e, à medida que os carros iam passando, tomávamos um banho de água e barro. Estávamos com frio, encharcados, sujos, cansados e com fome. Todas essas agradáveis sensações nos fizeram resgatar algumas lembranças da época em que chegávamos a passar uma semana escalando morros altíssimos pela interminável Serra do Mar. Dormir sob chuva forte no inverno e enrolado por uma lona plástica toda furada, quase morrer de hipotermia ou vomitar de exaustão faziam parte da nossa estranha rotina. Já estávamos acostumados com isso. Situações como estas sempre foram uma constante em nossas aventuras. Na atual circunstância, a única coisa que podíamos fazer era simplesmente rir. Começamos a rir descontroladamente, como se fôssemos um bando de hienas retardadas. Passada a crise histérica, voltei ao assunto das meninas, perguntando ao Cris:

- E aí, cara, como é que foi a primeira vez? Deu tudo certinho? – estava louco de curiosidade.

- Jef, foi incrível! A menina foi muito gentil comigo (?), conversamos bastante antes de rolar... e o resto você sabe, né? – falou, num tom angelical.

Jon manteve-se calado.

- Bom, comigo também foi mais ou menos assim – falei, sem perceber o plano diabólico de Jon – conversamos bastante, rimos e bem depois é que rolou o resto. Foi muito legal. Já estava declarando empate técnico com relação a nossa estúpida aposta, quando Jon interviu:

- Comigo não teve conversa, cheguei junto antes de vocês dois – portanto eu sou o vencedor da aposta.

Cris e eu nos entreolhamos, sem acreditar nas palavras daquela máquina desprovida de sentimentos. Teoricamente ele era o vencedor, mas onde estava a ética, a moral, os valores...

- Cala a boca, Jef – eu ganhei! – gritou Jon, correndo e pulando sobre a poça de lama.

O silêncio pairou novamente sobre nós. Aproveitei o momento para dar uma olhada no legado que a Jussara tinha deixado no meu diário.

“Nos conhecemos. Parabéns pra nós? Se precisares de uma resposta para algo, pense em mim que ela chegará. Caso contrário, me telefone. Beijos e Boa Sorte. Jú. P.S. Conheci Raul Seixas no dia 25/11/87”

Guardei o diário. Esperamos um bom tempo até a chuva cessar. Já era tarde da noite quando saímos à procura de um lugar mais tranquilo pra passarmos a noite. As ruas, escuras e completamente desertas, não nos davam tranquilidade e nem esperanças de acharmos um reduto seguro. Seguíamos caminhando tensos pela rua esburacada. Nem mesmo o som das águas do mar nos acalentava. Paramos em frente ao que seria uma pousada – completamente abandonada - empurramos a velha porteira e avançamos, sempre advertidos por Cris:

- Essa não é uma boa idéia.

- Besteira! - praguejou Jon.

- Não temos onde ficar mesmo – opinei, sem ter uma idéia melhor e cansado demais pra pensar.

- Vamos nessa, seu maricas! – voltou a falar Jon, áspero e direto, como sempre.

No fundo sabíamos que realmente não era uma boa idéia. Devíamos ter seguido nossas intuições. Caminhamos por toda a extensão da pousada fantasma, verificando cada porta de cada cabana, na tentativa de achar alguma destrancada. Jon, já perdendo toda a paciência que lhe é característica, chutou uma das portas, abrindo-a instantaneamente.

- Esqueceram de trancar essa daqui – gritou, satisfeito.

Entramos na certeza de que, em anos, ninguém mais tinha colocado os pés ali. Mesmo na escuridão absoluta, conseguimos nos ajeitar. Jon deitou-se no estrado de uma cama velha e barulhenta enquanto Cris e eu nos acomodamos naquele chão empoeirado. Por sorte, ainda tínhamos os nossos sacos de dormir. Conversamos pouco e compartilhamos de um sono sem descanso, intranquilo num lugar sombrio e inóspito. Nos acordamos no meio da madrugada com estranhos ruídos que vinham do lado de fora. Permanecemos em silêncio. Os barulhos foram tornando-se

mais intensos e seguidos por gritos desesperados. Jon desceu silenciosamente da cama e juntou-se a nós. Estávamos os três encolhidos e sem saber o que fazer. Não sabíamos se era algum ritual de magia negra, um bando de drogados ou alguma brincadeira sem graça. O pânico estava tomando conta de nós. Cris, em prantos, sussurrou:

- Meu Deus, o que estamos fazendo aqui? Podíamos estar em casa, confortáveis e seguros. Meu Deus!

Ele estava certo. Mas não estávamos em casa, estávamos ali e tínhamos que ser fortes e enfrentar a situação. Os gritos tornaram-se urros de dor, seguidos de fortes estalos, como se alguém estivesse sendo açoitado. Era assustador. Aquilo tudo estava nos abalando psicologicamente e, seguido de um impulso momentâneo de coragem ou angustia, sei lá, levantei-me e falei:

- Vamos sair daqui. Jon e Cris estavam trêmulos demais para reagir.

- Vamos, porra!

Os dois se levantaram, socamos as coisas nas mochilas e caminhamos lentamente até a porta. A cada pranto, a cada golpe desferido em alguém lá fora, dávamos uma pausa na nossa marcha e em nossas respirações. Senti um terrível calafrio percorrer minha espinha e ainda estávamos rumo à saída do quarto. Abrimos a porta lentamente e saímos, pé por pé, até a velha porteira. Abruptamente, tudo voltou ao mais absoluto silêncio. Nunca saberíamos ao certo o que realmente tinha acontecido naquela noite. Continuamos a caminhada, só que em marcha acelerada. Não importava mais onde estávamos ou para onde iríamos. O que importava era sairmos de lá o mais rápido possível, confirmando assim o nosso mais pleno e sólido instinto de sobrevivência. À medida que íamos avançando a lugar nenhum, uma estranha figura prostrou-se subitamente a nossa frente. Ficamos paralisados por alguns instantes, enquanto aquele ser surgia das sombras. Pensamos em correr, mas o medo petrificou-nos. Foi então que vimos apenas o branco daqueles dentes de marfim mover-se e uma voz surgir daquela penumbra:

- Vocês estão perdidos? Naquela altura, não tínhamos como enganar ninguém...

- Estamos – respondi, tentando manter firmeza no meu tom de voz.

- Venham comigo. Tenho um bom lugar pra vocês passarem a noite...

Não sei ao certo por que fizemos aquilo, mas seguimos aquela forte e gigantesca figura de pela negra e de poucas palavras por aquela irregular estrada. Com os olhos já acostumados ao escuro, conseguíamos desviar facilmente dos buracos. Mais em frente, encontramos um bando de mau encarados do lado esquerdo da rua, encostados no parapeito de uma velha ponte, conversando. Passamos por eles sem cumprimentar, apenas sob os olhares atentos de todos. Seguimos por mais alguns metros e entramos numa trilha de mato fechado.

- Chegou o fim – pensei comigo. Andamos mais um pouco até darmos de encontro ao mar.

- Esperem aqui – ordenou o nosso guia.

Obedecemos prontamente e nos sentamos na areia.

- Estamos perdidos – disse Cris, apavorado.

- Se fosse pra acontecer, já tinha acontecido – falei, mais no intuito de acalmar a mim mesmo do que aos meus amigos.

- Ele foi buscar a serra elétrica – brincou Jon, arqueando as sobrancelhas diabolicamente.

Apenas balançamos a cabeça. Tínhamos desenvolvido uma calma bizarra com relação a ele e as suas brincadeiras. Passado alguns longos minutos, o nosso guia estava de volta, trazendo não uma serra elétrica, mas uma machadinha para cortar a lenha, uma barraca, um violão e um pacote de bolacha. Aquilo era inacreditável. Armamos a barraca, fizemos uma pequena fogueira e nos sentamos para acompanhar o nosso novo amigo em algumas músicas do Bob Marley. Lá pelas tantas, ele tirou do bolso um baseado já enrolado, acendeu, deu uma longa e saborosa tragada e passou ao Cris que, sem fazer cerimônias, fumou e passou para Jon, que passou para mim, voltou para o Bob, pro Cris e assim foi até ficarmos completamente chapados. Ficamos por alguns longos instantes contemplando o vôo das brasas em direção ao céu e ouvindo apenas o crepitar das chamas. Ficamos sabendo que ele fora colega de trabalho no mesmo Resort de onde tínhamos sido expulsos no dia anterior. Pensei em perguntar sobre os gritos que tínhamos ouvido, mas mantive silêncio. Tudo estava muito divertido naquele momento... Ainda estava escuro quando o Bob resolveu ir embora. Tinha que estar cedo no trabalho. Desmontamos a barraca - que praticamente nem usamos -, agradecemos a bolacha e nos despedimos, para nunca mais nos encontrarmos. Ficamos sabendo, através do próprio Bob, que ele tinha sido providencial para o

nosso bem estar; não apenas por indicar um lugar mais tranquilo pra ficarmos, mas também por nos proteger daquelas pessoas que tínhamos cruzado na velha ponte. Bob era muito respeitado por ali...

X

Voltamos ao ponto de ônibus a tempo de tirar um cochilo. Demorou a amanhecer nesse dia. Após alguns minutos de descanso, Jon já acordava disposto.

- Bom dia, perdedor.

- Bom dia, idiota.

Ele conseguia ser extremamente irritante quando queria. Não tínhamos dormido quase nada até então, mas, mesmo assim, resolvemos ir até a rodoviária. Tínhamos um pouco de dinheiro guardado o que garantiria, pelo menos uma vez, o luxo de viajarmos de ônibus. Pegamos o coletivo e fomos pro centro da cidade. O dia estava quente e agitado com turistas pipocando por todos os lados. Ao chegarmos, não agüentei. Tive que recorrer ao velho e sujo banheiro da rodoviária. Fiquei surpreso. Tudo estava impecavelmente limpo e, no lugar daquele cara que toma conta do lugar e que normalmente é um sujeito apagado e sem vida, havia um rapaz diferente. Diferente de todos os que já tinha visto nessas circunstâncias. Ele estava sorrindo e cantando alegremente. Claro que também fiquei feliz com isso. Logo após eu ter feito o serviço completo, ele foi lá dar uma conferida na limpeza. Elogiou a minha alimentação, pois o aroma não foi dos piores. E deu risada. Começamos a conversar e vi nele o que há tempo não via na feição das pessoas. Realização pessoal. Podia ser um serviço meio ingrato e para muitos talvez até um castigo. Mas ele adorava aquilo ali. Disse-me que conversava o dia todo, com todo o tipo de gente. E sempre dava risada. Conhecia gente comum, gente mais importante, gente feliz, triste, apressada. Disse-me também que aquele era o melhor emprego do mundo e que ele não o largaria de jeito nenhum, só se fosse para ganhar mais em outro banheiro. Emocionei-me. Vi naquele instante que a felicidade e a realização pessoal existem e não estão distantes de nós. Na saída, disse-lhe adeus e ainda ouvi a voz dele ecoar pelo corredor. "Nossa, cara, esse aqui comeu feijoada ontem!!!" ... e deu risada...

Saí ao encontro de meus amigos, alucinado, querendo compartilhar o que tinha acabado de acontecer comigo. No meio do caminho, já os avistando, desacelerei um pouco o passo. Fiz uma análise rápida dos fatos e concluí que o que eu tinha presenciado foi importante e especial

somente pra mim em particular. Para outro, seria um simples fato corriqueiro.

- Tava com pressa? – falou Jon, rindo – achei que ainda tava procurando o banheiro.

Não me arrependi de não ter contado.

- Vamos dar uma olhada nos ônibus – falei, apontando para um letreiro com os horários e destinos.

Como estávamos um pouco indecisos, perdemos um bom tempo analisando as possibilidades, sempre levando em conta o custo, benefício e a probabilidade de sucesso. Cris falou o óbvio.

- Acho melhor continuarmos pelo litoral. Assim, pelo menos não passamos frio.

- Concordo – falei, olhando Jon.

- Pode ser – respondeu Jon, simulando descaso - ouvi dizer que as meninas são muito doidas lá pelos lados da Bahia.

Bahia! Um sonho que sempre pareceu tão distante e agora tinha se tornado tão palpável. Instantaneamente nos contagiámos pelo entusiasmo. Fomos até o guichê perguntar os preços e horários. Levamos um susto ao ouvirmos o valor das passagens. Daria mais da metade dos nossos fundos de reserva. Não tínhamos muito tempo para refletir, pois o ônibus partiria ao meio dia. Sentamos na sala de espera e começamos a estudar todos os prós e contras até chegarmos à conclusão de que éramos livres e que se dane o resto. Fomos comprar as passagens. O colosso da Itapemirim já estava aguardando a entrada dos destemidos aventureiros em seu luxuoso e refrigerado ventre. O ônibus era enorme e extremamente confortável, valendo cada centavo que havíamos investido. Perguntamos ao motorista quanto tempo levaríamos pra chegar até lá:

- Daqui até o Rio são dezoito horas e mais vinte e seis horas até Salvador. Humm, se tudo correr bem... umas quarenta e quatro horas de viagem – e abriu um largo sorriso.

Levamos um choque. Não imaginávamos que era tanto tempo assim de viagem. Um dia tem vinte e quatro horas, mais vinte horas, ou seja, quase dois dias sentados num banco de ônibus. Agora entendemos o porquê de o ônibus ser tão sofisticado. Era para os passageiros reclamarem menos da viagem. Jon e eu sentamos juntos, enquanto Cris

ficou sozinho no outro par de assentos. Estávamos separados apenas pelo corredor, assim poderíamos ir conversando a viagem inteira.

- Tomara que sente uma velha de uns oitenta anos do seu lado – praguejou Jon.

- Adoro conversar com as velhinhas – respondeu sabiamente Cris. Nessa eu fui obrigado a apoiar, levando em conta que eu também adorava trocar umas idéias com as velhinhas:

- Mais vale sentar ao lado de uma velhinha que converse legal do que ao lado de uma gatinha sem cérebro – falei, olhando sério para Jon.

- Prefiro a gatinha sem cérebro...

Mal Jon tinha terminado de falar suas corriqueiras asneiras, quando entrou no ônibus uma morena muito linda. Lindíssima. Tinha o corpo bronzeado e sem um grama de gordura, olhos escuros, vivos e um jeitinho angelical. Jon quase teve um ataque ao meu lado. Ao invés de uma velhinha de oitenta anos, Cris ganhou uma companheira de dezoito, extremamente bonita e acompanhada de um ótimo cérebro, original de fábrica. Deus realmente abençoa os puros de coração. Jon tentou sair e roubar o banco de Cris, mas consegui impedi-lo a tempo.

- Isso é pra você aprender – falei, dando risada – e fica quieto aí, no teu canto. Jon ficou uns cinco minutos sem abrir a boca.

Meio dia. Acionaram-se as turbinas do nosso *intercooler* e, novamente, caímos nas graças da estrada e do destino. Na saída, abaixei a cabeça, fechei os olhos e acho que até cheguei a fazer uma oração, sei lá. Partimos. Tenho que admitir que Cris realmente tinha levado muita sorte com a companhia. A menina era muito especial. Gostava de ler, curti as mesmas músicas que nós e adorava viver a vida alucinadamente. Começamos a conversar sobre os livros que tínhamos lido em comum e, na empolgação, ela recitou um poema ou texto, sei lá, de Jorge Luiz Borges – *Instantes* - que ela adorava. Era impossível não se encantar pela Sí. O nome dela era um bocado comprido, então ficou apenas Sí. A viagem estava agradabilíssima. Variávamos entre conversar, admirar a paisagem e passear até o banheiro. Também parávamos de vez em quando para comer e esticar as pernas. Notávamos que Cris estava indo bem com a nova amiga e realmente faziam um belo casal. Conversavam, trocavam olhares, um deitava no colo do outro. Sentia uma alegria imensa em ver o Cris assim, todo bobo. Só que a viagem logo iria acabar e isso me preocupava. Cris apaixonava-se facilmente,

enquanto Jon se apaixonava por qualquer ser rastejante. Enquanto a mim, achava que amor era coisa para poetas. Éramos três mentes distintas nesse campo, digamos assim, afetivo. Nos momentos de silêncio, começava a sentir um pouco de saudades de casa. Saudades da família, do meu quarto, da minha cama, da segurança. Gostaria de saber o que mamãe estaria fazendo agora. Acredito que nesse momento ela também estava pensando em mim. Mãe é diferente de amigo, namorada ou qualquer outra pessoa. Existe um laço muito mais forte, um amor feito de aço inoxidável, inquebrável, que nos unia. Ficava imaginando o dia da minha volta pra casa. Será que ela me trataria tão bem quanto antes? Será que ela vai me encarar como o filho pródigo ou simplesmente como eu mesmo? Não adiantava pensar nisso tudo agora. Daria uma ligada pra ela quando chegássemos em Salvador.

Já era noite. É estranho dormir dentro do ônibus. É como se você fingisse estar dormindo todo o tempo, sem sonhos e sem descanso. Apenas se enganando. Começou a amanhecer e consegui ver o sol se erguer no horizonte. É um milagre. O céu estava lilás, transformando-se em incandescente à medida que o sol surgia. Gostaria de compartilhar a minha euforia, mas estavam todos dormindo. O Cris com a Sí apoiada em seus ombros, enquanto Jon babava nos meus. O ônibus parou, acordando a todos para o café da manhã. Fiquei responsável, como sempre, pela compra do suprimento. Comprei alguns sanduíches e uma garrafinha de suco barato, que mais parecia meio litro de xixi. Todos no ônibus acharam o mesmo. Também comprei algumas latas de cerveja para animar. Tomamos a cerveja antes (para não esquentar), comemos aquele pão com mortadela e empurramos o xixi goela abaixo. Estávamos satisfeitos e prontos para continuar a viagem. O Sol já estava alto, o céu azul e sem nuvens. Podíamos contemplar o mar a cada quilômetro percorrido. A paisagem era deslumbrante. Continuamos conversando. Cris não se importou em emprestar um pouco a sua namorada para debatermos alguns assuntos em comum. Sempre existiu esse respeito mútuo quando se tratava da namorada do outro. Nunca brigamos e provavelmente nunca iríamos brigar por uma coisa dessas. Não valia a pena. O assunto - que era literário no momento - estava empolgante. Estávamos, os quatro, abrindo muito a mente. A viagem seguia sem sentirmos o tempo passar, para desespero de Cris. Se fôssemos depender dele, o ônibus daria a volta pelo continente. Mais uma noite sem dormir e finalmente chegávamos ao nosso destino, Salvador. Para Jon e eu, uma bênção; em compensação, para Cris... Deixamos os dois a sós para se despedirem. Víamos de longe algumas lágrimas correrem por ambas as faces. Um beijo, um abraço e a certeza de ter vivido algo muito profundo.

- Vamos lá, Cris – gritei, na tentativa de tornar menos dolorida a despedida.

- Estou indo – respondeu, enxugando as lágrimas com uma das mãos e carregando a mochila com a outra. Ao chegar, Cris disse algo que me surpreendeu:

- Sabe, pessoal – olhando profundamente pra nós – Essa viagem realmente começa a fazer sentido pra mim. Conhecer a Sí e viajar com vocês foi e está sendo a melhor coisa da minha vida. Vocês são os meus irmãos do coração...

Nos abraçamos novamente. Estávamos de bem com nós mesmos e já não nos importávamos com o que iria acontecer. Tínhamos um ao outro. Enxugadas as lágrimas, continuamos a caminhada e, novamente, o campo magnético que emanava do mar nos atraiu. Tiramos os calçados e começamos a caminhar nas águas mornas e cristalinas do nordeste. Avistamos um restaurante a alguns metros dali e, impulsionados pela fome e pela sorte, fomos até lá. O lugar, extremamente rústico e simpático, acolheu-nos para um bom almoço e um novo emprego. Estávamos começando a ficar assustados com tantas facilidades. Jon novamente ficou responsável pelo setor interno da cozinha, enquanto Cris estava se especializando cada vez mais no ofício de garçom. Fiquei de atendente no balcão e, ocasionalmente, ficava no caixa. O dono do estabelecimento era um baiano extremamente carismático e sossegado. Parecia que nada nesse mundo o perturbava. Cedeu até um cantinho nos fundos para podermos passar as noites. Era uma varanda coberta com algumas redes penduradas nas extremidades. Tudo estava ótimo: emprego, comida de graça e lugar pra dormir. No começo estranhamos um pouco dormir em redes, mas depois percebemos o quanto era gostoso. Eram como camas voadoras. O balanço tranquilo, a sensação de estar suspenso, flutuando, proporcionava-nos um sono tranquilo e reparador. À medida que íamos convivendo com aquele povo, sentíamos brotar em nós uma imensa paz de espírito. Percebíamos que estávamos nos moldando àquelas pessoas, extremamente pacatas. O calor desmanchava-se pela leve, mas constante, brisa que vinha do mar. Não sentíamos falta da tecnologia, do barulho e da pressa das grandes metrópoles. Estávamos felizes com o que tínhamos e o que estávamos vivendo no presente. Estávamos realizando o milagre de viver o agora, sem dinheiro, bens ou futilidades. Apenas vivíamos o momento. Após o término do expediente, íamos todos os dias correr na areia e tomar banho de mar. Estávamos bronzeados e começando a ficar mais fortes

fisicamente. Éramos levemente bronzeados numa terra de maioria negra. As meninas adoravam e, vez em quando, tirávamos proveito da situação, só que, dessa vez, bem longe do local de trabalho. Definitivamente, vivendo e aprendendo.

Numa dessas tardes ociosas estava me balançando na rede e desfrutando da companhia dos malditos pernilongos que, com suas brocas de alto-impacto, penetravam facilmente por sobre a rede, bermuda, cueca até finalmente atingir o succulento alvo da minha bunda. Com certa urgência saí para dar uma caminhada. O clima estava ameno e a praia, quase vazia. Queria ficar um pouco só naquele instante. Sentei-me na sombra de um coqueiro e fiquei contemplando toda a beleza em minha volta. As árvores dançando com o vento calmo, a areia rala acolhendo as ondas do mar e o horizonte fazendo com que meu olhar se perdesse por um longo tempo. Meu transe só foi quebrado quando vi, pela primeira vez, algo tão lindo quanto tudo o que havia descrito até então. A beleza humana contrastava com a natureza ao redor. Ela era exótica, linda. A pele clara, que parecia ignorar os raios do sol, destacava seus lindos cabelos negros e cacheados. O seu corpo era irretocável e, à medida que ia se aproximando, pude notar seus lindos olhos negros e levemente puxados. Tentava controlar, em vão, os espasmos do meu corpo. Estava tremendo. Ela parou do meu lado e com a voz mais doce do mundo, perguntou:

- Posso sentar aqui?

- Claro... Não conseguia falar mais nada.

- Adoro olhar o mar e ouvir o barulhinho das ondas – disse-me, olhando para o infinito.

- Eu também adoro, sempre que posso venho até aqui.

Ficamos um bom tempo em silêncio, apenas olhando. Compartilhávamos de algo que ia muito além das palavras. Após um longo tempo, ela se levantou e disse que precisava ir.

- Eu não sei o seu nome – disse-lhe, tentando adiar a sua partida.

- Paula, e o seu?

- Pode me chamar de Jef.

- Nós ainda vamos nos ver de novo – disse-me, à medida que ia se distanciando.

Fiquei ali, imóvel, sem saber o que pensar daquilo tudo. Há tempo tinha me tornado um cético a respeito do amor, mas aquilo ali mudou todos os meus padrões de pensamento e de sentimento. Tentei me acalmar, mas não consegui. Não conseguia mais me perder no horizonte e nem acalantar a minha mente. Estava com medo de tudo. Medo de ela não ter sentido nada por mim, medo de me apaixonar ou medo de ir embora e deixá-la. Pensamentos sem sentido tomavam conta do meu ser. Tinha que sair dali. Levantei-me e fui acompanhar meus irmãos.

- O que você tem, amor? – perguntou-me Jon, obviamente notando algo de anormal em mim.

- Nada não, só um pouco cansado – respondi, sem ser muito convincente.

Cris, que era extremamente mais sensível, voltou a perguntar.

- Fala, Jef, o que aconteceu?

- Nada.

Levantei-me e fui até a varanda. Deitei-me e com um dos pés comecei a balançar a rede. Analisei a situação. Estava sendo completamente irracional. Era apenas uma garota e eu era livre, tinha o mundo todo pela frente. Nada iria impedir. Nada. Fiquei mais um tempo deitado. Não queria me entregar. Levantei e voltei para onde estavam Jon e Cris.

- Tá mais calminho, neném? – debochou Jon.

Tive vontade de esmurrá-lo, mas me contive.

- E aí, Jef. Tá mais tranquilo? – perguntou Cris, mostrando preocupação.

- Estou melhor, dei uma cochilada na rede.

Definitivamente tinha passado a minha crise. Que momento de bobeira, pensei comigo, mas tinha passado. Fizemos um lanche, conversamos mais um pouco e fomos dormir. No outro dia, tudo normal. O restaurante estava movimentado, tínhamos bastante trabalho pra não pensar na Paula. Meu Deus, o que eu estava dizendo. Bastante trabalho para não ficar louco por ela... haaaaarg... definitivamente eu não estava mais me coordenando. Precisava tomar um ar. Pedi um tempo ao patrão e saí para dar uma caminhada. Coincidência? Não precisava nem dizer em quem eu esbarrei na saída. O motivo do meu delírio, bem na minha

frente. Disse a ela que estava indo dar uma caminhada e ela prontamente perguntou se eu queria companhia. Assenti com a cabeça. Fomos juntos até perto do mar e começamos a nos olhar profundamente. Tínhamos vontade de nos abraçar, nos beijar, se jogar na água e tudo o mais. Mas tínhamos medo. Medo de sermos felizes, sei lá. Acariciei seus cabelos e, mergulhado num oceano de loucura, beijei-a. Nunca tinha beijado alguém daquela maneira. Tinha descoberto que o amor não pertencia só aos poetas. Ele estava ali, naquele beijo, perto do mar, junto com a brisa, na areia. Certamente estava abobado. Via, em seus olhos, que ela também estava. Ela riu. Um sorriso gostoso, inocente e um olhar de menininha, que tinha adorado, que queria mais. Falei a ela que tinha que voltar ao trabalho. Combinamos de nos ver à noite. Voltei ao balcão, era a minha vez de atender no caixa.

- Jef, cadê o troco da mesa seis – perguntou Cris, que já tinha percebido o que estava acontecendo.

- Hã, troco? Ah sim, claro, o troco, quanto era mesmo?

Tenho que admitir que nesse dia o Cris teve que trabalhar dobrado. Tinha que cuidar do serviço dele e, de quebra, cuidar do meu caixa. Nesse dia a minha cabeça estava em outra dimensão. Não conseguia me concentrar em troco, dinheiro, nada. Só naquele beijo, naquela boca, naquele corpo... Pronto, estava bobo. O tempo não passava, o relógio parecia que andava ao contrário. Queria vê-la de qualquer jeito. Aquele restaurante tinha se tornado uma prisão, uma barreira. Eu tinha que sair. Fim do dia. Nos reunimos como de costume e fomos pra varanda. Tomei banho, troquei de roupa, passei um perfume emprestado do Cris e saí.

- Não vou demorar, tchau – gritei, correndo igual louco.

- Ué, o que é que deu no demente? – perguntou Jon, sem entender nada.

- Você já vai descobrir – falou Cris, deixando Jon ainda mais confuso.

Encontrei a Paula. Estava no mesmo lugar onde tínhamos nos conhecido. Estava linda, já me esperando para curtirmos o anoitecer. Ainda em pé, parei ao seu lado, exatamente da mesma forma que ela tinha feito ao nos conhecermos. Ela agarrou-se em meus braços e, de súbito, puxou-me em sua direção. Caí por sobre aquele corpinho perfeito, que delícia! Começamos a nos beijar, rolando sobre a areia fina e continuando assim até a exaustão completa. Ela aconchegou-se em meus

braços e começamos a contemplar o luar, ali mesmo, deitados na areia fofa. Tudo estava perfeito e eu, definitivamente, percebia que estava vivendo plenamente o maior momento da minha existência. Somente nesse instante é que compreendi o que Cris quis dizer quando falou que a partir do momento em que ele conheceu a Sí, a nossa viagem começou a fazer sentido. Meu coração disparou. Lembrei-me da dura despedida de Cris naquele dia. Meu corpo, traindo-me, estremeceu. Paula, percebendo que algo não ia bem, perguntou-me o que era.

- Está tudo ótimo. Você, nós, essa praia, tudo. Tudo está perfeito.

- Então o que foi? – insistiu ela.

- Estou com medo – falei, transparecendo toda a minha sinceridade.

- Eu também tenho medo – disse-me – só que eu prefiro não pensar, estou tão feliz agora. Tudo vai dar certo, você vai ver.

Não fiquei lá muito tranqüilo, mas sabia que ela estava certa. Levantei-me, sacudi um pouco da areia que estava na roupa e puxei-a, pondo-a em pé instantaneamente. Convidei-a a conhecer os meus melhores amigos. Ela adorou a idéia e fomos até lá. Ao chegarmos na varanda, vimos Jon. Ele, demonstrando toda a sutileza que lhe é natural, ficou com os olhos esbugalhados e a boca entreaberta ao ver a Paula. Apresentei-a:

- Jon, Cris, esta é a Paula – falei, abraçando-a.

... Jon não conseguia falar.

- Prazer – cumprimentou, o sempre simpático Cris.

- É uma honra. O Jef fala muito de vocês.

Deitamos na rede (rezei pra que não arrebentasse), pegamos algumas cervejas - por conta da casa - e bebemos, conversando até tarde da noite. Estávamos felizes, levemente bêbados e com o Jon contando algumas piadas. Ríamos mais dele do que das piadas. Conversamos até de madrugada. Já estava quase amanhecendo quando me propus a levar a Paula até sua casa. Fomos caminhando bem lentamente, prolongando ao máximo a despedida. Ela também morava perto da praia, numa casa simples, mas linda – assim como ela. Nos despedimos com um sonoro beijo. Chegando a nossa casa, vi o canalha do Jon pular no meu colo e me dar um beijo na boca. Mal tive tempo de reagir. Pegamos mais algumas cervejas e continuamos a conversar até quase amanhecer. Novamente tive o privilégio de ver o sol despertar, só que desta vez junto

com meus amigos. Não sei se foi o efeito da cerveja, mas poderia jurar que tinha visto Jon enxugar algumas lágrimas. Não falei nada, sabia que ele nunca iria admitir. Acho que a nossa grande viagem começava a mexer profundamente em nossas almas. Percebia que Jon estava, aos poucos, voltando a ser aquele Jon mais sensível que eu conheci há alguns anos. Assim como aconteceu comigo um dia, ele estava atravessando uma fase curta, mas de inexplicável rebeldia. É normal. Todos passam por isso. Cris, cedo ou tarde, com mais ou menos intensidade, também irá se defrontar com esse problema. Amanheceu. Fomos trabalhar mais cedo que o habitual. Tivemos tempo de organizar e limpar todo o restaurante, além de fazer algumas modificações no lay-out das mesas e tudo o mais. O patrão ficou satisfeitiíssimo. As semanas foram passando rapidamente. Intercalávamos entre trabalho, praia, cerveja com os amigos, carinho e atenção da Paulinha. Foi o período mais feliz da minha vida, mas também o mais inseguro. Tinha medo do inevitável. Começava a sentir a vontade crescente de Jon e Cris em partir para novas aventuras. A minha vontade era a de ficar eternamente naquele lugar com aquela menina. Sabia que estava sendo egoísta, mas fazer o quê? Não conseguia mais dormir. Os meus pensamentos estavam divididos entre os meus irmãos e ela. Então resolvi fazer o mais sensato. Deixei por conta, novamente, do destino. Ele saberia o que fazer. Naquele mesmo dia, parou um bando de motoqueiros com as suas Harley's no nosso restaurante. Velhos barrigudos forrados de tatuagens e sedentos por comida e cerveja. A equipe era formada por uns quinze estradeiros, todos barbudos e desleixados, caracterizando ainda mais o estilo. Reparei que Cris perdia mais tempo ao atendê-los do que o normal. Percebi imediatamente o seu plano.

- Jef, acho que estou conseguindo uma carona pra gente.

- Que bom... – falei, meio desanimado.

Cris foi até a cozinha, provavelmente comentar com o Jon sobre a possível carona com os motoqueiros. O meu coração começou a bater mais forte. Novamente, não conseguia dar o troco e cuidar do caixa. Só conseguia pensar na Paulinha. Meu Deus, a hora estava chegando. Cris foi novamente à mesa dos harleyros para ver se precisavam de mais alguma coisa, se estavam sendo bem atendidos, enfim, simplesmente pra bajular a fonte da nossa possível nova carona. Os monstros de jaqueta de couro gostaram do Cris. Decidiram que, ao amanhecer, partiriam, levando os três andarilhos na garupa. Jon emocionou-se quando soube que iria viajar com uma moto daquelas. Falamos com o patrão que iríamos partir no outro dia, bem cedo. Sentimos que ele ficou um pouco triste, mas

entendeu, provavelmente lembrando das suas próprias aventuras no passado. Definitivamente, essa não era a minha maior preocupação. Ao anoitecer, após arrumar as minhas coisas, fui até a casa da Paula. Após me receber com um beijo, percebeu o que estava acontecendo. Nem precisei dizer que estava indo embora. O meu olhar não mentia. Nos abraçamos e começamos a chorar. Nós sabíamos que isso iria acontecer, mas mesmo assim não estávamos preparados. Voltei pra varanda, arrasado. Nem pude compartilhar a minha dor com os meus irmãos, pois eles estavam ajudando o bando a armar acampamento. Todos estavam felizes e bebendo. O patrão cedeu algumas caixas de cerveja para fazermos uma despedida. Peguei uma cerveja e fui para lugar onde tudo começou. Chegando lá, avistei um vulto. À medida que ia me aproximando, a imagem foi se formando. Era ela. Estava lá, linda, contemplando o pouco que os olhos conseguiam penetrar na escuridão da noite.

- Posso sentar aqui? – perguntei-lhe, da mesma forma que ela tinha me perguntado um dia.

Ela não respondeu. Apenas puxou-me para junto dela e, ali mesmo, aconteceu. A luz do luar revelava, sutilmente, as suas formas e o brilho do seu olhar. Não conseguíamos nos separar; queríamos mais, queríamos tudo, juntos. Nunca tinha sentido algo desse tipo em toda a minha vida. Foi lindo. Tudo ali mesmo, na areia. A brisa leve e a sua respiração confundiam-se aos sons das ondas do mar. Tudo era perfeito.

Adormecemos num longo abraço que durou até o amanhecer. Não tinha como negar. Estávamos completamente loucos um pelo outro. Na despedida, um beijo e uma frase que me marcou profundamente:

- Eu te amo.

Foi um *eu te amo* verdadeiro, como de mãe, só que diferente. Diferente daquele eu também, com medo de se comprometer e dito apenas pra não magoar a outra pessoa ou aquele te amo só pra levar a menina pra cama. Tudo foi muito profundo, verdadeiro. Respondi com a firmeza de quem está sendo inteiramente sincero.

- Também te amo. Pude ver apenas as lágrimas e o brilho do aço em seus olhos. Deixei-a na certeza de que essa seria a noite mais incrível de toda a minha vida. Fui correndo ao encontro dos meus amigos, com medo de que estivessem preocupados comigo. Ao chegar, vi apenas um monte de bêbados empilhados na varanda. Jon e Cris estavam prestes a desabar das suas respectivas redes e, no chão, em meio a garrafas

vazias, estava o bando de motoqueiros. Pensei em acompanhar o pessoal no descanso, mas a minha rede estava ocupada pelo líder do grupo, que roncava ferozmente. Definitivamente não iríamos partir tão cedo. Empurrei um par de pernas de um dos corpos inertes e deitei, meio sem jeito, no único espaço que tinha por ali. Precisava recuperar as energias, mesmo em meio ao caos. Adormeci. Não sei ao certo por quanto tempo fiquei inconsciente, só sei que algo muito estranho começou a acontecer. O meu corpo parecia flutuar, como se estivesse sendo carregado. Também ouvia vozes, gritos. A princípio, pensei que era um sonho, mas quando finalmente despertei, o meu corpo já estava sendo jogado ao mar. Meu Deus, o que estava acontecendo comigo? Ao me levantar, ainda em estado de choque e com os olhos embaçados pela água salgada, vi um bando de animais selvagens e tatuados apontando pra mim e rolando na areia de tanto rir. Olhei ao meu lado e constatei que Jon e Cris também tinham caído na brincadeira que, na verdade, era uma espécie de batismo dentro do grupo. Definitivamente fomos aceitos. Nos enxugamos, mudamos a roupa e compartilhamos de mais uma cerveja com o nosso bom e velho patrão. Despedimo-nos e, ao subir na moto do líder da gangue, fiz a fatídica pergunta:

- Onde está o capacete?

- Que capacete? – respondeu o troglodita, num tom como se não soubesse do que eu estava falando.

- O meu capacete – falei, percebendo que estava passando por bobo.

- Ah, não tem capacete pra vocês! Há, há, há... E, rindo tenebrosamente, arrancou a sua Harley, seguida de toda a tropa.

Olhei pra trás e vi pela última vez a Paulinha. Estava acenando. Retribuí tristemente e não olhei mais para trás. Deixei que o vento enxugasse as minhas lágrimas. A princípio, fiquei um pouco apreensivo pelo fato de Cris, Jon e eu não termos capacete, mas no decorrer da viagem, vimos que atingir altas velocidades não era a maior meta desse pessoal. Eles apenas guiavam sem pressa, sem medo, com o vento batendo em seus rostos barbudos e espalhando as cabeleiras compridas em nossas caras. Sentia como nunca uma imensa sensação de liberdade e prazer. Seguimos pelo litoral rumo ao norte. Às vezes flagrava Cris agarrando-se firmemente no seu companheiro de motocicleta. Parecia que estava abraçando um enorme barril de cerveja. O homem era imenso.

- Essa é a gangorra do amor, meu filho! – falava, deixando Cris sem graça.

Jon apenas erguia a cabeça em direção ao céu, como que para absorver toda a brisa que a motocicleta lhe proporcionava. Naquele momento, sentindo o vento suave e o cheiro do mar, deixei vir à tona a melhor lembrança que eu tinha tido até então, a imagem da Paula. Olhava para o horizonte com certa melancolia; não com tristeza, mas sim com saudades. Percebi que as lembranças também me faziam feliz. Comecei a pensar em como seria triste se isso nunca tivesse acontecido em minha vida. Talvez a expectativa de um dia isso se repetir me trazia paz.

Obrigado, Paulinha, você realmente valeu a pena.

A viagem estava ótima até o momento em que repentinamente o céu se escureceu, despejando todo o conteúdo das suas pesadas nuvens sobre nós. Tínhamos que achar um lugar pra parar, mas onde? Atravessávamos um lugar completamente inóspito. Notamos, a alguns quilômetros à frente, uma espécie de ponte ou viaduto que dava acesso a uma pequena cidade. Encostamos as máquinas e aguardamos o temporal acalmar. Notamos que ali era o habitat de alguns mendigos que, vale a pena ressaltar, acolheram-nos muito bem. Estávamos completamente ensopados e, percebendo as nossas condições, os nossos novos amigos arrumaram um latão velho e improvisaram uma fogueira. Agradecemos e sentamos em volta daquela lata enferrujada, formando um círculo. Começou a escurecer e a chuva não dava sinais de cessar. Resolvemos dormir ali mesmo. Estávamos em grande número, o que nos proporcionava alguma segurança. Comecei a conversar com um dos mendigos que ali residia e, de súbito, nasceu uma simpatia mútua. Ele começou a me contar sobre a sua vida, as viagens, as aventuras, os amigos e a família que ele perdeu por causa da bebida. Nunca imaginei que uma pessoa dessas tivesse uma história. Cresci num lugar onde era comum tropeçar nesses indivíduos, sem nunca dispor um minuto para ouvir o que eles têm a dizer. Decidi que nunca mais desperdiçaria uma oportunidade de conversar com esses aventureiros anônimos. A noite chegou. O solo estava muito úmido, o que proporcionava um terrível desconforto na hora de deitar. O meu novo colega de quarto comoveu-me ao oferecer parte do seu papelão para eu poder dormir.

- Pode pegar, com isso você não se esfria – falou, alcançando-me um pedaço da sua cama.

- Obrigado.

O que um dia foi uma caixa para embalar mercadorias, hoje serviu como um ótimo isolante térmico. Não podia deixar de encarar o acontecimento como uma lição de vida. Também compartilhamos da sua cachaça, dizendo que era para espantar o frio. Estava com fome, mas não tive coragem de me manifestar nessas circunstâncias. Jon e Cris vieram compartilhar da minha cama nova. Deitei do lado esquerdo, enquanto Jon ocupou o lado direito e Cris, contrariado, ficou no meio. Nos aconchegamos e desfrutamos de um reconfortante calor humano. Conversamos pouco nessa noite, provavelmente pelo fato de estarmos vivenciando a triste realidade da pobreza. No fundo, sentíamos falta de nossas casas e das nossas camas de verdade. Dormimos pouco.

Acordamos cansados e chateados, não por termos ficado num lugar pouco confortável, mas sim por termos visto que o mundo realmente é cruel. Decidimos achar um mercado pelas imediações. Estávamos com fome e, provavelmente, nossos novos amigos, mendigos e motoqueiros, também estariam. Atravessamos a pequena ponte, caminhamos algumas centenas de metros e achamos uma padaria. Enchemos uma sacola com pães, salgados e leite. Voltamos e fomos recepcionados com festa pelo pessoal. Todos se uniram para dar fim naquele monte de comida. A fome geral foi saciada e com as sobras fizemos um sanduíche de emergência para cada um. Arrumamos as nossas coisas, subimos nas poderosas estradeiras e continuamos a viagem. A convivência com o clã de motoqueiros fez-nos aproveitar a viagem de uma outra maneira. Parávamos em lugares onde jamais pararíamos em outras circunstâncias. Bares sujos de beira de estrada, vilarejos escondidos e até uma boate fizeram parte do nosso novo roteiro. Na verdade boate era o apelido carinhoso que tínhamos dado para aquele bordel sujo. Nunca tínhamos entrado num lugar assim antes. Um bando de mulheres nuas dançavam em meio a uma névoa de nicotina, enquanto eram assediadas pelos caminhoneiros de plantão. Sentamos numa mesa bem perto do palco. Podíamos assistir as apresentações artísticas de um lugar privilegiado. Algumas garotas vinham e, sem mais nem menos, simplesmente despejavam-se sobre nós. Até mesmo Jon ficou um pouco sem graça. Cris, completamente ruborizado, tentava apenas conversar com as moças. O líder da gangue, já abraçado com duas garotas, chamou-me para junto deles. Percebi o que ele queria quando, de súbito, jogou uma das garotas em minha direção, fazendo com que nós despencássemos no chão. Todos riram, principalmente o líder. Divertimo-nos muito. Jon, Cris e eu estávamos nos sentindo verdadeiros boêmios. Obviamente, não desrespeitamos as meninas. Apenas bebemos muito e demos boas

risadas. Percebíamos que, ao lado desses loucos aventureiros, tínhamos mais acesso a outros tipos de pessoas e situações. Sabíamos que dinheiro não era problema para eles – levando em conta as suas motocicletas caríssimas. Todos poderiam hospedar-se nos melhores hotéis, comer nos melhores restaurantes e degustar as melhores bebidas. Ao invés disso, dormiam no chão, comiam qualquer coisa e tomavam da cerveja mais barata numa zona de beira de estrada. Todos esses momentos e outros tantos que eles passaram juntos provaram que nem tudo o dinheiro pode comprar. Definitivamente seguiam a risca o slogan de suas Harley Davidson's: *Live to Ride, Ride to Live* – Viver para Guiar, Guiar para Viver. Ficamos lá até o momento em que o cafetão pediu, delicadamente, para sairmos. Já estava amanhecendo. A luz do sol começava a revelar um bando de motoqueiros e os seus caronas parados na frente do estabelecimento, sem saber o que fazer. Estávamos acabados. A minha cabeça latejava, os meus olhos ardiam e as minhas roupas estavam fedendo a cigarro. Precisávamos descansar. Nossos amigos, habituados a esse tipo de atividade noturna, acionavam, um a um, os estrondosos motores. Tontos, mas não tanto a ponto de perder a carona, subimos nas respectivas garupas e partimos.

Viajamos o dia todo. Não conseguia permanecer acordado e, mesmo em cima da moto, conseguia desfrutar de alguns lapsos momentos de sono. O mesmo acontecia com os meus irmãos de aventura. Chegamos no que seria, provavelmente, o destino final dos nossos novos amigos. Estava anoitecendo. Uma enorme pira estava acesa, iluminando todo o complexo destinado ao maior encontro de motoqueiros que tínhamos visto até então. Ficamos hipnotizados com tamanha diversidade de motocicletas no lugar, além, é claro, do Rock ` Roll pesado que agitava a cabeleira do pessoal. Estávamos à vontade. A nossa gangue encontrou-se com outra e outra, até tornarem-se uma grande massa alucinada. Saímos caminhar pelo lugar. O bom é que por onde passávamos, o pessoal nos oferecia cerveja, churrasco e pão pra acompanhar. Era uma grande família compartilhando o que tinham.

Várias barracas foram montadas, redes penduradas nas árvores, isopores abarrotados de cerveja e latões cortados ao meio serviam como churrasqueira. Mais ao fundo havia um palco destinado às apresentações das bandas de rock locais e sons alternativos. Tudo muito louco e cada um curtindo a seu modo. Os grupos de roqueiros mais exaltados jogavam-se uns sobre os outros ou atiravam-se do palco sobre a platéia alucinada que, na maioria das vezes, abria espaço para os loucos estatelarem-se no chão. Outros preferiam beber num canto ou conversar com outros membros do seletto grupo de estradeiros. Mas o nosso

momento agora era apenas de contemplação. Chegamos perto de uma Harley Davidson Fat Boy (sim, a moto do Exterminador) que estava repousando em baixo de uma árvore. Sem dúvida nenhuma foi a motocicleta mais linda que eu já tinha visto em minha vida. Era imponente, quase toda preta e com a maioria das peças cromadas e personalizadas. Ameacei montar naquela máquina maravilhosa, quando ouvi uma voz ameaçadora ao meu lado que partia, provavelmente, do dono da moto:

- Nem tente fazer isso, garoto.

- Desculpe-me.

A princípio pensei, em meio às risadas de Jon e Cris, que a honra de possuir uma moto daquelas, mesmo que por alguns instantes, dava-se a poucos. Depois, pensando melhor, achei que foi egoísmo da parte do cara. Continuamos a exploração da área, só que agora, apenas olhando e de uma distância segura. No meio da confusão, deparamo-nos com uma garota que, de cara, vimos que se encaixava perfeitamente com as características idealizadas por Jon. Ela era alta, bonita, vestia uma calça e um boné do exército e tomava cerveja no gargalo. Percebemos que Jon estava perplexo com o que estava vendo. Antes mesmo de esboçarmos qualquer reação, vimos Jon voar, como um abutre faminto, sobre o banquete. Ficamos observando o ataque.

- Adorei a calça – investiu Jon, falando a primeira coisa que lhe veio à cabeça – e combina com o boné – completou.

- Obrigada – respondeu sorridente a garota.

- Qual o seu nome? - Meu nome é Jonathan, mas...

- Mas... – completou a menina - posso te chamar apenas de Jon?

- Claro!

Pronto... Jon encontrou a menina da sua vida. Nem em seus sonhos mais ousados ele esperava uma dessas.

- E o seu nome, qual é?

- Sandra – ela falou, com os olhos já revelando o seu interesse pelo nosso amigo.

- Você gosta de filmes de guerra? – tornou a perguntar o Jon, adornando-a com um de seus braços e levando-a dar um passeio.

Cris e eu ficamos parados, sem saber o que fazer e imaginando por quanto tempo teríamos que adiar novamente a nossa viagem por motivos sentimentais. Não podíamos ser egoístas naquele momento, ambos tínhamos vivido uma paixão louca. Agora era a vez de Jon. Boa sorte, soldado.

Voltamos animados para a festa. Reencontramos a nossa gangue, tomamos algumas cervejas e nos aventuramos no meio da multidão de metaleiros, formados em frente ao palco. Estavam quase todos bêbados, distribuindo socos e pontapés, enquanto chacoalhavam com força as suas cabeleiras compridas. Não nos intimidamos, retribuímos à altura todos os golpes. Também queríamos provar a nossa competência e sermos aceitos no meio da pancadaria. Tentamos não nos dispersar, mas era impossível. Aquela maré humana nos levava para todos os lados. Às vezes sentia que estava pisando em alguns seres humanos pelo chão. A banda, contagiada pelo clima de destruição, começou a quebrar os instrumentos e jogar os destroços sobre o público. Foi nesse momento que encontrei Cris. Aproveitando um momento de distração dos seguranças, ele subiu no palco e saltou espetacularmente sobre uma dezena de cabeças. A massa humana amorteceu a sua queda, mas não evitou sua ida ao chão e o inevitável pisoteamento coletivo. Não consegui mais vê-lo. Em meio a empurrões e cotoveladas, subi até o palco para procurá-lo. Só me dei conta do que tinha feito quando um bando de seguranças correu em minha direção. A minha única saída era repetir o salto que Cris tinha dado momentos antes. Pulei, só que sem a mesma sorte. No momento em que me projetei em direção aos amortecedores humanos, todos abriram espaço no local exato onde eu iria pousar. Caí de costas no chão, além de também ser chutado e pisoteado. Consegui com muito custo me levantar. Sentia os hematomas pipocarem por todo o corpo, mas mesmo assim continuei a minha busca por Cris. Resolvi tentar sair da multidão enfurecida. Mais empurrões seguidos de xingamento.

Finalmente encontrei um lugar mais seguro. Corri os olhos em busca do Cris. Havia algumas árvores por ali, todas sendo usadas para escorar alguns farrapos humanos. Cris estava sob uma delas. Fui ao seu encontro e, ao vê-lo, assustei-me. Estava destruído. A face, braços e pernas apresentavam várias escoriações e as roupas, além de estarem completamente rasgadas, apresentavam algumas manchas coaguladas de sangue. Sentei ao lado dele, perguntando como estava se sentindo.

- Estou ótimo, nunca me diverti tanto! – exclamou, deixando-me a ponto de questionar a sua sanidade mental – você me viu pulando em cima da galera?

Apenas balancei a cabeça. Achei melhor não repreendê-lo pelo seu ato heróico, pois via a alegria estampada naquele rosto maltratado. Ficamos ali, imóveis, até o amanhecer. Além de estarmos bem acomodados ao pé da árvore, não tínhamos forças para levantar. Não sabíamos onde estava Jon e nem nos importamos com isso. Sabíamos que ele também não estava ligando a mínima, pois concluímos, por experiência própria, que a medida da paixão era diretamente proporcional ao tamanho do egoísmo. Nos levantamos com dificuldade. Ao pôr-me em pé, senti que o meu velho problema na perna havia retornado. Isso foi herança de um salto mal sucedido de um trem em uma das minhas aventuras irresponsáveis com Jon e Cris. Há alguns anos, tínhamos pegado uma carona em uma das locomotivas da antiga Rede Ferroviária. Como nunca tínhamos dinheiro para pagar a passagem, aproveitamos o momento em que o trem ia lento - consequência de uma manobra nos trilhos - e saltamos em um dos velhos vagões de carga que se arrastavam ruidosamente naquele imenso e pesado comboio. Nos acomodamos em alguns sacos de trigo e aproveitamos o passeio. Subíamos e descíamos serras, atravessávamos pontes altíssimas e cortávamos montanhas por longos e escuros túneis. À medida que íamos prosseguindo, o sentimento de diversão foi cedendo espaço a uma preocupação crescente. Não sabíamos mais onde estávamos e o nosso trem não dava sinais de que iria parar tão cedo. Após algumas horas de viagem e tomados pelo desespero, pegamos nossas mochilas e pulamos. O impacto com o chão fez com que perdêssemos o equilíbrio e a noção da realidade. Rolamos sem parar, batendo e esfolando cada centímetro do nosso massacrado corpo. Ficamos deitados por alguns instantes, na tentativa de nos recompor do incidente. Levantamos e, trôpegos, começamos a caminhar rente aos trilhos até achar algum vilarejo. Essa aventura me rendeu alguns meses de tratamento e fisioterapia que, pelo visto, não surtiram muito efeito.

- Onde está o Jon? – perguntou-me Cris, fazendo uma varredura visual no local.

- Deve estar nos procurando – falei, sem acreditar muito na possibilidade.

- Vamos ver se as nossas coisas estão em ordem.

- Vamos lá.

Tínhamos deixado as nossas mochilas com os nossos amigos motoqueiros. Sabíamos que eles não ligariam muito para elas, mas pelo menos serviriam como ponto de referência para não perdê-las. Chegando lá, encontramos as mochilas, mas não o Jon. Perguntamos aos poucos que aparentemente já tinham acordado. Ninguém o tinha visto. Saímos procurá-lo, despreocupadamente. Não tínhamos condições físicas para percorrer todo o complexo, então optamos pelos lugares mais próximos. Começamos pela opção mais lógica: as barraquinhas que vendiam bebidas. Percorremos todas sem sucesso. Partimos então para as de lanches. Nada. Fomos dar uma olhada no lugar onde descansavam as motocicletas. Também não encontramos Jon por lá, mas tive a oportunidade de ficar a sós com a enorme Fat Boy, que outrora um idiota mesquinho não me deixou tocar. Subi no dorso da imponente Harley pendendo-a com todo o cuidado, sobre o lado oposto ao do repouso. Senti o seu peso, a sua forma e imaginei o seu ronco, a sua potência, o vento batendo em meu rosto. Cris respeitosamente apenas observava. Voltei a moto ao seu estado original, fuzei em mais alguns botões e apeei, como que de um animal bravo. Continuamos a busca. Andamos mais um pouco e, sem agüentar mais a minha perna manca, desfalecemos numa sombra em frente a um aglomerado de barracas. Víamos várias cabeças e pés pendendo pro lado de fora das portas abertas. Aos poucos, à medida que o sol se erguia, o calor produzido no interior das tendas cuidava de expelir os seus ocupantes para fora. De uma dessas barracas saiu o Jon, com a cara toda amassada e gritando como louco:

- Boom dia, Vietnãaa!!!

Essa analogia a um de seus filmes preferidos nos fez pensar em até que ponto chegamos para nos exibir pra uma mulher. É ridículo. Ao nos ver, esboçou um sorriso de satisfação. A Sandra saiu em seguida, acompanhando-o. Fomos juntos comer alguma coisa. Fizemos um levantamento do que tínhamos disponível no local e optamos pelo velho e bom cachorro-quente. Novamente fizemos pressões psicológicas na hora do preparo, o que nos rendeu um lanche com o dobro do tamanho normal. Comemos como porcos selvagens e fomos descansar à sombra de uma árvore. Jon deitou-se, abraçado com a namorada, enquanto Cris e eu nos revirávamos, procurando uma posição menos desconfortável aos nossos machucados. Definitivamente, a noite tinha sido longa para todos nós. Adormeci, mergulhando no mundo dos sonhos. Sonhei que estava com o corpo coberto de barro, correndo numa enorme poça de lama e

fugindo de enormes porcos assassinos. Quanto mais eu corria, mais a vara de porcos se aproximava, grunhindo como loucos. O desespero fez-me tropeçar e mergulhar de cabeça naquele líquido pastoso e fedorento. O ar faltou-me aos pulmões e os porcos, alucinados, pularam sobre o meu corpo. Acordei com Jon em cima de mim tentando me acordar e, sem querer, dei-lhe um soco fazendo-o voar de costas no chão.

- Saia de cima de mim, porco maldito! – gritei, sem perceber o meu retorno ao mundo real.

- Desculpa, cara. Não precisava xingar! – falou Jon, sem entender a minha reação.

Fiquei um pouco sem jeito na hora, mas depois de compartilhar o meu sonho com eles, caímos na risada. Constatamos que realmente certas revelações oníricas estão diretamente relacionadas ao nosso cotidiano, ou seja, interpretamos como um aviso de que estávamos fedendo e precisávamos tomar um banho.

Voltamos para pegar nossas coisas e saímos à procura de um chuveiro ou algo parecido. À medida que caminhávamos, pudemos observar o quão difícil seria encontrar um lugar para limpar-se. Ninguém estava nem aí pra essas coisas supérfluas. Víamos alguns indivíduos esparramados no chão, outros tomando cerveja, conversando, guiando suas motos ou retornando ao palco dos demolidores shows de rock, prontos para mais pancadaria. Não nos deixamos desanimar. Continuamos até finalmente encontrar, mais ou menos, o que estávamos procurando. Uma mangueira enrolada e conectada a uma torneira de jardim. Estava ótimo. Ficamos apenas de bermuda e começamos a nos lavar. A cena, mesmo um pouco incomum onde estávamos, não chamou muito a atenção. Fiquei esperando a vez da Sandra, curioso para ver se ela realmente se sujeitaria a fazer uma coisa dessas. Ela, surpreendendo-me, tomou banho com roupa e tudo. Jon adorou. Definitivamente era a mulher dos seus sonhos. Trocamos as roupas e saímos curtir. Ficamos sabendo, através da própria Sandra, que o encontro de motoqueiro duraria uma semana. Olhamos para Jon e ele, sem deixar transparecer os seus sentimentos, convidou-nos a aproveitar a festa. Víamos que ele queria exprimir ao máximo toda a energia daquele lugar. Íamos aos shows constantemente, bebíamos e dançávamos. Lembramos da época em que montamos uma banda de rock. A banda se chamava The Mongols, com Jef na guitarra, Jon no vocal e Cris na bateria. Nos reuníamos lá em casa para desenvolver o projeto. Tínhamos bolado algumas letras exageradamente toscas e até tentamos tirar algum som.

Quis o destino que não nascêssemos com nenhum dom musical. Éramos terríveis, mas nos divertimos muito. À noite, enquanto Jon dormia confortavelmente na barraca da namorada, Cris e eu nos encolhíamos no gramado, perto das árvores – como a maioria dos verdadeiros motoqueiros dali. No fundo morríamos de inveja do Jon.

Os dias foram passando e o fim chegando. Tínhamos conhecido muita gente boa nesse encontro, enquanto Jon tinha conhecido a Sandra. Aprendemos muito sobre motocicletas, marcas e mecânica. Jon tinha aprendido sobre realmente gostar muito de alguém.

Último dia. Encerramento com todas as bandas que tinham tocado até então e bebida de graça para todos. Cortesia de uma loja grande de motos que eu não lembro o nome. Tomamos mais do que os nossos organismos suportavam. Ficamos completamente bêbados, inclusive a garota do Jon. Aos poucos, as máquinas iam partindo aos seus respectivos destinos. A turma da Sandra também estava preparada, esperando apenas a dura despedida dela e do nosso amigo. Todos saíram de perto, deixando os dois a sós por alguns instantes. Cris e eu fomos nos despedir dos nossos amigos de estrada.

- Querem voltar com a gente? Ainda tem lugar no potro – convidou-nos o gigantesco chefe do grupo.

- Não, acho que vamos ficar por aqui mesmo. Mas obrigado.

Abraçamos calorosamente os quinze membros da equipe e ficamos esperando todas as motos sumirem no horizonte. Nisso chega Jon com os olhos banhados em lágrimas, repetindo para si mesmo:

- Sou uma máquina desprovida de sentimentos, uma máquina...sem sentimentos...

- Eu sei, Jon. Eu sei. Cris e eu sabíamos exatamente o que ele estava passando. Estávamos ficando experts em despedidas.

XI

Olhamos ao redor e vimos que o pessoal já estava se empenhando em desmontar toda a estrutura que acomodou o evento. Muito barulho e ferragens espalhadas por toda a parte. Voltávamos à estaca zero.

Pegamos as nossas desgastadas mochilas e seguimos rumo à praia mais próxima. A areia e as águas do mar tornaram-se nosso refúgio permanente. Víamos de longe apenas o horizonte e a crista espumante de algumas ondas. A caminhada era longa, amenizada apenas pelas histórias que Jon nos contava sobre a sua nova ex-namorada. Estávamos felizes, apesar da certeza que tínhamos de que não encararíamos mais as mulheres da mesma forma durante a viagem e, com certeza, durante o resto de nossas vidas. Tínhamos conhecido garotas muito especiais, o que refinou ainda mais a nossa seletividade com relação a elas. Após algumas horas de peregrinação chegávamos a uma praia paradisíaca e lotada de turistas.

O sol estava escaldante e a areia fofa dificultava o nosso deslocamento. Deixamos as nossas coisas em um quiosque aparentemente abandonado e fomos nos refrescar nas águas calmas daquele lugar. Voltamos para a sombra do nosso abrigo e começamos a observar as pessoas. Algumas estavam à deriva no mar, outras caminhando, jogando frescobol ou simplesmente torrando-se, deitados na areia. O que mais nos chamou a atenção foi um bando de turistas, brancos como vermes, com o sol queimando as suas costas vermelhas e pulando como pipocas sobre o chão fumegante. Todo esse martírio em troca de uma lata de cerveja geladinha que vendiam do outro lado da praia. Analisamos a situação e, quase que instantaneamente, nosso espírito empreendedor despertou de um sono que durou a nossa vida inteira. Partiríamos de um simples princípio formulado por algum empresário genial: Aproveitar-se da preguiça alheia. Deixaríamos de ser os preguiçosos e nos tornaríamos os ambiciosos exploradores capitalistas que se aproveitam das situações. Fomos à luta. Nos separamos e começamos a procurar em mercados, restaurantes e postos de gasolina, as melhores ofertas de cerveja. Seríamos os únicos em toda a extensão da praia a oferecer bebida geladinha na mão do consumidor final, sem que eles precisassem sofrer tanto por isso. Cris encontrou uma revendedora de bebidas que oferecia a um pau a lata, só que vendia apenas em grandes quantidades. Fomos até lá convencer o dono, expor os nossos projetos, as vantagens do nosso empreendimento e o quanto

ele sairia ganhando com isso. O dono do estabelecimento, redondo de tanto tomar cerveja a preço de custo, cedeu, dandonos uma chance. Agora, precisávamos achar um meio para transportar as latinhas. Saímos à procura de isopores ou qualquer coisa similar. Em vão. Não encontramos nada em lugar nenhum. Foi então que tive a idéia genial:

- Por que não colocamos nas mochilas?

- E as coisas, vão junto com a cerveja? – criticou o Jon.

- Tem alguma idéia melhor? Obviamente que ele não tinha. Apenas resmungou e foi para um canto.

- Podemos deixar nossas coisas aqui – sugeriu o Cris.

Falamos com o nosso fornecedor e ele concordou. Esvaziamos as mochilas e empilhamos as nossas coisas num canto, perto do estoque de garrafas. Levamos apenas as nossas pochetes com os documentos e dinheiro. Com as mochilas carregadas de latinhas, saímos. Jon e eu ficamos responsáveis pela venda das cervejas; Cris, dos refrigerantes. No início, íamos tímidos, com medo de gritar e anunciar o nosso produto. Ninguém saberia do que se trata ao ver três idiotas carregando mochilas enormes no meio da praia e naquele calor infernal. Fomos aos poucos nos soltando e perdendo a vergonha. Ora, ninguém conhecia a gente e provavelmente nunca mais iriam nos ver na vida - pensei, tomando a iniciativa:

- Olha a cervejinha... Os dois se entreolharam e gradativamente seguiram o exemplo:

- Refri geladinho! – gritou Cris. Jon foi no embalo:

- Cervejinha baratinha...

Deu resultado. A aceitação do produto foi imediata, mas tínhamos um problema. À medida que íamos caminhando as bebidas iam esquentando e, conseqüentemente, despertando reclamações por parte dos clientes mais exigentes, ou seja, de todos. Voltamos e, mais uma vez, fomos incomodar o expansivo dono da distribuidora.

- Podem pegar, é no freezer do meio! – gritou o homem, já de mau humor.

Quebramos os grandes cubos de gelo em pequenos fragmentos e enchemos as respectivas mochilas. Saímos novamente prontos a explorar, quero dizer, servir o freguês. Momentaneamente, tudo estava

resolvido. Tínhamos ótimo fornecedor, clientes e bebida gelada. Nada iria nos impedir. O nosso império estava apenas começando. Saímos e, mais uma vez, fomos surpreendidos por problemas técnicos. Enquanto estávamos vendendo sob o sol forte, notávamos que um líquido gelado ia escorrendo pelas nossas costas, entrando pelo vão da bunda e parando lá no calcanhar. Era terrivelmente humilhante. O gelo derretia dentro da mochila, causandonos arrepios e a estranha sensação de estarmos mijando constantemente. Não tivemos solução para este problema, apenas aprendemos a conviver com isso. Em poucos instantes esvaziávamos a mochila, reabastecíamos e, cheios de disposição, voltávamos a vender:

- Água mineral, suco e refri... – Cris começava a diversificar, acompanhando a demanda.

Comprávamos a um e vendíamos a dois, três paus, dependendo da cara do freguês:

- *Hey man, give me a beer, oh right!*

- *Ok! It's 3 dollars...*

- *My God!*

Pobres americanos! Era a nossa vez de ferrar com a vida deles... Éramos os empresários mais ágeis da história. Em um único dia tivemos a idéia, fizemos todo o planejamento estratégico e logístico, contatamos com o fornecedor, conquistamos clientes e obtivemos lucro. Estávamos orgulhosos de nós mesmos. À noite, exaustos, mas ao mesmo tempo contentes, pernoitávamos no quiosque abandonado – o mesmo que nos acolheu na chegada. Antes de dormir, fazíamos o caixa, contabilizávamos os lucros, conversávamos um pouco, trocávamos experiências de trabalho e íamos dormir. Os dias começaram a passar rapidamente.

- Olha o suco natural, é gostoso e não faz mal!

Começávamos a bolar dingles idiotas para atrair o consumidor.

- Tome cerveja geladinha e conserva a barriguinha! As pessoas riam e compravam.

- Nada de água torneiral... só mineral, gostosa e natural!

Risos e mais vendas... Vez ou outra, éramos surpreendidos pelos ticanos:

- *Yo quiero una cerveza!*

- *Sí, sí...10 pesos!*

- ...

Agradávamos muito, inclusive os nossos amigos argentinos. O nosso fornecedor dava pulos de alegria com o aumento nas vendas e, como prova de reconhecimento, passamos a dormir dentro do barracão, junto com o estoque de garrafas. Notamos que estávamos literalmente respirando o nosso trabalho. Percebendo a sazonalidade do negócio, acordávamos cedo, fornecendo bebidas mais lights e adocicadas, no intuito de curar a ressaca do pessoal que nós mesmos tínhamos embebedado no dia anterior e vendíamos mais cerveja pela parte da tarde, quando todos já estavam aptos a encher a cara novamente. Éramos apenas parte de um ciclo que se repetia constantemente. O tempo foi passando e começamos a reparar que alguns penetras começavam a invadir a nossa hipotética praia. A principio não nos importamos. Achávamos até que uma concorrênciazinha não faria mal algum. Em termos. Os plagiadores foram se espalhando, como uma praga, fazendo com que nossos lucros caíssem para menos da metade. Não tínhamos o que fazer. O nosso monopólio tinha acabado. Ficamos sabendo que o nosso próprio e exclusivo distribuidor contribuiu com a proliferação dos vendedores ambulantes. Percebemos que fidelidade não fazia parte do mundo dos negócios. Socamos as nossas coisas dentro das mochilas, ainda molhadas, e pegamos a estrada. Tínhamos bastante dinheiro, o que nos proporcionou, pela primeira vez, certa segurança. Não sabíamos onde era a rodoviária e então resolvemos pegar uma carona. Nos arrependemos ao último da decisão. Parou uma *Variant VW1600*, completamente arruinada pelo tempo e pela falta de manutenção e, da janela sem vidro, saiu a cara deplorável de uma figura bem conhecida da gente.

- Vocês... é vocês... querem uma carona, não é?

- É, mais ou menos, não queremos incomodar – falei, tentando nos livrar da situação.

- Entrem... tem lugar aqui, ó... pra todo mundo.

A porta, cuja maçaneta se perdera com a ferrugem, abriu-se com um rangido monstruoso. Não tínhamos como recusar, pois, afinal de contas, eram nossos amigos ou melhor dizendo, os nossos melhores clientes lá na praia, responsáveis por quase cinquenta por cento do nosso

faturamento. Iríamos provar do nosso próprio veneno. Reunimos toda a nossa coragem e entramos. A porta se fechou, mas a mão do co-piloto continuou ali, firme, segurando-a. Todos os tripulantes estavam completamente bêbados, inclusive o motorista. Atingimos a incrível marca de sete pessoas dentro de um único veículo que, diga-se de passagem, não tinha condições de andar. O carro, tossindo, arrancou, deixando uma névoa de fumaça para trás. O cheiro de óleo queimado e o barulho do motor eram insuportáveis. O assoalho, repleto de garrafas vazias tilintando, estava completamente podre, cheio de buracos que nos permitiam uma visão privilegiada do asfalto. Cris, sempre muito prevenido, encolheu-se, colocando ambos os pés no banco todo rasgado. O carro rabeava loucamente, ora indo para o acostamento, ora indo para a pista contrária. Estávamos trêmulos, ouvindo o motorista se desculpar:

- Pô, a pista tá cheia de buraco. Calma, calma... tô com muitas vidas na minha mão!

Nisso, tínhamos que concordar...

- Você pode nos deixar perto da rodoviária? – falei, rezando que estivéssemos próximos.

- Hã, rodoviária? Já passamos faz tempo... – falou o motorista, sem saber se olhava para o retrovisor ou para frente.

- Cuidado! – falei, já colocando os dois braços na frente para me proteger do impacto.

No susto e com uma guinada brusca escapamos, milimetricamente, de colidir com um caminhão.

- Saia da minha pista, idiota!

E assim, seguimos viagem... Creio que, nessas circunstâncias, as lembranças de Jon e Cris tomaram o mesmo rumo das minhas. Lembrome do dia em que emprestamos o carro da mãe de Jon, sem ela saber, é claro, e fomos até o interior, pôr à prova as suas habilidades automobilísticas. Era um caminho de estrada de chão e cheio de curvas, deixando óbvio o que iria acontecer. Jon pilotava alucinadamente o *Verona 1.8* da mãe dele quando, de repente, uma vaca pulou bem na nossa frente. Na tentativa de desviar o carro rodou, bateu no barranco e caiu numa valeta. Depois do susto e de convenceremos Jon a não bater na pobre vaca, não acreditávamos que ele estava tentando montar os cacos de vidro dos faróis e a desamassar no braço a lataria. Enfim, o pior da história não foi o fato de alguém ter morrido ou se machucado. Foi

restabelecer amizade com a mãe do Jon. O ambiente no interior da Variant estava mais tranquilo agora. Os níveis de álcool dos nossos amigos já atingiam padrões mais aceitáveis. Até hoje acho que o destino foi providencial para a sobrevivência deles, é claro, termos pegado essa carona. Fomos controlando por todo o trajeto as dosagens de cachaça no sangue dos passageiros e, principalmente, do motorista. Ficamos sabendo que, assim como nós, eles também estavam dispostos a viajar sem rumo pelo país. Um estava desempregado, outro tinha se separado da mulher e os outros dois eram aleatórios, não estavam nem aí pra nada. Cada qual com o seu motivo. Tínhamos dinheiro e decidimos acompanhá-los até onde o carro agüentasse, sempre rumo ao norte. A cada parada no posto era necessário completar de gasolina e de óleo - que queimava violentamente, devido às terríveis condições do motor. Rateávamos as despesas com a banheira velha e torcíamos sempre para não sermos pegos numa blitz policial. O carro não passaria nem com toda a propina do mundo. Era uma lata de lixo. Seguíamos viajando o dia inteiro, parando somente para comer, olhar as praias, dormir ou fazer festa nas piores pocilgas de beira de estrada. Algumas vezes íamos lentos, mexendo com as meninas. Nunca sabíamos exatamente se elas gostavam ou não, pois a fumaça expelida pelo cano de escape cobria as pobres garotas. Também era muito normal pularmos meio fios e andarmos sobre as calçadas, enquanto o Feijão e o seu co-piloto conversavam tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. Era divertidíssimo. O carro, que tinha apenas um buraco no lugar do rádio, fazia-nos desenterrar todos os tipos de piadas e músicas, além de arrotar, peidar e conversar. Tudo muito natural e espontâneo. Atravessávamos o estado num piscar de olhos, sempre explorando as lindíssimas praias de cada lugar e, sem dúvida nenhuma, novas espeluncas. A última em que paramos foi a que mais me marcou. Mulheres sem roupa no palco, música alta, bebedeira, sacanagem, tudo muito normal. Mas o que me chamou a atenção desta vez foi uma mulher, na verdade uma miniatura de mulher, triste e encostada num canto. Fui até lá na tentativa de animá-la e, quem sabe, até puxar uma conversa. A anã revelou-se uma pessoa extremamente amável e inteligente. Era bonita e, para mim, nem a baixa estatura a desvalorizava. Ela contou-me que era o atrativo do lugar e, de certa forma, o foi para mim. Enquanto os meus amigos curtiam e deliravam, ficamos a sós num lugar mais tranquilo. Conversamos e jogamos xadrez por horas e horas... Acho que fui o único ser humano desse planeta a fazer isso num lugar daqueles. Estávamos lá, nos divertindo ao nosso modo, sem segundas intenções ou sexo - apenas ignorando o lugar. Contávamos um ao outro as nossas aventuras,

experiências, medos e sonhos. Resolvi fazer a célebre pergunta “por que você está nessa vida?”, e ela, clara e objetiva, respondeu-me que era pelo simples fato das coisas estarem difíceis e que, ao sair de casa, não teve o apoio da família, estava sem dinheiro... essas coisas. O que me animou foi o fato de ela estar economizando para poder sair dali e voltar a estudar. Pronto, fiquei fã da menina. Convidei-a para dançar e ela, chocada ao ouvir o pedido, falou:

- Não sei, é que, você sabe... eu tenho um problema.

- Eu sei, eu sei... até entendo... mas, confesso que também não sei dançar! – respondi-lhe, fingindo não ter entendido a extensão das suas palavras.

Rimos e fomos para a suposta pista de dança. Dançávamos terrivelmente mal, mas estávamos nos divertindo muito mais do que a maioria dos que estavam ali. Tínhamos consolidado uma bela amizade. Já estava amanhecendo quando os meus amigos foram chutados porta afora, enquanto eu fui acompanhado carinhosamente. Despedi-me da minha nova amiga com um forte abraço e um beijo. Fiquei feliz ao ouvir ela dizer que foi o dia mais feliz da sua vida. Entramos na sucata ambulante e, em meio ao incansável interrogatório, contei-lhes a verdade.

- O quê? Jogando xadrez? Tá louco, é?

- E daí?

- E daí que não vamos na zona jogar xadrez, sabia?

Dei de ombros. Percebi que de todos eles, apenas Jon e Cris acreditaram na história. Eles me conheciam como ninguém. Contida a euforia geral, o Feijão, como era conhecido o motorista, tentou, sem sucesso, dar a partida. Batia na chave - nhoc, nhoc, nhoc, nhoooc, nhooooo... tínhamos ficado sem bateria. Todos pra fora do carro para empurrar, na tentativa de fazer pegar no tranco. Víamos a platéia delirando, fazendo torcida, debruçadas nas janelas do bordel.

- Por que vocês não ajudam, então? – esbravejava o perturbado Feijão.

- Vocês conseguem, meninos – gritava a mulherada.

Foi um vexame. O carro não pegou, forçando-nos a empurrá-lo para bem longe das gargalhadas que ecoavam dali. Tínhamos percorrido

algumas centenas de metros antes de estacionarmos. Resolvemos descansar um pouco, tentar dormir, mesmo estando todos empilhados. Cris deitou-se, confortavelmente no bagageiro. Jon tombou a cabeça em meu ombro, enquanto eu achatava a minha cara em um dos poucos vidros existentes no veículo. Os outros ocupantes simplesmente desmaiaram, sob o efeito das tequilas e margueritas. Uma cena lamentável: “O veículo, completamente destruído, apresentava sete corpos amontoados e inertes. Todos os ocupantes, sem exceção, mostravam-se alcoolizados, revelando a provável causa do acidente”. Descrição digna de uma perícia.

O calor do sol despertou-nos. Já começávamos a nos cozinhar no interior da velha Variant quando o Feijão tentou novamente dar a partida no valente e sofrido motor. Nada. Continuamos empurrando por mais alguns longos metros até achar um posto de gasolina. Chegando lá, o frentista chamou um amigo mecânico para dar uma olhada nos destroços. Enquanto esperávamos, contamos a ele o acontecido. O frentista, sem conseguir manter a compostura, segurava a barriga de tanto dar risada. Nós começamos, um a um, também a rir da situação. Ríamos compulsivamente até a chegada do mecânico e ele, ao ouvir a história, instantaneamente juntou-se a nós. Tínhamos esquecido, por breves minutos, o incidente com o carro. Compartilhávamos de um irresistível momento de euforia coletiva. Passado o acesso de riso, voltamos ao problema. O mecânico olhou, fuçou, desmontou, olhou de novo e, ao dar o diagnóstico, desmantelou os ânimos dos nossos colegas. Além do óbvio problema de bateria, o motor, provavelmente por falta de lubrificação, esmiuçou todos os componentes internos. A previsão para o conserto era de uma semana e, provavelmente, acabaria com as economias do Feijão e de seus amigos. O Feijão ficou inconsolado. Rebocaram o carro até a oficina, tomando todo o cuidado para não desmanchá-lo.

Convidei-os a dar uma volta, para tentar acalmar os ânimos. Novamente, com as mochilas nas costas, fomos ao encontro do nosso inseparável amigo, o mar. O céu estava limpo, as águas agitadas e incrivelmente cristalinas. Estávamos em uma das paradisíacas praias de Pernambuco, um pouco depois da capital, entre Recife e Olinda, provavelmente na praia dos Milagres, que era o que estávamos precisando no momento. Sabíamos que ali seria o nosso lar por, pelo menos, uma semana. O motorista e a tripulação foram pra uma pensão fuleira perto do posto, enquanto nós fomos usufruir, pelo menos um pouco, das nossas pomposas economias. Combinamos em manter contato. Tínhamos um bom dinheiro, o que nos proporcionou bons

atendimentos. Saíamos, comprávamos algumas lembrancinhas, comíamos bem e, pela primeira vez, em quase um ano de viagem, dormíamos com conforto. Meu Deus! – pensei, já levando um susto – estávamos em meados de novembro. Só de pensar no fim da aventura, corria-me um frio na espinha. Tentava não me adiantar aos acontecimentos. Paramos em um hotel à beira do mar com piscina, sauna, café da manhã e com banheiro no nosso próprio quarto! Era um luxo. Tínhamos tudo, mas mesmo assim não conseguíamos conter o nosso magnetismo para com o mar. Nadávamos na piscina e corríamos para o mar. Cozinhávamos na sauna e nos refrescávamos no mar. Almoçávamos, lanchávamos, tomávamos cerveja... tudo na beira do mar. Tínhamos nos tornado obcecados por essa maravilhosa criação divina. Era humanamente impossível, ao contemplar o horizonte, cultivar qualquer sentimento nocivo ao espírito. A mim, vinham à tona somente bons momentos... Sentíamos que estávamos ficando muito preguiçosos com a calmaria do lugar, até que Cris sugeriu irmos até o centro e, quem sabe, até pegar um cinema. Topamos na hora. Fomos até o ponto de ônibus, pegamos o primeiro que veio e fomos embora. Cumprimentamos o motorista, um negão simpaticíssimo. Passamos a catraca com um cobrador mais simpático ainda, e nos sentamos. Não tinha como não reparar na felicidade daquele pessoal, pois estava todo mundo conversando, rindo alto e brincando, bem diferente da capital onde não podemos nem espirrar que já olham com cara feia. Fizemos um passeio tranquilo até o centro. Ao chegarmos, reparamos na diferença daquele lugar para os grandes centros urbanos. Tudo era muito pacato: pessoas andando tranquilamente nas ruas, sem medo de assaltos ou atropelamentos, usando bermudas e chinelos de dedo. Os policiais, também vestindo bermudões, mais pareciam passear do que fazer ronda. Os carros trafegavam lentamente e sem ninguém atrás buzinando ou gritando. Todos muito tranquilos, curtindo o sol quente e a brisa fresca. Era o paraíso. Nos levantamos e fomos em direção à porta de saída, que ficava na parte de trás do ônibus. No trajeto, notei muitos olhares atentos em minha direção, principalmente por parte do público feminino. Elas olhavam pra mim, comentavam alguma coisa com a companheira ao lado e davam uma risadinha. Todas estavam me notando. Estava me sentindo o máximo com tudo aquilo até o momento em que percebi que não eram apenas as meninas que estavam me olhando, mas todos, em geral. Foi quando uma senhora me puxou pela camiseta e, com muita discrição – tomando todo o cuidado pra que todo mundo ouvisse – falou:

- Fecha a gaiola que senão o passarinho vai fugir!

Olhei pra baixo e vi o zíper da minha bermuda aberta, deixando à mostra a minha quase imperceptível cueca vermelha florida. Fiquei com a mesma cor da cueca, enquanto ouvia as gargalhadas do pessoal do coletivo. Desci a toda do ônibus, acompanhado por Jon e Cris, que choravam de tanto dar risada.

Continuamos o passeio sem mais incidentes. Quanto mais tempo ficávamos por ali, mais preguiça nós tínhamos de fazer qualquer coisa. Fomos ao shopping procurar um cinema. Estávamos ansiosos em quebrar o nosso jejum cinematográfico, assistindo a um bom filme. Sempre vibrávamos em ver exterminadores sendo reduzidos a frangalhos, cabeças decepadas ou soldados esfaqueados no Vietnã. O filme em cartaz era O Sexto Sentido, com Bruce Willis e um garotinho que não me recordo o nome, mas que se mostrava uma promessa como ator. Excelente filme de suspense com bastante gente morta perambulando e uma história superenvolvente. Adoramos. Valeu cada centavo investido.

Saímos satisfeitos do shopping e seguimos rumo ao delicioso marasmo do hotel. Nos sentíamos como verdadeiros trabalhadores, ou melhor dizendo, empresários, desfrutando das merecidas férias anuais. Chegamos no hotel e retornamos ao exaustivo roteiro diário: acordar, levantar da cama, ducha, café colonial, sol da manhã na praia, piscina, cervejinha na beira do mar e almoço. Dormir um pouco à tarde, sauna, praia, cervejinha, janta, passeio e cama. Os dias foram passando e todas essas regalias começaram a não fazer mais sentido, nos deixando um pouco tristes. Estávamos determinados a não sucumbir (totalmente) aos prazeres do luxuoso hotel. Com o mesmo impulso que nos motivou a chegarmos tão longe, saímos em busca de novas emoções. Pelos funcionários da recepção, ficamos sabendo de um pessoal que fazia passeios de ultraleve pelas praias locais. Após uma exaustiva busca, seguindo as instruções de um mapinha feito pelo próprio pessoal da recepção, chegamos ao que seria o aeroporto. Um campo de areia irregular e cheio de buracos abrigava a aeronave, que era constituída basicamente de tubos de alumínio, nylon, um motor atrás e um adesivo colado na parte da frente escrito EXPERIMENTAL. Já estávamos mudando de idéia e voltando à segurança do nosso cinco estrelas quando veio um neguinho, todo sorridente, convencer-nos a fazer um vôo panorâmico no seu protótipo. Jon e Cris entreolharam-se, olharam pra mim, pro piloto, ultraleve, céu, chão e, finalmente, pra mim de novo. Compartilhamos um breve silêncio quando o neguinho, percebendo a dúvida que nos assolava, convidounos a conhecer as instalações do lugar. Fomos a um barracão, o suposto hangar, o qual abrigava todas as ferramentas, equipamentos e peças aeronáuticas, além de muita sujeira e volumosas poças de óleo

pelo chão. Ao lado havia um pequeno galpão de madeira com a seguinte inscrição na porta: CENTRO DE TREINAMENTO. Ficamos mais animados com aquilo e resolvemos entrar para, quem sabe, receber algum tipo de instrução. O cubículo, uma reconstituição quase fiel de uma cabine de avião, com painel, manche, pedais e demais dispositivos, só se diferenciava pelo detalhe de que, ao invés do banco para o piloto, havia lá uma privada com uma tábua presa na caixa de descarga com os dizeres: "Aqui você pode cagar à vontade". Concluímos que aquilo era um banheiro e que não teríamos treinamento coisa nenhuma.

Mesmo com as terríveis condições da pista, do treinamento e da duvidosa reputação do ultraleve e do piloto, embarquei naquela maltratada aeronave. Combinamos efetuar o pagamento somente após o retorno em segurança de cada um de nós. Jon ficou satisfeito com a decisão e estava ansioso pela sua vez enquanto Cris resolveu ficar mais um pouco no CENTRO DE TREINAMENTO... treinando um pouco... Aproximei-me da nave, fiz a minha oração e tudo, respirei fundo e subi. Reuni toda a minha coragem, inspirei todo o ar novamente e apertei o cinto de segurança. Pronto. Agora estava conectado à aquela geringonça. O neguinho olhou de canto pra mim e sorriu, como se dissesse que agora não tinha mais jeito e que eu táva ferrado mesmo. O motor custou a funcionar até emitir todo o seu gemido estridente e arrotar uma enorme quantidade de fumaça preta. Fizemos o taxiamento até encontrar o vento de nariz e, exigindo ao máximo da potência do motor, disparamos velozmente, sofrendo uma perigosa turbulência, resultado dos buracos daquele solo lunar, até sairmos do chão. Um frio gélido percorreu-me a espinha até eu constatar que ainda estava vivo e que tudo corria bem. Comecei a apreciar a encantadora vista lá do alto. As casas com os seus telhados de palha de coqueiro sendo movimentadas pelo vento, as dunas de areia formando pequenos redemoinhos e as várias tonalidades do mar; ora verde, ora azul, lilás, roxo, transparente - tudo num constante degradê entre todas as cores. Era algo irreal, emocionante... O vôo, que durou aproximadamente vinte minutos, estava chegando ao fim.

Após alguns rasantes e outras tantas demonstrações arrojadas de habilidade, pousamos secamente o nosso equipamento, ricocheteando na defeituosa pista até estabilizar numa única trajetória. Paramos com o Jon já me arrancando de dentro do bólido e pulando desajeitadamente no seu banco. Perguntei a ele onde estava Cris e obtive apenas um tá fazendo coco como resposta. Fui atrás do Cris e no fim consegui convencê-lo a sair de dentro do centro de treinamento e desfrutar daquela experiência incrível.



Um campo de areia irregular e cheio de buracos abrigava a aeronave, que era constituída basicamente de tubos de alumínio, nylon, um motor atrás e um adesivo colado na parte da frente escrito EXPERIMENTAL.

Os dias seguintes foram assim: ora comendo areia nos skybundas - que era um surf na areia - ora nos cegando com a mesma areia nos passeios de buggy, pelas altíssimas dunas próximas dali. Isso tudo sempre muito bem acompanhados pelo sol escaldante que nos torrava as costas. O tempo foi passando e a notícia de que a nossa querida embarcação, que há poucos dias atrás foi a pique, tinha ressurgido e a pleno vapor. Nos reunimos com a tripulação e fomos conferir o serviço. Realmente o mecânico tinha feito um trabalho excelente, mostrando-nos as peças - completamente danificadas - e as inevitáveis adaptações feitas no motor. O Feijão, satisfeito - mas ao mesmo tempo aborrecido - pagou pelo serviço e saímos fazer um test drive. Nada se desmontou, explodiu ou pegou fogo. Aparentemente estava tudo em ordem, menos o Feijão e os que estavam a bordo. Contabilizando os gastos, eles teriam dinheiro apenas para voltar pra casa, e olha lá. Sugerimos então financiar a viagem até, pelo menos, o próximo estado. Aceitaram na hora. Juntamos os trapos e fomos embora. Passamos sem problemas pelas praias do Carmo, Farol, Bairro Novo e Casa Caiada, todas muito urbanas e com pouca faixa de areia, salvo a de Casa Caiada, com muita areia beirando a grande massa de água salgada.

O carro andava como um relógio. A fumaça e os barulhos estranhos tinham desaparecido. Voltamos a rir, conversar e a brincar no decorrer da viagem. Feijão, no intuito de tirar o atraso, alcançou a incrível marca dos 120 km/h, fazendo trepidar toda a extensão do veículo e dando-nos a sensação de viajar num vibrador gigante. Os nossos ventres começavam a anunciar a fome, fazendo-nos parar na praia de Catuama que, apesar do nome, despertou somente o nosso apetite alimentar, nada mais. Ficamos sabendo, através dos próprios nativos, que Catuama também era

o nome dado a uma mistura de extrato de catuaba, raiz de muirapuama, guaraná e gengibre, ou seja, uma bomba afrodisíaca. Ficamos sabendo também que isso tudo nada tinha a ver com o nome do lugar. A praia, muito tranqüila e com o mar também bastante calmo, apresentava muitos sargaços, uma espécie de alga marinha, na maré baixa. Comemos rápido para não atrasar ainda mais a nossa conturbada viagem. Tínhamos que aproveitar a excelente fase da nossa boa e velha Variant. Seguimos. Poucos quilômetros depois sentimos os primeiros sinais de fraqueza do nosso veículo. Os velhos sintomas começaram a reaparecer. Rezávamos para abreviar a nossa chegada em algum posto de gasolina. Avistamos, no final da imensa reta que cruzávamos, uma enorme placa amarela, típica desse tipo de estabelecimento, completamente desfocada pelo calor infernal que se erguia do asfalto. Feijão suava copiosamente enquanto o carro golpeava, como um cavalo xucro, tossindo e fumegando.

- Vamos lá, gracinha... - incentiva Feijão, acariciando o painel deformado.

Chegamos no embalo - como aqueles aviões bombardeiros da segunda guerra mundial, crivados de bala, em chamas e com apenas um dos motores funcionando. Pousamos o *VW1600* e saímos rapidamente do seu interior esfumaçado. Constatamos que, dessa vez, era algo relacionado ao sistema de refrigeração. Ficamos sabendo pelos frentistas que não havia mecânico por perto. Teríamos que voltar, mais ou menos, uns cinquenta quilômetros até a oficina em Milagres (?). Tentariam alegar que o conserto ainda estava na garantia. Completamos o nível do óleo, enchemos o tanque - como o combinado - e comunicamos a nossa deserção do posto. Iríamos abandoná-los.

XII

- Vocês têm certeza de que não querem voltar com a gente? – perguntou, inocentemente, o Feijão. Jon, Cris e eu nos entreolhamos, olhamos para a tripulação, pros frentistas, pro carro e, sem condições de conter-nos, caímos na gargalhada. Todos, inclusive os frentistas, foram contagiados, novamente, por um descontrolado ataque de riso. Nos despedimos com um aceno que durou até eles sumirem, naquela infinita Highway.

Não tínhamos idéia do que iríamos fazer ou para onde iríamos naquele momento. Resolvemos relaxar um pouco e esperar que a providência divina intercedesse por nós. Fomos ao restaurante, pedimos uma cerveja e ficamos contemplando o tráfego na BR, imaginando como estariam os nossos corajosos amigos. Reparamos que próximo dali, havia duas bicicletas abarrotadas de coisas penduradas: mochilas, barracas, alforjes e uma bandeira do Brasil hasteada na traseira. Encontravam-se estacionadas, apoiadas uma na outra e encostadas em uma das vigas que dava apoio à cobertura do posto. Corremos os olhos pelo interior do restaurante e vimos, no extremo oposto de onde estávamos, dois sujeitos com roupas coloridas e coladas ao corpo. Obviamente, deduzimos que eram os donos das bikes estradeiras. Estavam almoçando tranqüilamente. Não queríamos ser inconvenientes, então esperamos, pacientemente, uma melhor oportunidade pra conhecê-los. Eles terminaram o almoço, conversaram mais um pouco e, calmamente, dirigiram-se ao caixa, pagaram a conta e saíram. Fomos de encontro, já puxando conversa:

- Tão indo pra onde? – perguntei, já estendendo a mão pra um sonoro cumprimento.

- Estamos indo pro Norte, até... até aonde nossas pernas agüentarem! Gostei da resposta. Eram humildes... - E vocês?

- Também pro norte, só que ainda não sabemos como – falei, jogando a isca.

- Por que vocês não vão com a gente? – perguntou o biker, já mordendo o anzol com linha e tudo.

- Será que não iríamos atrapalhar? Não sabemos o ritmo de vocês – perguntou, inteligentemente, o Cris.

- Vamos correndo atrás – falou, imbecilmente, o Jon.

- Calma, calma... o nosso ritmo é bem lento, vocês podem nos acompanhar numa boa. Topamos e seguimos nossa peregrinação junto aos dois aventureiros que, despretensiosamente, conheciam o país com suas carregadíssimas e pesadas bikes. Seguimos a nossa lenta e demorada viagem conversando, trocando experiências, ouvindo as suas aventuras e contando as nossas.

Lembrei que um dia tínhamos feito - Jon, Cris e eu - uma aventura semelhante, porém, em uma escala bem mais modesta. Fomos até o interior do Paraná, pedalando. Percorremos um total de 300 km em 3 dias. Era inverno, o frio era intenso e as rajadas de vento eram cortantes. No final de cada dia, parávamos nos postos de gasolina, armávamos a barraca e desfalecíamos. Nem o frio e nem o movimento intenso de caminhões no pátio ameaçavam o nosso sono. Cada dia era uma vitória. Superávamos câimbras, cansaço e, muitas vezes, o desânimo e a vontade de desistir. Por pouco não pegamos uma carona em um dos caminhões que seguiam vazios. Mas a vontade de vencer suplantou a idéia de renunciar. Chegamos ao nosso destino, orgulhosos de nós mesmos. Foi, digamos assim, mais uma lição de vida do que um mero teste físico. Tínhamos que nos superar, aprender a dominar os nossos pensamentos e fraquezas. Concluimos que essas são lições que só são aprendidas por quem decide optar por viver tal situação. Ficamos pensando a respeito. O que fizemos na época não chegava à décima parte do que os nossos amigos ciclistas já tinham conquistado. Mas pelo menos já era um começo...

Relembrávamos os velhos tempos quando, no final do dia, paramos em um posto de gasolina para montar acampamento. As barracas - de grande porte para acomodar todos os equipamentos - acolheram, inclusive, esses aventureiros. Cris, eu e parte dos materiais dividimos, com o Marlon, uma das barracas, enquanto a outra acomodava Jon, José e o resto dos apetrechos. Comemos um lanche num boteco localizado nas imediações do próprio posto e fomos dormir. O desconforto e o ruidoso ronco do Marlon não foram suficientes para abalar a nossa ótima noite de sono. Acordamos com o calor e a luminosidade intensa dos raios solares que transpassavam a fina película de nylon que formava a nossa barraca. Levantamos aptos a fazer uma vistoria no banheiro do posto e a desfrutar das iguarias, com elevados níveis de gordura saturada, servidas no boteco. Comemos bem, desmontamos as barracas, empilhamos tudo nas bicicletas e irrompemos a estrada. Víamos a dificuldade que os dois bikers enfrentavam por nossa causa. A baixa velocidade que impúnhamos fazia com que eles se esforçassem ao máximo para manter-se em equilíbrio.

Resolvemos apertar um pouco o passo. Estávamos apenas no segundo dia de caminhada e já sentíamos as nossas pernas ficarem um pouco mais rígidas. Alternávamos entre momentos de conversa e descontração e momentos de silêncio e introspecção. Lembrei-me, sem comentar nada no momento, da vez em que Jon, Cris, um tal de Igor e eu fizemos a trilha mais longa e sofrida das nossas vidas. De todos, apenas o Igor nunca tinha feito nada do gênero. A caminhada, que durou mais de doze horas por dentro da Serra do Mar, foi um martírio. Além do desgaste físico tivemos também que enfrentar um desgaste psicológico. O Igor, que nunca saía de dentro do apartamento, resolveu ir junto. Tentamos, sem nenhum sucesso, convencê-lo do contrário. Nos preparamos e ajudamos a prepará-lo para a aventura. Costumávamos fazer as trilhas durante a noite; era mais emocionante e evitávamos o calor abafado que a mata proporcionava durante o dia. Partimos às oito horas da noite com previsão para chegarmos lá pelas três ou, mais tardar, quatro da manhã. No começo ia tudo bem. Conversávamos, brincávamos e ríamos dos inevitáveis tropeços e conseqüentes quedas dos companheiros. À medida que avançávamos e o cansaço ia chegando, o nosso amigo começou a pirar. Já não tinha mais coerência nas palavras, apenas esbravejava e xingava. Estava completamente doido e ainda não tínhamos chegado nem na metade do caminho! A cada parada para ele descansar, tínhamos que ouvir sempre a mesma ladainha:

- Isso aqui não é vida! Vocês são completamente loucos! Os meus pés tão doendo...

- Calma, já estamos chegando.

- Você já me falou isso lá atrás... eu não agüento mais... vocês são loucos...

- Cala a boca, Igor! – falei, com a vontade de dar um murro naquela boca ressecada, conseqüência da desidratação.

O tempo ia passando e nós já não agüentávamos mais aquele idiota, quando resolvi por em prática a minha vingança. Passei a escolher os piores e mais longos trechos, só pra ver aumentar o estrago nos pés dele.

- Meu Deus! Eu não agüento mais...

- Cala a boca e ande, senão fica pra trás...

- Mas...

- Cala a boca!

Ao chegarmos, com cinco horas de atraso, vimos o resultado da rota alternativa que eu havia criado. Os pés do Igor, que mal saiam do tênis, borbulhavam em calos enormes e excreções cutâneas, misturando-se ao sangue coagulado. Estava horrível e fétido quando o despachamos, sem nos despedir, no primeiro ônibus que passou. Nunca mais ouvimos falar do pobre Igor. Concluímos com essa experiência que só conheceríamos o verdadeiro caráter de uma pessoa depois de um longo e íntimo contato - e, de preferência, numa situação extrema. Acho que lembrei dessa história porque os meus pés começaram a doer, um pouco...

Paramos para almoçar. Era incrível como uma longa caminhada estimulava o apetite. Comíamos alucinadamente. Saciada a fome, fomos descansar na sombra de uma palmeira, que servia como ornamento ao lugar. Adormecemos. Um soninho gostoso, rápido, apenas para restabelecer nossas energias para continuarmos o trekking. Acordamos ao som das engrenagens das bicicletas. Sem perder tempo, nos levantamos e fomos logo atacando o asfalto quente, para evitarmos a possibilidade de nos deslocarmos à noite. Era perigoso. Caminhávamos, vencendo mais alguns quilômetros. Com a cabeça baixa, fitando a minha própria sombra, veio à minha mente - pela primeira vez - o desejo de desafiar os quase 800 quilômetros do Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha. Já tinha ouvido falar dessa peregrinação, contudo, sem me despertar muito interesse. Agora começava a ver com outros olhos o sentido da coisa. Andar, andar, andar... pensar, refletir e contemplar. Tudo isso tinha se tornado tão fundamental em minha vida a ponto de largar tudo e ficar um mês, só andando, naquele pedaço de chão entre a França e a Espanha. Santiago, você será a nossa próxima grande aventura.

Nesse mesmo dia, ao anoitecer, teria o prazer de compartilhar com os meus irmãos a minha revelação. Um dia quem sabe, faríamos juntos essa longa jornada. Paramos no centro de Goiana. Cidade histórica e muito simpática, com igrejas seculares e um aglomerado de casas em estilo português. Ficamos sabendo, no restaurante onde almoçávamos, que essa foi a primeira cidade do estado a abolir a escravidão. Admirávamos cada vez mais aquele lugar. Descansamos um pouco e voltamos a caminhar. Estávamos ansiosos pois, se tudo corresse bem, cruzaríamos a divisa entre Pernambuco e Paraíba. Não tardou a aparecer a grande placa que indicava a fronteira entre os estados. Seguimos rumo à cidade de Pitimbu. Nesse longo trecho, procuramos saber mais a

respeito dos nossos guias. O José, que era o mais alto, trabalhava em uma agência de turismo e, à noite, fazia faculdade de administração de empresas. O seu companheiro, o Marlon, trabalhava como farmacêutico e, nas horas vagas, curti uma escalada. Eles tinham dado um jeito de sincronizar as férias para poderem viajar juntos. Ambos eram muito legais e sinceros. Percebíamos a sorte que estávamos tendo com relação às pessoas que cruzavam nosso destino. Alguma força superior definitivamente atuava constantemente para o sucesso da nossa aventura. Apertamos o passo, porém sem conseguir evitar a tardia chegada a Pitimbu. Já era noite, o que dificultou um pouco a nossa instalação. Posto de gasolina, armar a barraca, empilhar tudo num canto, nos empilharmos em outro, ronco do Marlon, gases do José... tudo muito tranquilo. Acordar cedo, café da manhã e mais caminhada só que, desta vez, em estrada não pavimentada. A poeira que se erguia do chão cegava-nos, acionando a minha crônica rinite alérgica. Em meio aos meus espirros desesperados e o conseqüente aumento de secreção mucosa, fomos avançando. O pessoal achava graça ao verme espirrar ininterruptamente:

- Saúde...
- Obrigado!
- Saúde, de novo...
- Valeu!



Topamos e seguimos nossa peregrinação junto aos dois aventureiros que, despreziosamente, conheciam o país com suas carregadíssimas e pesadas bikes.

Esse praticamente foi o nosso diálogo até a primeira praia habitada, a vinte e cinco quilômetros dali; Barra do Garaú, seguida de Tambaba. A última, naturalista, despertou-nos certa curiosidade. Nunca tínhamos ido a uma praia de nudismo antes e quis o destino que essa seria a nossa primeira vez. Era de tardinha, quando chegamos ao acesso principal da praia. Fomos recepcionados por um crioulo - com os seus mais de dois metros de altura, o corpo coberto de óleo e vestindo uma sunguinha minúscula.

- Daqui pra frente, sem nada! - falou, com uma voz grave. Inocentemente, disse que queria só dar uma olhadinha rápida, que estava só de passagem com os meus quatro companheiros.

- Só é permitida a entrada de pessoas nuas, portanto...

Portanto tivemos que tirar toda a roupa e arrancar a do Cris na marra, pois ele morria de vergonha. Entramos meio receosos a princípio, mas à medida que íamos caminhando por entre a multidão de pelados, ficávamos cada vez mais à vontade. As pessoas já nem ligavam mais pra nada, conversavam, brincavam e nadavam tranquilamente. Jon estava enlouquecido em ver a mulherada, enquanto Cris andava com uma mão na frente e outra atrás, tapando o pouco que tinha a ser escondido e correndo pra trás de umas pedras, com a desculpa de que iria fazer xixi. A minha única preocupação era o inevitável efeito da radiação solar sobre os lugares onde o sol nunca explorou em nossos corpos. Sentia um formigamento estranho tomar conta da minha bunda e a sensação de que logo tudo estaria muito tostado. Sem darmos muita importância às cócegas que a areia nos proporcionava, tratamos de sentar pra nos protegermos do sol quente e apreciarmos as belezas da natureza. Víamos mulheres bonitas, outras nem tanto; homens, outros nem tanto e sempre expondo de maneira displicente seus corpos rígidos, entalhados em madeira nas longas horas de academia: pernas, seios e bundas... corpos nus desfilando bem a nossa frente. Curtimos esse paraíso naturalista até quase anoitecer, quando pegamos nossas coisas na recepção e fomos procurar um lugar pra passarmos a noite. Não demoramos muito a encontrar uma área onde não teríamos problemas em acampar. Erguemos as barracas antes mesmo de anoitecer e saímos caminhar na beira da praia. A lua foi surgindo, enorme, prateando o mar e clareando toda a extensão da areia. Éramos tomados por um sossego profundo e uma sonolência, decorrentes do cansaço físico e de uma tenra paz de espírito. Adormecemos, recostados em uma pequena duna de areia fofa. Um sono tranqüilo, revigorante e ininterrupto.

Acordamos simultaneamente ao irretocável nascer do sol. Tínhamos recarregado completamente as nossas baterias, tendo apenas que esperar os nossos amigos ciclistas acordarem. Por pouco Jon não foi até a barraca deles para dar alguns pontapés, no intuito de acelerar o processo. Algum tempo depois, com todos acordados e prontos, seguimos pelas praias vizinhas. Passamos por Tabatinga, Carapibus e Jacumã; todas lindíssimas. Podíamos avistar enormes barreiras de argila multicolorida brilhando ao sol, recifes, falésias e incríveis piscinas naturais. Contemplávamos lentamente na tentativa de absorvermos ao máximo os detalhes de cada beleza singular. E assim os dias foram passando. Caminhadas de sol a sol, boa alimentação e muitas horas de sono faziam parte da nossa rotina diária, tornando os nossos organismos mais resistentes para enfrentar os intempéries da jornada. As pernas, sólidas como rocha, não sentiam mais o cansaço e os pés, duramente calejados, já não nos incomodavam tanto.

Entrávamos no mês de dezembro. Era véspera do dia nacional do samba, com festa na capital João Pessoa. O conjunto de construções barrocas abrigava as muitas rodas carnavalescas. Todos bebiam, dançavam e cantavam. Nos unimos na comemoração, que se estenderia por mais alguns dias. Tudo por aqui era motivo de festa. Meus irmãos, os bikers e eu nos rendemos à euforia geral e quebramos um tabu de vários dias sem álcool. Já estávamos purificados e prontos para recuperar o tempo perdido. Nunca imaginávamos que enrustidos naquelas couraças de atleta, estavam dois loucos desvairados e sedentos por cachaça. Marlon e José beberam até perder os sentidos, tombando por sobre as suas bicicletas, já esparramadas em uma viela. Também tínhamos consumido quantidades industriais de bebida e, sem estarmos mais em condições de prosseguir com a noitada, nos juntamos a eles, formando um aglomerado de fragmentos humanos e metálicos. Percebíamos a movimentação a nossa volta num regime semi-consciente. Ouvíamos vozes, risos e gritos, mas tudo muito distante e distorcido. Ao amanhecer, acordamos, mas ainda em estado de letargia e com nossas cabeças latejando e dores por todo o corpo. Continuamos deitados, tentando evitar ao máximo qualquer movimento brusco. Após um longo período de reabilitação resolvemos, enfim, nos levantar. Marlon e José, mesmo sem condições, estavam dispostos a empreender viagem. Nós, desprovidos de tanta determinação, resolvemos ficar. Tínhamos renunciado à agradável carona dos nossos afáveis companheiros para, no fundo, ficarmos mais alguns dias festejando. O destino iria nos castigar por isso.

Nos despedimos com um verdadeiro e demorado abraço na certeza de que um dia ainda iríamos nos reencontrar. Eles pegaram a estrada enquanto nós pegamos os canecos. Demos continuidade ao ritual festivo. Acompanhávamos o pessoal nos coros de samba, sempre fazendo movimentos com as mãos, simulando um pandeiro imaginário. Sambinhas clássicos faziam parte do repertório...

"Não posso ficar nem mais um minuto com você... Sinto muito amor, lá, lá, lá, lá, lá, lá..."

Tentávamos acompanhá-los nas letras. Bebemos, cantamos e dançamos até quase cair a noite. Abandonamos a rodinha e descemos uma estreita rua de paralelepípedos. Havia muitas construções antigas por ali e quase todas tinham suas pesadas portas rente a calçada. O que nos chamou a atenção foi a nuvem de fumaça e a intensa luz irradiada do interior de uma dessas casas. Nos aproximamos e tomados de curiosidade e dispostos a abrir ainda mais a mente, entramos. Foi como se tivéssemos entrado em uma máquina do tempo, voltando à época colonial. As paredes apresentavam uma textura típica das construções feitas com barro, com muitas ondulações e falhas. O piso era formado por um conglomerado de restos de cerâmica, tijolos e pedras socadas da maneira mais irregular possível. O ambiente estava envolto por uma mistura de fumaça de cachimbos, incensos e velas, formando uma quase insuportável névoa cinza escura. O lugar era quase uma senzala. Logo vimos que se tratava de um ritual de umbanda com pai de santo e tudo, embalado num ritmo de berimbaus e atabaques, gingando e girando loucamente junto com seus assessores. Tudo aquilo lembrava muito as rodas de capoeira. As velhas – vestindo longas saias rendadas – rodopiavam de um lado para outro num ritmo alucinado.

- Olê, olêê...

Batiam palmas, rodopiavam, tremiam e tragavam toda a fumaça do cachimbo até encherem completamente os pulmões. Retiam a fumaça por alguns instantes e em seguida expeliam tudo com força, fazendo inflar suas bochechas cromadas. Giravam, giravam, giravam...

- Olêê, olala...

Nos entreolhamos com medo de cair na gargalhada. Tudo silenciou com a chegada do que seria o preto véio que, pelo visto, realmente incorporou no sujeito mais velho dali. Os espasmos em seu corpo fizeram-no cair desfalecido sobre o seu assento. Todos estavam atônitos, como se fosse a primeira vez que tivessem visto toda aquela

performance. Ele ergueu a cabeça, levantou-se lentamente - fazendo estalar toda a sua cadeira de vime - e olhou cuidadosamente para todos que estavam ali e, de súbito, veio em nossa direção. Cris estremeceu. O velho parou bem na minha frente, olhou-me profundamente e da sua boca desdentada foram proferidas as palavras de quem possivelmente o incorporou:

- Cuidado, fiô, cuidado... ôceis tum longi di casa...
- É verdade – respondi, só pra ver até onde ia tudo aquilo.
- Cuidado onde cês vão e cum quem...
- Claro...
- Cuidado também cum as rapariga... cum furunfá...
- Por que isso? – perguntou Jon, já se impacientando.
- ... todos temu um distino. Fazemo parti dum plano... vão cum Deus, meus fiô...

- Obrigado pelo conselho – falei, arrastando Cris e Jon para fora. Tudo isso nos fez recordar a nossa primeira experiência sobrenatural. Foi numa tarde qualquer, depois da aula, que Jon, Cris, dois colegas da escola e eu resolvemos explorar esse campo espiritual. Tínhamos ouvido falar de uma brincadeira, um método de comunicação com o além que usava um copo e algumas tiras de papel com o alfabeto. Cris achou a idéia estúpida, mas o fato de transpor as barreiras entre a vida e a morte o fascinava. Descemos as trevas de uma antiga sala de estudo abandonada. Improvisamos uma mesa, colocamos o copo no centro, distribuímos os papéis com o alfabeto e demos início ao ritual. De mãos dadas, começamos a rezar e a pedir o manifesto de algum espírito, um sinal, qualquer coisa só pra animar.

- Agora vamos acordar os mortos - disse Jon, rindo displicentemente.

Passamos um longo tempo meditando e recitando algumas orações. Em vão. Apenas o espírito de porco de Jon havia se manifestado até então com as suas gargalhadas e o cinismo que lhe é tão característico. - Idiotas, não é a toa que já morreram...

Jon nunca hesitava em dizer coisas que poderiam ofender os outros. Mesmo os mortos. O estranho foi que nesse exato momento recebemos o sinal que estávamos esperando. Um silêncio fúnebre estacionara por ali

quando ouvimos um pequeno estalo. O copo não se moveu, mas soltou um ruído como se houvesse trincado, no mesmo instante em que o nariz de Jon começava a sangrar copiosamente. O seu comportamento blasfemo cessou imediatamente. Já estávamos aterrorizados quando a porta se fechou com toda a força atrás de nós. A confusão era total. Em pânico, saímos correndo em direção ao pátio da escola. Não sei se era porque estávamos tomados pelo medo, mas a sensação que tínhamos era de que algo nos perseguia onde quer que estivéssemos. A verdade é que nunca tive falsas ilusões quanto à minha bravura. A rígida formação religiosa que recebíamos lá não nos impediu de fazer essa aventura, mas o susto - que nos rendeu algumas noites de insônia - deixou a certeza de que existem certas coisas que não se deve bisbilhotar.

Já estava tarde da noite e a festa estava só começando. No meio da algazarra, começamos a filar uma cuba de Stenheger, preparada por dois hippies vindos de Minas Gerais. Os dois, com uma serenidade que chegava a dar nos nervos, viviam da confecção de bijuterias e do artesanato. Quando as vendas não iam bem ou quando levavam uma surra e eram roubados, os dois voltavam para Minas e trabalhavam como organizadores de eventos. Não dava para distinguir qual dos dois era o mais estranho. O Pablo, com uma imensa barriga, argolas penduradas nas orelhas e tatuagens nos braços e pernas ou o Albert, com uma imensa barba e bigode - tipo Jesus Cristo - com tatuagens nas costas e um pequeno cavaco de madeira cravado nos lábios. Fizemos amizade rapidamente. Aprendemos a fazer algumas peças e vendendo-as em troca de alguns goles da cachaça que eles mesmos preparavam. Tudo era de confecção própria; a roupa, os calçados, os adornos no corpo. Tudo neles revelava a mesma simplicidade com que viviam. Assim eram aqueles hippies...

Percebíamos que algo parecido fluía em nossas veias. Não éramos tão desleixados quanto eles, mas certamente seguíamos as mesmas filosofias. Sentíamos em comum um total despreendimento de lugares ou coisas. Tínhamos a necessidade de explorar, conhecer, viajar. Conhecíamos gente de todo o tipo: pescadores, mendigos, pais de santo, motoqueiros, surfistas ou gatinhas. Pessoas que falavam coisas que nunca imagináramos ouvir. Tirávamos lições de tudo. Percebíamos o salto que dávamos dentro da nossa própria evolução. Estávamos, mais do que nunca, conscientes do quão difícil seria o fim da nossa viagem... Mais bebedeira e mais uma remessa de colares, anéis e brincos manufaturados por nós mesmos e lançados diretamente no mercado mais informal que existe. Trabalhávamos e nos divertíamos ao mesmo tempo. Nunca

tínhamos parado pra analisar como era a vida desses andarilhos. Ao contrário do que muitos pensam, esses personagens errantes – tão discriminados pela estranha aparência – são na grande maioria pessoas inteligentíssimas e que apenas assumiram um estilo de vida alternativo. Muitos deles são intelectuais, artistas, filósofos ou até mesmo engenheiros formados. Buscam aquele algo a mais das suas próprias existências e têm a certeza de que estão nesse mundo por algum motivo maior. A sociedade não os possui, não os domina, não os escraviza. Vivem em harmonia entre eles, não buscam o enriquecimento exagerado e nem a vida miserável. Eles são simplesmente eles mesmos. Vão além das restrições e imposições do mundo consumista e capitalista em que vivemos.

Continuávamos com as vendas. Ficávamos o dia inteiro sentados em cima de um pedaço de pano velho fazendo arte, tocando violão e analisando os transeuntes. Em alguns poucos minutos de observação podíamos ver coisas incríveis e, na maioria das vezes, engraçadas. Mulheres bonitas passavam, homens burros tropeçavam ou davam com a cabeça no poste, enfim, cenas que eram no mínimo cômicas. Todos passavam e nos observavam, manifestando diferentes tipos de reações – tudo muito interessante. Não tínhamos mais horários pré-determinados. Às vezes trabalhávamos, de vez em quando comíamos e, muito raramente, dormíamos. À noite, oscilávamos entre trabalhos com artesanato, passeios e bebedeiras nos botequins mais próximos. Nossos novos amigos descobriram, no fundo de uma galeria, um blue's bar excelente e que só tocava música de primeira como Clapton, Cooker e B. B. King. Sentávamos perto do palco e ouvíamos aquele melancólico som, apropriado para aqueles finais de noite. As notas meio improvisadas daquelas guitarras afiadas expressavam, da maneira mais pura, o estado de espírito de quem as tocava. Roçavam lenta e carinhosamente as cordas dos seus instrumentos, tornando assim Deus, o homem e a guitarra, uma entidade única. Não trocávamos palavras. Estávamos compenetrados, procurando entender o significado de cada acorde, perceber cada variação, cada tom, pausa, timbre. Sentíamos que já não estávamos mais ali; tínhamos passado para uma outra dimensão, diferente, muito além do real. Ficávamos atentos aos detalhes; a vibração das cordas, o vai e vem da guitarra que sempre acompanhava a expressão corporal do guitarrista. Nada passava despercebido. O som do blues tocava fundo em nossas almas. Era inacreditável encontrarmos um lugar desses por aqui. Tínhamos notado desde o início que a preferência musical das pessoas no nordeste era outra. Ficamos sabendo, através do Pablo e do Albert, que eram muitos os clãs remanescentes do estilo nessa

região. Ficamos contentes em saber que nem tudo estava perdido!

Continuamos a via sacra pelos botecos da área. Tínhamos que aproveitar ao máximo os últimos dias da nossa aventura. Já estava quase amanhecendo quando paramos bem em frente ao que seria o pior lugar onde o ser humano poderia entrar. Trocamos alguns olhares receosos, mas sem nos deixar intimidar e incentivado pelos hippies, entramos. Ao notarem a nossa presença, possivelmente indesejada, tudo parou instantaneamente. As conversas, os estalos das bolas de bilhar, os ruídos. Éramos, definitivamente, o centro das atenções. Nos dirigimos, em meio a olhares furiosos e intimidadores, até o balcão. Puxamos um dos bancos e nos sentamos, cientes de que tínhamos deixando transparecer todo o nosso medo. Cris estava apavorado. Na mesma hora lembrei do preto veio:

“Cuidado onde cês vão e cum quem...”

Pedimos uma cerveja ao mal-encarado que estava atendendo e começamos a bebericar. Nossas gargantas, secas e contraídas, não permitiam a livre passagem da bebida. Suávamos descontroladamente. - Tá quente aqui, não é? - falei, meio gaguejando, na tentativa de quebrar o imenso iceberg que se estacionara por ali. Não ouve resposta. O clima ficava cada vez mais tenso...

- Ta olhando o quê, ô idiota? - falou o brutamontes sentado ao lado do Cris, encarando-o.

- Nada senhor... - respondeu o Cris, tomado pelo medo.

- O que disse? - Na...nada senhor... - ele repetiu, ainda mais confuso.

- O quê? - retomou a conversa, ainda mais furioso, o alcoolizado sujeito.

- ...

Esse breve diálogo tinha sido o estopim para a iminente briga. O animal, segurando o Cris pela gola e já preparando o golpe certo, viu-se impedido por Jon e eu que pulamos um em cada lado do sujeito, fazendo com que atingíssemos algumas mesas próximas antes de nos estatelar no chão, dando um banho de cachaça e comida em quem estava por perto. Estes, por sua vez, se levantaram e pularam sobre a gente, desferindo socos e pontapés aleatoriamente. Todos no bar se inflamaram. O barman, prevendo o inevitável, começou a quebrar garrafas na cabeça

dos que estavam por perto. Pouco adiantou. O tumulto já tinha se generalizado. Cadeiras eram esmigalhadas, copos arremessados, garrafas estilhaçadas. Socos, gritos, chutes. Em meio ao caos, pude ver Jon sendo golpeado e rolando pelo chão, enquanto Cris era arremessado longe pelo grandalhão encenqueiro. Os hippies corriam por toda a extensão do salão, fazendo de tudo para apanhar o mínimo possível. Ao tentar me levantar, um cotovelo veio ao encontro do meu já avariado nariz. Apaguei. Algum tempo depois, ao recobrar a consciência, podia ver o estrago ao redor e em mim mesmo. Tudo estava destruído. Podia ver alguns sobreviventes, rastejando pelos cantos. Mesas e cadeiras quebradas, cacos de vidro pelo chão e manchas de sangue completavam o terrível cenário. Apalpei as minhas narinas. Estavam doloridas, inchadas e ainda sangrando, mas sem sinais de quebração. Coloquei-me em pé, com dificuldade, e saí procurar os meus amigos. Avistei Jon sentado num canto, abatido, com um hematoma enorme em um dos olhos e pressionando a cabeça, como se quisesse estancar um sangramento. E o estava mesmo. O corte, proveniente de uma possível garrafada, era fundo e tinha que ser tratado, mas antes precisava encontrar o Cris. Lembrei tê-lo visto sendo arremessado para perto do balcão e era exatamente lá que estava. Ainda se recobrava da pancada quando me viu. Abaixei-me, segurei a cabeça dele e fiz um check-up. O sangue corria-lhe pelos lábios, fronte e supercílio cortados e, assim como nós, queixava-se de dores por todo o corpo. Ajudei-o a levantar e fomos de encontro a Jon. Estávamos completamente destruídos e sem a nossa bagagem, que teria sido roubada durante a confusão, mas felizmente com as nossas pochetes intactas.

Saímos do bar e descemos a pobre viela em busca de uma farmácia. A intensa radiação solar nos cegava. Cris cambaleava, dando a impressão de que um vento mais forte o derrubaria. Cessamos a caminhada em frente ao pronto-socorro. Entramos, chamando muito a atenção novamente e nos dirigimos ao atendente que rapidamente nos encaminhou ao farmacêutico e posteriormente a uma sala nos fundos. Fizemos os devidos reparos e, como consolo, ficamos sabendo que nós não éramos os primeiros a nos remendar por ali ainda pela manhã. Costuras, curativos, anti-sépticos, gaze e esparadrapos enfeitavam a nossa cara estourada. Na rua, por onde passávamos, atraíamos olhares curiosos. As pessoas nitidamente exteriorizavam o que sentiam pela gente. Podíamos saber até o que estavam pensando:

– Coitados, deve ter doído tanto... – Bem feito, aprontaram... é nisso que dá! – Será que o motorista parou pra prestar socorro?

Sim senhora, pode apostar que doeu; não senhor, não aprontamos nada e também não fomos atropelados... Seguimos mancando em direção ao mar.

XIII

Durante o trajeto, lembramos dos nossos amigos hippies. Será que estavam bem? Continuavam por aqui ou voltaram para Minas? Nunca saberíamos. Passaram em nossas vidas rapidamente e se foram como os outros que tínhamos conhecido até então. Paramos por um instante. Começamos a olhar um para a cara arrebitada do outro e não conseguimos conter as gargalhadas, fazendo voltar as dores faciais. Continuamos a caminhada, rindo e andando com dificuldades até a praia.

Ao chegarmos, nos sentamos em uma mureta de pedra que dividia a areia da praia e o calçamento e ficamos observando, com nossos olhos desgastados o tarrafejar de um pescador solitário. Estava imerso até a altura dos joelhos e manjava habilmente a sua rede. Ele a jogava de uma maneira que permitia com que a tarrafa se armasse completamente e pousasse suavemente sobre a água, afundando. Esperava um pouco, recolhia a rede, descarregava os peixes e jogava de novo, e de novo, e de novo... Era hipnotizador o trabalho daquele homem. Jogava, puxava e trazia os peixes com precisão. Lembramos que nunca tivemos essa mesma habilidade nas nossas cômicas tentativas de manusear uma vara de pesca. Os poucos peixes azarados que nos deram o minguado prazer de alguma vitória foram pescados pelo bigode ou trazidos à tona pelo rabo. A nossa maior conquista até então tinha sido a captura de um cágado no barranco de um rio. Ficamos contentes na época, mas infelizmente tivemos que devolver aquele estranho animal, pois era insuportável o odor que ele exalava.

O pescador notou a nossa presença, mas não se importou. Ficamos um bom tempo contemplando aquele espetáculo quando ele, com a rede nas mãos, virou-se e perguntou:

- Querem tentar? Nos entreolhamos e olhamos ao redor para ter certeza de que a conversa era com a gente. Como não tinha ninguém por perto, tratei logo de responder.

- Claro! – afirmei com um pouco de receio, mas com uma vontade imensa de aprender a fazer aquilo.

Desci até lá, entrei na água e fui ao encontro do pescador. Ele, respeitosamente, não perguntou nada a respeito das machucaduras. Entregou-me a tarrafa mostrando o posicionamento certo do corpo, dos braços e das mãos para segurá-lo.

- Isso, isso... prende a cordinha na mão... não pega por fora, pega por dentro da rede... essa parte aqui você segura com os dentes...

Arremessei. Foi frustrante, um completo desastre. A rede não se armou, apenas se embolou e afundou rapidamente. Podia ouvir nitidamente as gargalhadas de Jon e Cris.

- A primeira vez é assim mesmo. Vamos tentar novamente. Recolhemos a rede, toda embaraçada, e repetimos o processo.

- Isso, assim mesmo... agora por dentro... só não esquece de abrir a boca pra soltar a ponta da tarrafa. Nova tentativa e mais frustração. O meu senso de coordenação motora não conseguiu desempenhar o simples comando de arremessar a tarrafa e soltar a rede da boca ao mesmo tempo. Na terceira tentativa, um quase sucesso e na quarta foi tudo bem. O pescador estava orgulhoso de seu pupilo, convidando os outros dois que estavam sentados em cima do muro a tentarem. Cris e Jon se aproximaram, prontos para o vexame. Agora era a minha vez de rir das trapalhadas deles. No fim aprendemos, não só a tarrapear, mas também a admirar aquela incrível pessoa.

- O senhor mora por aqui? – perguntei interessado.

- Senhor não... chamo-me Sandro e sim, moro por perto.

- E gosta daqui? – entrou na conversa o Cris.

- Não só gosto como amo esse lugar! – e continuou, emocionado – eu nasci e cresci aqui, conheci a minha mulher, tive meus filhos, criei raízes. Adoro a minha família e o meu trabalho de pescador. Nunca me passou pela cabeça ir embora...

Conversamos por um longo tempo com aquele homem... tão simples, mas tão sábio. Tínhamos entendido a mensagem. A nossa hora de voltar para casa tinha chegado. Conversamos mais um pouco, nos despedimos e fomos até um posto de gasolina que tinha pelas imediações.

Perguntamos ao frentista a distância até a rodoviária e ele, ao observar o nosso estado lamentável, disse apenas que era muito longe. Precisávamos de uma carona e ela surgiu, como que por encanto, naquele mesmo instante. Um veículo de carga, cheio de equipamentos na traseira e um par de escadas na parte de cima, encostou para abastecer. O motorista, um sujeito baixinho e super-simpático desceu do carro e já foi logo cumprimentando e conversando com todos. Fomos ao seu encontro,

conversamos um pouco e, minutos depois, já estávamos empilhados na cabine. O Jeisi, como era conhecido por todos, ficou em dúvidas com relação a levar o pequeno Cris naquele estado lastimável na parte de trás do furgão junto com todas aquelas coisas. De fato, ele estava certo, mas Cris – que nessas alturas já estava vendendo saúde – acomodou-se rapidamente junto à carga. Dava a impressão de que ele estava com algum receio de que nós o abandonássemos por ali mesmo. Jeisi, sem muitas opções de escolha deu de ombros, trancou as portas e partimos.

Percebemos que essa seria a carona em que mais poderíamos extrair conhecimentos e experiências de vida de um único ser humano. Filosofia, física, química e, principalmente, política, fizeram parte dessa viagem cerebral. O Jeisi também nos contou, no pouco tempo em que ficamos juntos, o resumo da sua trajetória. Os lugares por onde passou, as mulheres que já tinha conhecido e o seu trabalho. Nunca tínhamos visto alguém dar tamanha ênfase ao trabalho como ele:

- Largo tudo pelo trabalho... mulher, futebol, festa... qualquer coisa! Quero morrer trabalhando.

- Incrível...

Além do amor que sentia pelo trabalho, reparamos também o amor que ele sentia por ele mesmo. Notávamos que de cinco em cinco minutos, ele se contemplava pelo espelho retrovisor do carro, sempre muito bem posicionado em sua direção.

- É... eu sou bonito mesmo...

Apenas balançávamos a cabeça, concordando e garantindo assim a carona. A rodoviária já estava próxima, mas antes aplacamos a nossa fome em um ótimo restaurante, tudo por conta do nosso novo amigo. Ainda deu tempo de conversarmos algo sobre os princípios Kardecistas e um pouco de astronomia. Ao chegarmos, durante a despedida, o bom e sábio Jeisi nos deu alguns bons conselhos. Dentre todos, um foi o que mais me marcou:

- Vocês estão aventurando, curtindo a vida, aproveitando o momento... mas um dia vocês vão ver que a vida é cruel, uma droga mesmo e o pior de tudo é que ela é igual pra todos. Não adianta tentar mudar isso. A vida vai se encarregar de tornar vocês iguais a todo mundo, com os mesmos problemas e incomodações. Mas independente de qualquer coisa, trabalhem... e trabalhem muito. Isso é o que realmente faz sentido.

Agradecemos o conselho e saímos, pensando se ele falou aquilo porque nos achou com cara de vagabundos ou era simplesmente um conselho que ele dava pra qualquer um. Ficava a incógnita... Entramos na imensa e superlotada rodoviária. Nos dirigimos a um dos guichês e perguntamos o preço das passagens e horários. Ficamos assustados com o preço e decepcionados com os horários. Iríamos gastar praticamente todas as nossas economias e o ônibus só sairia no outro dia pela manhã. Estávamos cansados, com dores e só com a roupa do corpo. Comemos o lanche mais barato que a rodoviária poderia nos oferecer, sentamos em um dos bancos e dormimos um pouco. Estávamos exaustos. Mergulhamos em um sono pesado, cansado e sem sonhos.

Acordei assustado, sem saber quanto tempo ficara inconsciente e levando alguns segundos para lembrar onde estava. Levantei, deixando Jon e Cris dormindo. Fui procurar um telefone público e ligar pra mamãe, só pra avisar que estava tudo bem e que já estávamos voltando para casa.

- Oi, mãe, tudo bem por aí?

- Tudo bem... estávamos preocupados... vocês não dão notícias... onde vocês estão... quando vocês voltam... Ai, meu Deus...

- Calma, mamãe! Está tudo bem com a gente. Já estamos na rodoviária comprando as passagens e com certeza chegaremos aí antes do Natal.

- Mas, meu filho, eu...

- Agora não posso falar mamãe. Conversamos mais quando chegarmos aí. Um beijo.

Coitada da mamãe...

Saí para dar uma caminhada despreocupada pela rodoviária. Não sei o porquê, mas sempre me sentia bem nesses lugares. Gente de todo o tipo e de toda a parte, correndo pra lá e pra cá, movimento de ônibus, lanchonetes e lojas de conveniência que vendiam de tudo, até cocô de mentira. Era um lugar que sempre me trazia boas recordações. Fora ponto de partida para muitas viagens inesquecíveis e aventuras bem sucedidas que, na grande maioria das vezes, incluíam Cris e Jon... meus irmãos. Sentei-me em um dos bancos que ficava de frente ao portal principal de desembarque. Olhava calmamente o movimento quando ouvi uma voz feminina:

- Também está esperando o ônibus?

A pergunta teria sido muito cretina a não ser, é claro, que tivesse partido de uma mulher bonita.

- É...

- E qual horário você vai partir?

- Ainda não sei... só sei que vou ter que esperar até amanhã.

- E você vai dormir onde?

- Aqui mesmo. Qual o seu nome?

- Juliana. E o seu?

- Os meus amigos me chamam de Jef...

- E as mulheres? Senti um frio na barriga...

- As mulheres? – elas também me chamam assim.

Começamos a conversar, muito próximos um do outro. Foi nessa conversa que eu pude analisar mais a fundo a psicologia feminina. Sabia desde o início que ela tinha se interessado por mim, mas comecei a observar os detalhes. As mãos dela não paravam de alisar os cabelos, o tronco ficava levemente inclinado em minha direção e o olhar não desviava dos meus lábios. Não tardou o beijo, mas foi estranho. Estava ali, naquele momento, dando um beijo em uma menina, mas a minha mente vagava longe. Era como se apenas o meu corpo estivesse ali e o meu espírito tivesse saído pra comprar uma coca-cola. Não tinha sentimento nem nada. Um aperto de mão teria surtido o mesmo efeito naquela circunstância. Pude fazer a planilha dos nossos gastos, organizar a viagem de volta e fazer uma breve retrospectiva da nossa grande aventura, tudo durante aquele beijo. Disse a ela que tinha adorado, mas que precisava ir. Nos despedimos e seguimos com as nossas vidas.

O que aconteceu confirmara o que eu já sabia. Era muito difícil gostar de alguém. Fui ao encontro dos meus amigos. Ainda estavam dormindo naquele banco desconfortável. Fiquei por ali, zelando por aqueles corpos maltratados e pensando em tudo o que tinha acontecido e no que ainda estava por vir. Senti-me um pouco sozinho, desorientado, pensando se tudo o que passamos realmente tinha valido a pena ou foi apenas um ano jogado fora. A resposta viria no seu devido tempo.

Cris acabava de acordar, pondo-se a me observar e adivinhando os meus pensamentos:

- Você tá pensando na viagem que fizemos, não é?

- É...

- Fique tranquilo. Essa foi a melhor coisa que poderíamos ter feito em nossas vidas.

- Você acha? – perguntei, no intuito de ver até onde ele estava sendo sincero.

- Acho! Você sabe que fizemos coisas incríveis, conhecemos muitos lugares, um monte de gente e o que mais valeu a pena em tudo isso... a liberdade, cara! Você ainda tem alguma dúvida?

Definitivamente, ele foi sincero. As suas palavras foram aos poucos dissipando a turbulência formada em minha mente naquele breve momento de melancolia. Começamos a observar o Jon dormindo, estava em posição fetal, desprotegido. Não era um Jon rebelde, intrépido e agitado. Era um Jon tranquilo, indefeso, quase infantil... Suas mãos unidas - em posição de oração - apoiavam a sua cabeça, ligeiramente inclinada, e da sua boca entreaberta ameaçava escorrer um filete de baba. Aquela imagem era digna de uma fotografia. Ficamos por ali, sendo vencidos pelo tempo e pelo cansaço. Não agüentamos e nos unimos a Jon num sono que durou até o amanhecer... naquele áspero banco de rodoviária.

Acordamos ansiosos pela partida. O gigantesco ônibus da Itapemerim já estava nos esperando, pronto para partir. Viajaríamos pelo tortuoso período de mais de dois dias, só que, desta vez, seria um pouquinho pior. Estávamos machucados, sujos, fedendo e com fome, pois o dinheiro que sobrou mal deu pra comprar as passagens de volta. Tentávamos dormir, mas não conseguíamos. As lembranças vinham à tona constantemente; as pessoas, lugares e momentos, fazendo-nos revivê-las e aproveitá-las mais uma vez. Tínhamos consciência de que alguma força superior nos acompanhou por toda a trajetória. Desde a decisão de partirmos até o momento em que resolvemos regressar – tudo minuciosamente bem planejado por alguém... Estávamos voltando.

XIV

Chegamos em casa. A recepção não teve fogos de artifício ou desfile em carro aberto, mas sim abraços e beijos da família e café com bolo da mamãe. Ótimo! Mas antes, ela fez o inevitável e previsível interrogatório:

- Meu Deus, meu filho... você está bem?... o que aconteceu com o seu rosto... precisamos ir a um médico... você se acidentou?... vamos ver esses curativos...

- Calma, mamãe! Está tudo bem comigo... Jon e Cris tinham ido para os seus respectivos lares. O alvoroço lá em casa durou aquele dia inteiro com todos perguntando para onde fomos, o que fizemos, onde dormíamos... Aquele tinha sido o meu momento de glória. Tinha me tornado uma lenda na família. Comecei a contar, dando rápidas pinceladas em cada assunto, com a intenção de atizar ainda mais a curiosidade dos ouvintes. Conteí das caronas que pegamos, lugares que conhecemos e trabalhamos, garotas, inseguranças, noites ao relento... À medida que ia narrando a aventura, nem mesmo eu acreditava em tudo o que tínhamos feito. Começava a ver por outro ângulo o que tínhamos vivido, analisando também pela perspectiva de quem tinha ficado. Tudo para eles era interessante, lindo, novo. Sabiam que provavelmente nunca fariam isso, mas não ficavam tristes. Muito pelo contrário, adoraram o fato de eu ter feito. Ninguém cogitou que era tudo bobagem, perda de tempo ou coisas do tipo. Sabiam que aquele era o meu momento, o meu sonho e que tudo tinha se concretizado. Perguntei o que tinham pra me contar enquanto estive fora. Apenas fatos corriqueiros. Lembrei daquele momento de confusão mental que tive na rodoviária, antes de voltar. Será que tudo tinha valido a pena? Sim, valeu. E como...

Estava cansado, fui tomar um banho. Que delícia! Toalhas felpudas e limpinhas! Coloquei o meu pijama cheiroso e fui dormir na minha cama macia, gostosa, aconchegante, logo eu que nunca pensei que iria dar tanto valor a essas coisas. Acordei cedo e resolvi dar uma caminhada, sozinho, pelo bairro. Tudo estava lá em seu devido lugar. As mesmas casas, as mesmas pessoas, os mesmos jardins e o mesmo cachorro sarnento de sempre. Cheirei as flores, dei um cafuné no pulguento e continuei. Sabia que era impossível, mas a impressão que tive era de que tudo por ali parecia ter encolhido. Na verdade tudo estava do mesmo jeito, mas diferente, sei lá. Fui até a casa de Cris. Jon já estava por lá. Cumprimentei todos da família, conversamos um pouco e carreguei meus irmãos para dar uma volta.

- Tudo parece tão pequeno, não é? – disse Cris, sempre sabendo o que eu estava pensando.

Tivemos a oportunidade de comprovar como era imenso lá fora e a sensatez de afirmar o quão insignificante éramos perante tudo isso. Tínhamos tantos lugares, cidades, vilarejos e culturas diferentes a explorar... mas sofriamos com as nossas tantas limitações existenciais.

- Uma vida ainda é pouco pra conhecer tudo... – falei, com um nó na garganta.

- É verdade – concordou Jon – É verdade...

Começamos a encontrar os velhos amigos de escola. Eram os mesmos. Perguntamos como estavam, se a vida estava boa, onde andava o resto do pessoal, essas coisas. Ficamos sabendo que alguns estavam na faculdade, outros tinham casado ou estavam namorando e a grande maioria apenas trabalhando. O lugar continuava muito tranquilo e com uma festinha ou outra de vez em quando, só pra dar uma animada. Começaram a nos contar as aventuras nos sábados e domingos à noite, das bebedeiras e dos passeios de carro cheio de mulheres a bordo. Ouvíamos atentos as histórias incríveis deles, fingindo estar gostando.

Meu Deus! Estávamos completamente deslocados, sem assuntos em comum. As conversas não faziam sentido, estávamos nos sentindo como verdadeiros peregrinos em terras pagãs. Comprovaríamos mais uma vez que tínhamos feito algo grandioso em nossas breves existências...

Levaríamos algum tempo para nos adaptarmos novamente ao ritmo bairrista. Gostávamos muito dos nossos amigos daqui e obviamente a nossa aventura não nos tinha tornado arrogantes ou prepotentes, apenas diferentes. O afastamento por todo esse tempo nos proporcionou fazer uma análise mais minuciosa e passamos a entender melhor as pessoas e o lugar onde vivíamos. Saíamos com o pessoal, tomávamos cerveja, fazíamos bagunça - claro que nos divertíamos -, mas sempre conscientes de que tudo aquilo não chegava nem perto da emoção que sentimos durante a nossa grande viagem. Sentíamos também que a amizade entre Cris, Jon e eu ficava guardada à parte do resto. À medida que o tempo foi passando, fomos ficando cada vez mais unidos. Tínhamos o privilégio de desfrutar de uma intensa e sincera amizade que perduraria, com toda a certeza, até o fim dos nossos dias. Nossos caminhos foram tomando rumo. Demos continuidade aos estudos e entramos na mesma faculdade, como não poderia deixar de ser. Fizemos cursos e estágios, assistimos a palestras, arrumamos bons empregos, tudo isso fruto, quem sabe, da

experiência, coragem e maturidade que nos foram herdados pela longa caminhada que fizemos.

"Hoje me sinto mais forte, mais feliz quem sabe só levo a certeza de que muito pouco eu sei... eu nada sei..".

Jon foi curado do seu pequeno problema de rebeldia, transformou-se em um ser humano mais sensível, mais tranqüilo e em paz com ele mesmo. Cris continua sendo aquele cara que sempre foi e que sempre está em busca de algo a mais da sua própria vida, em busca de uma evolução espiritual ou algo do tipo, sempre tentando transcender aos valores materiais e aos que não condizem com o seu modo de pensar e agir. Mas continua sendo um sonhador, um acumulador de utopias. Quanto a mim, sempre nos momentos de dificuldade ou de tristeza, tento resgatar um pouco daquela força interior, da determinação em nunca desistir, de sempre tocar em frente. Hoje, tenho a convicção de que, independentemente de qualquer coisa, um dia realizei um sonho, atendi ao apelo do meu coração que dizia o que eu deveria fazer, sem me importar com o que os outros iriam pensar ou falar. Muitas vezes damos ouvidos a vozes que ecoam justamente das pessoas que não seguiram o seu coração nos momentos-chave de suas vidas. Não deram importância à intuição, a sua voz interior em determinada época e hoje olham para trás e vêem que desperdiçaram as suas vidas. Mesmo nos meus momentos de insegurança e frustração, lembro-me de tudo o que aconteceu na viagem e resgato forças, recarregando assim as minhas baterias para poder continuar. Foi muito mais do que uma simples aventura... foi uma viagem interior. Passamos por momentos difíceis, mas sempre lutamos o bom combate. Criamos um escudo invisível que nos protegia e com tudo isso enriquecemos o nosso espírito e demos têmpera ao nosso caráter... ao longo dessa longa jornada...

Nenhum de nós mostrou interesse em seguir carreira de garçom, atendente de balcão ou assistente de cozinha. A propósito, encontramos o texto que a namorada do Cris - a Sí - declamou para nós. Não são apenas palavras, mas sim uma mensagem, uma lição de vida - chama-se Instantes de Jorge Luiz Borges.

"Se eu pudesse viver novamente a minha vida, Na próxima, trataria de cometer mais erros. Não tentaria ser tão perfeito, relaxaria mais... Seria mais tolo ainda do que tenha sido, Na verdade, bem poucas coisas levaria a sério. Seria menos higiênico. Correria mais riscos, viajaria mais; Contemplaria mais entardeceres, subiria mais montanhas; Nadaria mais rios. Iria a mais lugares onde nunca fui, Tomaria mais sorvetes e menos lentilha, Teria mais problemas reais e menos problemas imaginários. Eu fui dessas pessoas que viveu sensata e produtivamente cada minuto da sua vida; Claro que tive momentos de alegria. Mas, se pudesse voltar a viver, trataria de ter somente bons momentos. Porque, se não sabem, disso é feita a vida, Só de bons momentos, não percas o agora. Eu era um desses que nunca ia a parte alguma sem um termômetro, Uma bolsa de água quente, um guarda-chuvas e um pára-quedas, Se eu voltasse a viver, viajaria mais leve. Se eu pudesse voltar a viver, Começaria a andar descalço no começo da primavera E continuaria assim até o fim do outono. Daria mais voltas na minha rua, contemplaria mais amanheceres E brincaria com mais crianças se tivesse, outra vez, uma vida pela frente... Mas, já viram, tenho 85 anos e sei que estou morrendo."

XV

A chuva caía devagar sobre o telhado. O tempo passava pela minha janela e os dias saudavam-me na calmaria. Procurei ficar um pouco sozinho, refletindo como de costume, apenas com o silêncio da noite ou vislumbrando a luz difusa do amanhecer. É como se eu ainda estivesse cruzando, passo a passo, as longas e infindáveis estradas da nossa viagem, ora olhando para o chão, ora perdendo-me no horizonte que nunca chegava. Tomando sol, tomando chuva. O cansaço, o desânimo e a vontade de desistir nos assolando a todo instante, mas não podíamos parar. E era justamente nessas dificuldades, inerentes à caminhada, que de um lado estava Cris, sempre muito compenetrado, e de outro Jon, reclamando do cansaço e das bolhas nos pés. Mas eles sempre estavam lá, munindo-me de coragem para enfrentar os desafios. Trocávamos uma energia vital, fundamental nos momentos mais difíceis, fundamental nos dias de hoje.

A vida é isso aí... uma mistura de sentimentos e de momentos. Tudo e todos são muito passageiros em nossa trajetória. Muitas das amizades que fazemos, namoradas, colegas de trabalho. Todos vêm e vão. As únicas coisas que ficam são as lembranças, a família e os amigos verdadeiros... aqueles raros. Hoje, se tornou muito mais fácil alcançar a felicidade pela simplicidade, pelas pequenas coisas da vida. Coisas como viajar sem rumo, escalar uma montanha e ouvir Pink Floyd lá no alto; acordar bem cedo para o ver o sol nascer, andar descalço na grama verde ou estar junto dos amigos. Rir, chorar, tomar um pileque na companhia deles, coisas que trazem alegrias verdadeiras aos nossos corações e significado às nossas vidas. Isso tudo dinheiro nenhum pode comprar... Em compensação, ficou um pouco mais complicado, um pouco mais difícil sentir determinadas emoções que antes sentíamos com maior facilidade.

Hoje, talvez pelo fato de termos amadurecido, nos submetemos a riscos mais calculados, com aventuras mais sensatas, enquanto, naquela época, éramos muito mais inseqüentes. Mesmo a natureza humana tendo muitos nuances com pessoas boas e outras nem tanto, todas, sem exceção, contaram a sua história, deixaram a sua mensagem. Com isso apuramos nossas percepções, o nosso sexto sentido, a intuição com relação às situações e pessoas. Tornou-se mais fácil distinguir quais delas queriam nos ajudar e quais não. Ficamos mais espertos, mais desinibidos e mais fortes. Aprendemos a ter mais coragem nos momentos críticos e percebemos que era possível extrair força, determinação e criatividade

para superar as crises confiando, mais do que nunca, em nós mesmos. Nos tornamos mais humildes. Conseguíamos, de uma maneira espontânea, transparecer toda a nossa autenticidade e caráter. Sentíamos que as pessoas realmente queriam nos ajudar, talvez pelo simples fato de sermos honestos e sinceros em tudo o que fazíamos. Sempre seguimos à risca a premissa de nunca trocarmos nossos princípios por um objetivo. Nunca.

Amadurecemos consideravelmente no processo, nos tornando homens em toda a extensão da palavra. Abríamos constantemente as nossas mentes para coisas novas e interessantes e tentávamos ao máximo fechá-la para as coisas medíocres, aquelas muito fáceis de habitar a parte fraca das nossas almas. Levávamos uma vida primitiva e assim vencíamos, dia a dia, as infindáveis batalhas pela sobrevivência. Ainda carregávamos conosco o peso do orgulho de nunca pedir ajuda as nossas famílias. E isso, aliás, era tido por nós como a suprema derrota, fazendo com que nós nos uníssemos pela fantástica experiência de sentir na pele as adversidades do mundo. Tivemos a honra de fazer por nós mesmos e de vencer as tantas dificuldades encontradas ao longo dessa caminhada.

Tivemos a oportunidade única de perceber o quão insignificantes éramos perante a imensidão do mundo lá fora. Tomamos uma nova postura com relação ao que é realmente viver a vida. Será que existe algo que valha mais a pena do que sentir emoção? De sentir que está materializando um desejo profundo, de fazer algo que realmente seja prazeroso e que realmente valha a pena fazer? Será que faz sentido deixarmos o tempo levar os nossos sonhos embora? O que faríamos se conseguíssemos deixar o medo de lado e tivéssemos a ousadia e a suficiente determinação para seguir aquele estreito caminho onde poucos corajosos conseguem penetrar?

Com base em todas essas experiências, passamos a aproveitar mais as nossas breves existências e encará-las com mais naturalidade e confiança. Essa vida nada mais é do que uma longa estrada a ser cruzada, uma grande aventura em que poucos ousam desafiar. Os que se atrevem sentem o impacto profundo que tudo isso causa em suas vidas e percebem, dessa maneira, que estão existindo e isso mexe muito com as placas tectônicas do ser humano. Se encontramos as respostas? Talvez. Tudo isso foi muito pessoal para cada um de nós. Talvez a pergunta certa seria se isso tudo tornou nossas vidas melhores, mais felizes... e posso dizer, com toda a certeza, de que sim. Foram experiências únicas e que

marcaram profundamente a minha vida. A felicidade e a realização pessoal tornam-se quase palpáveis nas vezes em que resgato as memórias de tudo o que aconteceu naquele ano, o mais especial da minha vida. Às vezes penso: Meu Deus, e se eu nunca tivesse feito tudo isso? E se eu nunca tivesse optado por viver tais situações? Muito que provavelmente eu tentaria compensar essa carência interior, tornando-me um *workaholic* ou talvez um consumista compulsivo ou sei lá o quê. Acho que uma sensação de vazio tomaria conta de mim. Mas não. Hoje sinto que sou um ser humano único, completo e sem limites. Convicto de que tudo é possível e de que existe uma força interior em cada um de nós que nos impulsiona, nos motiva e nos move na direção exata das nossas aspirações. Pude descobrir o que eu realmente queria fazer da minha vida, no que realmente valia a pena centrar o foco e investir o meu tempo. A decisão por seguir essa incrível área – a publicitária – não veio em vão. Surgiu de muita reflexão e contato com essas tantas experiências vividas ao longo dessa viagem espiritual.

Amávamos as nossas aventuras e não ficamos limitados apenas ao dinheiro, mas única e exclusivamente ao fato de ele - o dinheiro - poder nos proporcionar as coisas que nos trazem emoções e, assim, extrair mais da nossa própria vida. O dinheiro também viabilizou o luxo de me isolar, por mais de um ano, de tudo e de todos, apenas para refletir sobre a minha própria vida e estreitar ainda mais o meu relacionamento com Deus. A solidão trouxe um pouco de sofrimento, é claro, mas junto dela também surgiu uma consciência maior sobre mim mesmo e sobre o mundo. A introspecção profunda trouxe-me a espiritualidade necessária para definir quais são as coisas que valem a pena fazer e quais não. Hoje me dedico as que realmente valem a pena... Acho que na verdade a única coisa que queríamos, com todas essas viagens e aventuras, era escancarar a alma, irmos além, sermos livres, mas sempre tendo a certeza de que a maior aventura de todas ainda está por vir...

A chuva cessava e o sol do entardecer voltava a reluzir. Era um entardecer de domingo. Caminhava tranqüilamente, perdido em meus pensamentos e no tempo... alheio às pressas do mundo, das pessoas. Sentei-me em um banco e comecei a contemplar o pôr do sol - o mesmo sol que nos acompanhou desde o início até o final da nossa grande viagem há alguns anos atrás. Um misto de alegria e nostalgia inundou o meu espírito com as recordações do passado. Lembrei-me da grandiosidade que é realizar um sonho, de fazer com que a vida passasse a ser vivida, de fazer valer a pena. Chorei. Sentia falta daquele tempo e daqueles momentos. Foi um ano em que tudo aconteceu e que marcou indelevelmente a minha vida. As lágrimas deixavam turva a enorme imagem cilíndrica e amarelada que estava a minha frente, como num sonho, tornando nítidas as minhas lembranças. Tudo o que aconteceu veio muito rápido e muito claro a minha mente, fazendo com que a emoção não me deixasse fixar em um único pensamento - emoções estas que só um homem livre consegue sentir. As lembranças dos lugares, das pessoas e, principalmente, da companhia dos meus grandes amigos, meus irmãos.

Gostaria que eles estivessem aqui, agora. Gostaria de apertar-lhes as mãos, abraçá-los... compartilhar com eles desse mesmo pôr do sol que um dia testemunhou o fim da nossa jornada, da nossa grande aventura.

Nesse momento, tudo fazia sentido. Há tempo não tinha essa sensação... e há tempo não via um pôr do sol como este.





Jeferson Biela é escritor, publicitário e empreendedor digital

<http://jefersonbiela.wix.com/jefersonbiela>

Jeferson Biela

© 2016 by Jeferson Biela

Apoio:

Alegre Seu Dia

<http://www.AlegreSeuDia.com>